Pirapora do Bom Jesus

“Dicotomia de Símbolos : o sagrado e o profano como elementos representativos da imagem da cidade”

Universidade de São Paulo
Faculdade de Arquitetura e Urbanismo - FAUUSP
Curso de Pós-Graduação
Área de Concentração: Projeto, Espaço e Cultura

Pirapora do Bom Jesus

“Dicotomia de Símbolos : o sagrado e o profano como elementos representativos da imagem da cidade”

Volume Único

Dissertação de Mestrado

Aluno: Alexandre Nascimento Salles No. USP:2212772
Orientador: Prof. Dr. Luis Antônio Jorge

São Paulo
2009

Na qualidade de titular dos direitos morais e patrimoniais de autor que recaem sobre esta dissertação de mestrado, intitulada Pirapora do Bom Jesus: *“Dicotomia de Símbolos: o sagrado e o profano como elementos representativos da imagem da cidade”*, com fundamento nas disposições da Lei No. 9610, de 19 de Fevereiro de 1998, autorizo a Universidade de São Paulo a:

- (1) Por meios eletrônicos, reproduzi-la em particular mediante cópia digital, apenas para armazená-la permanentemente na biblioteca digital de teses e dissertações da Universidade de São Paulo;
- (2) Colocá-la em alcance público a partir de data a ser estabelecida pela Universidade de São Paulo, por meios eletrônicos, em particular mediante acesso on-line pela Web;
- (3) Permitir a ela quem tiver acesso, por meios eletrônicos, em particular pela Internet, que a reproduza, e dela tire cópia, gratuita ou onerosamente, a critério da Universidade de São Paulo, a quem caberá, também, estabelecer a quantia a ser paga. Se onerosamente, repartir-se-á, meio-a-meio, por mim e pela Universidade de São Paulo a receita líquida, ou seja, o resultado da subtração em que o minuendo é a quantia paga por quem for extrair a cópia, e subtraindo são as despesas de manutenção da biblioteca digital, na proporção da parte representada pela dissertação de mestrado, intitulada Pirapora do Bom Jesus: *“Dicotomia de Símbolos: o sagrado e o profano como elementos representativos da imagem da cidade”*.

Alexandre N. Salles

Dedicatória

Para Eurípedes, Marialva e Michele, pelo apoio, compreensão e carinho de sempre.
Para Tio Tico - Sr. Oscar Marini – e família, por manterem viva a tradição da Romaria.
Para Luis A. Jorge, pelos ensinamentos, reflexões e amizade.
Ao Patrimônio Imaterial Paulista, sua pesquisa e divulgação.
E a todos aqueles que têm fé.

Agradecimentos

Prefeitura Municipal de Pirapora do Bom Jesus
Associação Santamarense dos Romeiros do Senhor Bom Jesus de Pirapora
Casa de Samba “Honorato Missé”
Prefeitura Municipal de Santana de Parnaíba
Prefeitura Municipal de Barueri

Sumário

Resumo.....	07
Justificativa.....	08
Introdução.....	08
1. Cidade- Santuário,	09
2. O Resgate cultural.....	10
3. Documentação sobre a história da cidade.....	11
4. Fundamentos Teóricos.....	11
5. Definição dos Objetivos.....	14
 Capítulo 01 – A Terra.....	 16
<i>Pirapora do Bom Jesus</i>	
1. Histórico.....	22
1.1. O Seminário Premonstratense.....	43
1.2. Estrada de Ferro Perus-Pirapora.....	53
2. Dados Atuais do Município.....	56
3. Usina Hidroelétrica Rasgão.....	65
3.1. Poluição no Rio Tietê.....	68

Capítulo 02 – O Homem.....	71
1. Bandeirante, Jesuíta; Fazendeiro e Escravo.....	72
2. Romeiros.....	77
2.1. Romeiros- Turistas.....	84
2.2 Romeiros- Sambistas.....	88
2.2.1. Maria Esther (Dona Esther).....	93
2.2.2. Geraldo Filme.....	95
2.2.3 Osvaldinho da Cuíca.....	97
 Capítulo 03 – A Peleja.....	 100
Introdução à Peleja.....	101
A Peleja e a Peregrinação Religiosa	104
Conclusões Finais.....	118
 Bibliografia.....	 120
 Anexos.....	 130

Resumo/ Abstract

“Pirapora do Bom Jesus: Dicotomia de Símbolos – o sagrado e o profano como elementos representativos da imagem da cidade”.

Propõe-se para o objeto de pesquisa, Pirapora do Bom Jesus, a análise da simbologia contida no sagrado e no profano, reconhecida através da leitura da cidade e de seus espaços, de suas características culturais e históricas. Tais elementos são configurados como formadores da imagem da cidade e de sua representação urbana.

Palavras-chave: dicotomia, símbolos, sagrado e profano, imagem da cidade, manifestações culturais, representação urbana, romaria.

“ Pirapora do Bom Jesus: Dichotomy of symbols – the sacred and profane as representative of the image of the city ”.

It is proposed for the object search, Pirapora do Bom Jesus, the analysis of symbology contained in the sacred and profane, recognized by reading the city and their spaces, their cultural and historical characteristics. Such informations are configured as elements of composition of the image of the city and its representation.

Keywords: dichotomy, symbols, sacred and profane, image of the city, cultural events, urban representation, Christian pilgrimage.

Justificativa

*"A presença do santuário significa
uma modificação sensível na percepção do espaço,
dando fim, inicialmente, a um estado de relativa indeterminação.
Este espaço é doravante organizado,
repartido e a fronteira entre o sagrado
e o profano é nitidamente traçada"*

(CLAVAL, P. La Theme de la Religion dans les
Études Géographiques.
Géographie et Cultures, 2, 1992, p.102.)

Partindo-se da análise do desenvolvimento urbano e histórico de Pirapora do Bom Jesus, buscou-se estabelecer elementos de análise, capazes de reconhecer através do entendimento da fronteira entre os símbolos – do sagrado e do profano, a possibilidade de estabelecimento de um caminho de reconhecimento e identificação do lugar e de sua memória.

A pesquisa, utilizando a percepção como agente norteador, propõe a captação de signos que podem auxiliar em uma nova interpretação da realidade da cidade. Isso permitirá o reconhecimento de problemáticas urbanas, e da necessidade de ações culturais interventivas. Amparado na semiótica do ambiente urbano, visa reconhecer na convergência das características físicas, usos e transformações urbanas, a produção de uma *teoria do espaço urbano* da cidade de Pirapora do Bom Jesus. Esta teoria tem como objetivo contemplar e identificar as variações refletidas no espaço urbano, derivadas das manifestações socioculturais ocorridas.

A proposição desta teoria pode revelar um sistema de análise urbana, que poderia ser aplicado no entendimento das relações espaciais com as produções projectuais dentro da arquitetura e do urbanismo, revelados através de elementos ligados às manifestações socioculturais, ao imaginário urbano, a identidade dos lugares e sua memória.

1. Cidade- Santuário

“Pirapora do Bom Jesus foi fundada em 06 de agosto de 1730. Torna-se Distrito com a denominação de Pirapora em 17 de agosto de 1892, em terras de Santana de Parnaíba. Em 30 de novembro de 1944, sua denominação foi alterada para Pirapora do Bom Jesus e, apenas em 18 de fevereiro de 1959, foi elevada a Município autônomo. Inicialmente, figurou como um vilarejo missionário, e sua importância esteve sempre atrelada a sua função religiosa. Ao abrigar uma imagem do Senhor Bom Jesus, encontrada às margens do Rio Tietê, passou a ser um pólo de atração de romeiros em constante movimentação”.

Pirapora do Bom Jesus é uma cidade-santuário. E como tal, tem a história de sua ocupação urbana atrelada à vocação religiosa de seus espaços. Seus edifícios, suas ruas e praças, entre outros elementos de reconhecimento urbano, revelam claramente, as manifestações socioculturais derivadas desta característica. É identificada com centro de peregrinação, onde legiões de romeiros interessados em comprovar a eficiência do santo, acumularam histórias de curas espantosas, as quais ajudaram a reforçar o mito. Na década de 60, Pirapora do Bom Jesus já havia conquistado um posto de destaque entre os santuários milagrosos, com um número de devotos apenas inferior ao Santuário de Aparecida do Norte. O habitante deste município, localizado a 51 km ao sul de São Paulo, acostumou-se a recepcionar em suas praças, milhares de fiéis de todo o Brasil. Diferente da dinâmica habitual da cidade em dias normais, durante os finais de semana e na data de aniversário do Bom Jesus, apresentam multidões coloridas, que chegam à cidade a pé, de bicicleta, de automóvel, de ônibus, com animais e até barcos de acordo com o que fé e o credo individual precedem cânticos religiosos e além de “barracas” comercializando de vela à comida.

A cidade assumiu outra face de reconhecimento de sua vocação religiosa - o turismo. Porém mesmo com ações direcionadas ao atendimento da demanda desta população transitória, que migra para a cidade em dias de romaria, a infra-estrutura da cidade, tem padecido sobre a solicitação da mesma. A paisagem urbana tem transformando-se, para não dizer se degradado, justamente pela relação que é estabelecida por esta população: o intuito de visitar a cidade é puramente religioso, ou seja, a relação de tempo de interação com o espaço é limitada, pois dura somente o tempo da interação com o sagrado. O visitante não tem vínculo com o espaço urbano, com o espaço cívico, por isso não se sente responsável pelo mesmo, contribuindo para a depreciação do mesmo. Soma-se a isto, o agravamento nos dias atuais da poluição do Rio Tietê – com suas espumas – que tomaram a atmosfera de Pirapora, em maio de 2003. Estes elementos têm promovido uma queda considerável do movimento dos romeiros nos últimos anos para a cidade. O resultado é a profanação do espaço sagrado.

2. O Resgate cultural

“As romarias em devoção ao Bom Jesus atraíam em agosto muitas famílias negras, em sua maioria, que rezavam durante o dia e à noite se reuniam para fazer o samba”, como diz o historiador Marcelo Manzatti. Segundo ele, os encontros musicais aconteciam com os negros que se reuniam em barracões localizados na entrada da cidade, onde dançavam e tocavam de uma maneira particular, demonstrando suas crenças. De acordo com a história, a manifestação originou-se da repressão que a Igreja Católica criou para não misturar os brancos e os negros. A Igreja construiu barracões onde os negros podiam festejar o aniversário do Bom Jesus, comemorado no dia 06 de agosto. Em 1928, o samba de roda começou a deixar os barracões e se demonstrado nas ruas da cidade.

“Lá no barraco tudo era alegria/ nego batia na zabumba e o boi gemia...”. Trecho do samba Batuque de Pirapora, de Geraldo Filme, relata o tipo de samba que era feito em Pirapora. Este samba com bumbo e zabumba é uma modalidade típica do samba paulista cuja denominação varia de acordo com o local e a época da prática. Possui traços que os aproximam do jongo e do batuque, seus parentes mais próximos e por muitos considerados seus antecessores. Além destes instrumentos, era marcado também pelo improviso poético e pela coreografia. De acordo com Manzatti, a maior reunião de grupos que praticavam este tipo de samba aconteceu em Pirapora de 1900 a 1950, sempre em agosto, época da festa do Bom Jesus. ‘Eram grupos vindos de Botucatu, Rio Claro, São Simão, Itapira, Sorocaba, Tietê, entre outras’. A festa profana foi ganhando vulto e a Igreja interditou os barracões para não permitir mais o samba. Paralelamente ‘a derrubada dos barracões, a festa profana foi se tornando decadente e os grupos de samba rurais foram desaparecendo da memória dos sambistas urbanos.’”

A questão do resgate cultural de Pirapora do Bom Jesus tem sido novamente discutida por grupos e associações culturais, justamente pelo reconhecimento da cidade como berço do samba rural paulista. Mário de Andrade (ANDRADE, Mario de. *O samba rural paulista*. In: Revista do Arquivo Municipal. Ano IV. Volume XLI. São Paulo. Departamento de Cultura, 1937) relatava em seu artigo que “(...) *Na praça principal é possível apreciar o tradicional samba de roda de Pirapora, considerado como a raiz do samba paulista (...).*” Este resgate não está somente ligado à questão do samba como manifestação cultural, mas também como fenômeno social. No texto acima citado, do historiador Marcelo Manzatti, é possível reconhecer alguns traços da sociedade local e dos aspectos urbanos da época. Elementos como estes, tornam-se extremamente necessários para a composição de um panorama histórico evolução da ocupação urbana de Pirapora do Bom Jesus.

Outra vertente está ligada ao imaginário popular figurado nas manifestações de cunho religioso. São reconhecidos como elementos de representação simbólica da fé: o pagador de promessa com sua cruz extensa, decorada e repleta de significados, os cavaleiros do Bom Jesus, ex-votos, cânticos, histórias de curas milagrosas, andores, oratórios, entre outros elementos simbólicos.

Enfim, a recuperação e ordenação destas informações acabam por promover a recuperação da memória e da identidade do lugar por parte dos habitantes e visitantes de Pirapora, pois fornece elementos de reconhecimento entre estes e os espaços urbanos, e suas manifestações socioculturais. Esta relação da cidade-santuário com a cidade-berço-do-samba-rural-paulista, promove a possibilidade do estabelecimento de outra possibilidade de análise da dicotomia simbólica entre o sagrado e o profano.

3. Documentação sobre a história da cidade

A existência de pouca referência bibliográfica sobre a cidade traz para discussão, de que forma tem sido documentada evolução urbana e histórica da cidade de Pirapora do Bom Jesus. Percebe-se que, em função de sua vocação religiosa, esta característica acaba sobressaindo-se perante 'as questões relativas ao contexto urbano. Até mesmo sobre as deficiências apresentadas pela cidade na tratativa dos problemas gerados pela ineficiência da infra-estrutura de apoio ao turismo religioso além da questão da poluição ambiental, que já tem colocado a cidade, em posição de destaque em relação aos efeitos da mesma.

São raros, os trabalhos já publicados que abordam questões econômicas, sociais, culturais, ambientais, entre outras, que se fazem imprescindíveis ao entendimento do processo urbano e da dinâmica de ocupação da cidade até os dias atuais. As informações existentes estão pulverizadas em fontes diversas e apresentam muitas vezes conflitos de conteúdo e imprecisão de dados – como datas, por exemplo, gerando algumas lacunas na compreensão da história da cidade. Há a necessidade de organização destas informações, mas também, de se estabelecerem pesquisas, com o intuito de fornecer dados de conexão para uma conclusão mais precisa sobre o processo de desenvolvimento urbano de Pirapora do Bom Jesus. Estes dados poderão ser representativos e decisivos futuramente, pois permitirão procedimentos projectuais mais coerentes e conscientes, condizentes com a realidade e o histórico da cidade.

4. Fundamentos Teóricos

Para o entendimento do sistema proposto de abordagem da cidade de Pirapora do Bom Jesus, fundamentado no objetivo de fornecer novos elementos interpretativos de uma realidade urbana, faz-se necessário o reconhecimento dos conceitos que serão utilizados na condução da pesquisa.

4.1 Percepção Urbana

A semiótica do ambiente urbano procura pesquisar a relação entre três unidades básicas e interdependentes: as características físicas, o uso e a transformação do ambiente urbano, ou seja, pelo método científico tem-se: percepção, leitura e interpretação.

A percepção urbana é uma prática cultural que concretiza certa compreensão da cidade e se apóia, de um lado, no uso urbano e, de outro, na imagem física da cidade, da praça, do quarteirão, da rua, entendidos como fragmentos habituais da cidade. Uso e hábito, reunidos, criam a imagem perceptiva da cidade que se sobrepõe ao projeto urbano e constitui o elemento de manifestação concreta do espaço. Entretanto esta imagem, porque habitual, apresenta-se homogênea e ilegível. (FERRARA, Lucrecia D'Alessio. *Olhar Periférico*. São Paulo, Edusp, 1993).

Decodificar o urbano significa entender a sua lógica, e de reconhecer o modo de formar que o identifica. Entende-se este conceito como percepção urbana, e também como modo de reter e gerar informações sobre a cidade. Percepção é informação.

A cidade enquanto organismo vivo é refratária a qualquer atividade planejada que a congele, ao contrário, o grande desafio do seu planejamento consiste em incorporar, preditivamente, as possíveis alterações urbanas, abandonando pretensões de soluções estáveis ou necessariamente corretas. É necessário operar com a dúvida e a incerteza, esse é o desafio científico da cidade que se transforma processualmente, a partir de impactos ambientais que sobre ela se deslocam e modificam física, social e culturalmente.

Segundo Ferrara, neste sentido, o ambiente urbano é aquele que decorre de impactos ambientais físicos, econômicos, políticos, sociais ou culturais, e que se fazem perceber através de sinais, marcas e índices dispersos em micro ou macrorregiões da cidade e que passam a ser os signos de representação do urbano.

Cientificamente, a apresentação desses signos dispersos na cidade exige, epistemologicamente, uma leitura mais dinâmica e criativa, que se relacione àquelas marcas e sinais para integrá-los num conjunto que, não raro, revela uma cidade invisível e indizível, avessa à imagem que dela se consome.

4.2 Imagem da cidade e Representação Urbana

A imagem da cidade é conhecida como um fragmento ordenado e exemplar; a representação urbana surge como um simulacro a expor as fissuras e contradições da cidade que desafiam o conhecimento e a ação.

A representação urbana é caracterizada na medida em que o homem-interpretante for capaz de produzir sobre os signos que povoam a cidade, um juízo perceptivo que o encaminhe para uma ação crítica e interveniente sobre o urbano. A aprendizagem através da experiência, da captação da informação que decorre do modo concreto das manifestações urbanas, marca a distinção entre a imagem da cidade e representação urbana, entre a cidade de ontem e a cidade de hoje na contradição que supõe que toda imagem é representação, mas nem toda representação é imagem.

Na realidade, enquanto linguagem a imagem da cidade enfatiza seu caráter de signo representativo da aparência da cidade, possível de ser concreta e ideologicamente construída, mas não necessariamente similar à cidade que abriga o cotidiano dos seus habitantes e seu modo de vida. Neste sentido, a imagem da cidade surge como paradigma de uma cidade que se constrói como metáfora de uma idéia.

A imagem mental que se registra da cidade concentra-se num requisito básico: a sua qualidade visual. Ela acaba por ser a condição de percepção, entendida exclusivamente visual e responsável pela possibilidade de transformar a cidade em um conjunto de pontos claramente registrados e, portanto, marcados por um rápido e imediato reconhecimento.

A cidade é um espaço de representação, ou seja, "(...) representar algo para alguém. Dirigi-se a alguém, isto é, cria na mente dessa pessoa um signo equivalente, ou talvez um signo mais desenvolvido" (PEIRCE, C.S., *Collected Papers*, Cambridge, Harvard PRESS, 1974, 2.228).

4.3 Sagrado e Profano: tematização

A religião nunca é apenas metafísica. Em todos os povos, as formas e os objetos de culto são rodeados por uma aura de profunda seriedade moral. Todo o lugar sagrado contém em si mesmo um sentido de obrigação intrínseca. Ele não apenas encoraja a devoção como a exige, não apenas induz a aceitação intelectual como reforça o compromisso emocional do devoto.

No dicionário define-se profano como algo "não pertencente à religião", "não sagrado", "secular"; enquanto que sagrado é algo "concernente às coisas divinas, à religião, aos ritos ou ao culto", "inviolável" ou "santo".

A introdução dos conceitos de sagrado e profano ampara-se na dicotomia dos símbolos: um conceitua-se, revela-se, pela existência e pelo desdobramento de significados do outro. São antagônicos, mas complementares.

Para Durkheim (DURKHEIM, E. *As formas elementares da vida religiosa*. São Paulo, Martins Fontes, 1996), o sagrado é o traço essencial dos fenômenos religiosos, tratando-se de um sentido que se define pela oposição ao profano. Sagrado e profano fariam de dois mundos contrários, em torno dos quais gravita a vida religiosa.

As coisas e seres sagrados, segundo ele, protegeriam o indivíduo e a comunidade das interdições, enquanto os seres e coisas profanas seriam os elementos submetidos às interdições, e só entrariam em contato com os primeiros através de ritos prescritos pela crença que sustenta essa divisão do mundo. O sagrado seria um anseio de potência, de uma energia que agiria sobre o profano. Este é um vértice no estudo da religiosidade que procura compreender a organização social, a partir de algumas categorias utilizadas como referenciais.

Para Eliade (ELIADE, Mircea. *O sagrado e o profano: a essência das religiões*. São Paulo, Martins Fontes, 1992), a primeira condição para se entender as concepções de sagrado e profano, é considerar o homem um ser essencialmente religioso (*homo religiosus*) para quem Deus não é uma idéia, uma noção abstrata, uma alegoria moral e sim um poder terrível que pode se manifestar.

A partir dessa primeira premissa é possível entender o papel das religiões em todas as sociedades e o poder que elas exercem sobre a visão de mundo dos diversos grupos sociais. Assim, sagrado e profano constituem duas modalidades de ser no mundo, duas situações existenciais assumidas pelo homem ao longo de sua história.

Mircea coloca como uma primeira definição do sagrado, também como uma oposição ao profano, sendo assim, o homem toma conhecimento do sagrado porque este se manifesta e se mostra como qualquer coisa absolutamente diferente do profano. Ao ato de manifestação do sagrado, ele propõe o termo hierofania - algo de sagrado que nos é mostrado, exemplo: a manifestação do sagrado num objeto qualquer. Algo diferente de uma realidade que não pertence ao nosso mundo, mas que faz parte do nosso mundo profano.

Por mais difícil que seja para o homem contemporâneo das civilizações urbanas e industrializadas entender racionalmente essas manifestações, é possível compreender que não se trata da veneração da pedra ou da árvore e sim que ao manifestar o sagrado, esse objeto torna-se outra coisa e continua a ser ele mesmo, porque é parte integrante do meio cósmico em que ele vive. Este pensamento é naturalmente assimilado pelos grupos sociais primitivos e tendem a viver o mais possível nessa realidade do sagrado.

O sagrado equivale ao poder e, portanto à realidade. Logo, potência sagrada significa ao mesmo tempo, realidade, perenidade e eficácia. A oposição sagrado/profano é na realidade a oposição entre o real e irreal. O homem religioso deseja ardentemente ser e participar da realidade e saturar-se de poder.

O sagrado e o profano como realidades opostas tornam-se perceptíveis e visíveis nos espaços, sejam eles urbanos ou rurais. Templos e casas são fundamentalmente espaços ditos sagrados, uma vez que participam de um espaço diferente do lugar onde se encontram. A porta passa a ser o limiar que separa os dois espaços e indica a distancia entre os dois modos de ser, profano e sagrado. A porta, o limiar, são símbolos e meios de se fazer a passagem que deverá ser ritualizada. No interior do espaço sagrado, o mundo profano é transcendido e é aí que se torna possível a comunicação com o sobrenatural; o templo em todas as religiões torna-se o meio de comunicação com o mundo divino.

No estudo elaborado por Tuan (TUAN, Yi-Fu. *Sacred Space. Exploration of an Idea*. In: BUTZER, K. (org.) *Dimension of Human Geography*. Chicago, The University of Chicago), o sagrado é tudo que se destaca do lugar comum e da rotina. Naturalmente, nem tudo que é excluído espacialmente é espaço sagrado e nem toda interrupção da rotina é uma hierofania. A palavra sagrado significa separação e definição, sugere sentido de ordem, totalidade e força. Sagrado, por si só, é um conceito religioso. Espaços sagrados são espaços qualitativamente fortes onde o sagrado se manifestou. E para o homem religioso essa manifestação pode estar contida em um objeto, em uma pessoa, em inúmeros lugares. Para o homem religioso, a natureza não é exclusivamente natural, está sempre carregada de um valor sagrado.

A idéia de que existem espaços sagrados e que pode existir um mundo no qual as imperfeições estarão ausentes, conduz o homem a suportar as dificuldades diárias. O homem não somente suporta as infelicidades da vida, como também é conduzido a imaginar realidades mais profundas, realidades mais autênticas que aquelas que seus sentidos revelam. O homem consagra o espaço porque ele sente necessidade de viver em um mundo sagrado, de mover-se em um espaço sagrado.

Muitos estudiosos propõem o estudo do espaço por meio da análise do sagrado, desvendando sua ligação com a paisagem e com a linguagem codificada pelo devoto em sua vivência no espaço.

Os padrões de transformações impostas pelas atividades religiosas, sua maior ou menor impressão no espaço, estão fortemente relacionados com os aspectos culturais da comunidade, de tal modo que o espaço pode ser percebido de acordo com os valores simbólicos ali representados. Tudo é potencialmente sagrado, mas apenas em alguns lugares escolhidos o potencial é realizado. A manifestação de poder do sagrado em determinados lugares o diferencia dos demais lugares. O poder do sagrado pode ser atraente, tornando o lugar um centro convergente de crentes, ou pode ser apavorante e repelente, tornando o lugar tabu, considerado maldito. (ROSENDAHL, Zeny. *Geografia da Religião: uma Proposição Temática*. Artigo publicado na revista GEOUSP _ Espaço e Tempo, São Paulo, Nº 11, pp.9-19, 2002). A visita aos lugares sagrados, especialmente no cristianismo, está associada à prática de peregrinação. Rodendahl também destaca que, a definição de um lugar como sagrado reflete a percepção do grupo envolvido e, uma vez que a percepção varia de grupo para grupo, dificilmente se pode generalizar sobre os princípios de lugar sagrado.

Acredita-se que os estudos baseados na experiência religiosa pessoal e os que evidenciam o sentido de lugar são importantes por fornecerem a dimensão espacial do sagrado e permitirem a compreensão dos problemas mais específicos da valorização subjetiva, tais como os da percepção e de consciência do espaço, assim como de suas formas de representação.

5. Definição dos Objetivos

A proposta de pesquisa sobre a cidade Pirapora do Bom Jesus, através da semiótica do ambiente urbano, visa reconhecer na convergência das características físicas, usos e transformações urbanas, a produção de uma **teoria do espaço urbano** enquanto sistema de produção cultural de linguagem que rompe com a característica idealista do espaço projetado, para transformá-lo em manifestação sociocultural que supera sua concepção abstrata, conceitual (FERRARA, Lucrecia D'Alessio. *Olhar Periférico*. São Paulo, Edusp, 1993). No caso de Pirapora do Bom Jesus, este rompimento entre espaço projetado e espaço manifestado, deriva da dicotomia dos símbolos do sagrado e do profano, reconhecidos como elementos representativos da imagem da cidade, através da manifestação concreta do espaço.

O delineamento desta teoria permite o estabelecimento de três aspectos necessários ao reconhecimento da relação do objeto de estudo, Pirapora do Bom Jesus, com a linguagem que se visa estabelecer:

1. Percepção: revelação de informações a partir de captações sobre a paisagem urbana;
2. Leitura do espaço e do ambiente urbano;
3. Interpretação das manifestações e características culturais e informacionais da cidade.

A interpretação das características culturais e informacionais de Pirapora do Bom Jesus, desde o seu reconhecimento como cidade-santuário e centro de peregrinação até os problemas sociais e urbanos derivados desta “estigmatização”, constitui a contribuição da semiótica aos estudos urbanos e se apresenta como objetivo fundamental desta pesquisa.

A percepção e a leitura do ambiente urbano, como instrumentos de sua interpretação, trazem para a ação sobre a cidade parâmetros mais reais enquanto significado do espaço para o seu usuário. A cidade é um impacto informacional e, assim compreendida, sugere outras atuações intervenientes: uma cidade adequada ao seu uso. (FERRARA, Lucrecia D'Alessio. *Olhar Periférico*. São Paulo, Edusp, 1993).

A definição deste objetivo vai de encontro com a problemática da pesquisa, bem como da formulação de suas hipóteses, centrados na questão de que a cidade adquire identidade através do uso, do hábito e das manifestações culturais que conformam o ambiente, criando a imagem perceptiva da mesma.

capítulo 01

A terra

“ Euclides descreveu o sertão baiano em A Terra. Iniciou explicando o relevo do Planalto Central brasileiro. Depois descreveu a paisagem sertaneja: seca, dias quentes e noites frias, cheia de árvores sem folhas e espinhentas...”

Capítulo 01 – A Terra

*“Ah, tem uma repetição, que sempre outras vezes em minha vida acontece.
Eu atravesso as coisas - e no meio da travessia não vejo! – só estava
era entretido na idéia dos lugares de saída e de chegada”
(Grande Sertão: veredas – Guimarães Rosa)*

Pirapora do Bom Jesus - Aero foto Obliqua – 1950
Fonte: Emplasa

Pirapora do Bom Jesus - Aero foto Obliqua – 1939/40
E.N.F.A.

Fonte: Acervo IGC

PIRAPORA, Senhor Bom Jesus de. Capela e arraial situados a ONO da Capital no distrito da vila de Parnaíba, a 02 léguas ou 11,1 quilômetros além dela, e 8 ½ ou 47,1 quilômetros distante da cidade de São Paulo. A capela foi fundada por José de Almeida Naves a 31 de maio de 1730, por escritura que se passou no cartório do tabelião de Parnaíba, e que pelo qual doou 200 braças ou 444m4 de terra em quadra e mais 200\$ em dinheiro, que ficariam em sua mão vencendo o juro de 6 ¼% ao ano, como se vê do livro de notas do tabelião que serviu naquele ano. A solenidade de orago tem lugar anualmente no dia 06 de agosto com grande concorrência, que em alguns anos sobe de 6 a 8000 pessoas. Com o produto das esmolas foi reedificada, ou antes, construída, uma nova igreja, com solidez e capacidade, no mesmo lugar da velha capela. Neste Bairro, foram criadas duas cadeiras de instrução pública primária para ambos os sexos.

MARQUES, Manuel Eufrásio de Azevedo. “Apontamentos da Província de São Paulo” – Tomo II, pág. 174.

Pirapora do Bom Jesus - Aero foto Obliqua – 1957
Fonte: Maria Cecília França

PIRAPORA DO BOM JESUS – dados de emancipação

Lei Nº 66 de 17/08/1892: *Cria o distrito de Pirapora, no município de Santana do Parnaíba.*

Decreto-lei Nº 14.334 de 30/11/1944: *Altera a denominação para Pirapora do Bom Jesus.*

Lei Nº 5285 de 18/02/1959: *Cria o município.*

Fonte: Municípios e Distritos do Estado de São Paulo - IGC, 1995.

Mapa do Estado de São Paulo – 2006

Fonte: MULTIMAPAS

Mapa do Estado de São Paulo – 2006

Fonte: EMPLASA

PIRAPORA DO BOM JESUS – dados administrativos

Município do Estado de São Paulo, na Região Metropolitana da capital, microrregião de Osasco. A população estimada em 2003 era de 13.762 habitantes e a área é de 108 km², o que resulta numa densidade demográfica de 127,43 hab/km².

Seus limites são Cabreúva e Jundiá a norte, Cajamar a leste, Santana de Parnaíba a sul e Araraquama a oeste.

Par Estereoscópico de fotografias de Levantamento Aerofotogramétrico. São Paulo, 1962.
Fonte: AFA – Arquivo de Fotografias Aéreas do Departamento de Geografia da FFLCH-USP.

Pirapora do Bom Jesus

1. Histórico

Pirapora localiza-se na região de Parnaíba, cuja importância antecedeu o século XVII, quando os colonizadores portugueses estabeleceram as frentes de penetração através do território paulista. Os chamados “Sertões de Parnaíba”, a oeste do Planalto de Piratininga, deram passagens aos bandeirantes que utilizavam o Rio Tietê como o seu principal elemento físico de orientação. O primeiro desbravador das terras que hoje pertencem à Pirapora foi o mameluco Afonso Sardinha, explorador da terra do Voturuna. O Morro Voturuna, localizado entre os municípios de Santana e Pirapora do Bom Jesus, também chamado de Morro Negro, era o ponto de partida dos bandeirantes, e o núcleo minerador da Capitania de São Vicente. Era um dos mais conhecidos pontos de extração de minérios¹ de São Paulo, já em fins do século XVI, e foi o local onde em 1590, Sardinha registrou ter descoberto “ouro de lavagem”.

Vista Geral do Morro Voturuna – 2001

Fonte: Site Oficial do Município de Pirapora do Bom Jesus²

“O morro negro - Mina trabalhada a beta, porém, para nada se perder do Voturuna. - era contornado por um rego que recebia toda agua e a canalisava para o lugar ainda hoje chamado “Lavras”, onde os mineiros recebiam o ouro nas suas batêas eo separavam das areias. Dizem ter sido feito este trabalho de circumvalação do morro pelo capitão Guilherme Pompeu de Almeida, dono daquela zona.

¹ Ver Anexo 1 sobre Trecho de “Cultura e opulência do Brasil”, de Visconde de Taunay (Alfred d'Escagnolle Taunay).

² www.piraporadobomjesus.sp.gov.br – consulta feita em Abril 2006.

Quantas vezes, à tardinha, passei ao pé desta montanha escura e lembrava-me daquelles tempos de trabalho exaustivo em busca de ouro. Também eu voltava de uma lavra bem mais preciosa, fôra descobrir o ouro finissimo de tantas almas santas e polil-as pelos sacramentos, para o brilho eterno no céu. (...) As graphias são variadas: Ivuturuna, Buturuna, Vuturuna e Ibituruna, todas encerrando significado de Ibitira - una, que quer dizer monte negro ou nuvem negra."

Com a exploração de minérios no início do século XVII, em Mato Grosso, Goiás e Minas Gerais, intensificou-se a importância viária do Rio Tietê através das Monções - expedições bandeirantes organizadas em grupos de canoas, que partiam perto das cheias do rio para facilitar a passagem pelos obstáculos naturais. As Monções partiam de Araraitaguaba, atualmente Porto Feliz, localizada a jusante do Tietê e abaixo de Pirapora. Os monçoeiros que vinham de Parnaíba seguiam por trilhas até o porto de embarque, contornando o trecho acidentado do rio e passando por Pirapora.

Tais expedições eram vitais para o transporte de homens e também para o patrulhamento das regiões auríferas pelos paulistas, que, passaram a dificultar a abertura de novas vias terrestres, o que tornava mais eficiente o controle do trânsito pela via fluvial.

"Os habitantes, fascinados pelo ouro, adquiriram suas batéas. (Batéa era um vaso de madeira, verdadeira gamella paulista, usada para lavagem do minério). As areias lavadas deixavam as migalhas de ouro na gamella. Collocava-se o ouro em canudos especiaes. "Cada mireiro pagava de imposto um tanto por gamella em operação de lavagem de ouro. Cada trabalhador, tendo sua gamella, o imposto por batéa representava um imposto pessoal" ³

Sobre o minério Parnaibano e seus ribeirões⁴, temos a descrição feita por José Bonifácio de Andrada e Silva:

"Daquelle sitio nos dirigimos para a villa de Parnahyba, e seguindo algumas veredas d'ouro, que merecessem mais exame, chegamos a um outeiro, que se pega a outro chamado Vacanga, em que achamos mineraes do ferro vermelho (werner), muito compactos e pesados.

O outeiro que se segue é inteiramente composto de camadas, ou bancos de schisto argiloso se estende uma formaçã de grés. Depois de descer a encosta para a banda do rio Tieté, se começa a ver uma especie de piçarra vermelha e nas quebradas visinhas, resto de antigas minas d'ouro. A constante tradição diz que foram trabalhadas pelos habitantes de Parnahyba.

Passamos a ponte do Tieté e subindo os primeiros outeiros achamos cascalho vermelho em um ribeirão, que desagua no Tieté. Não nos deu nenhum signal d'ouro. Continuando a subir e descer as collinas, chegamos a outro ribeiro, que tambem nos não deu ouro.

Continuando as mesmas subidas e descidas chegamos a um terceiro ribeiro que rolava sobre cascalho cinzento, que nos deu boa pinta d'ouro, posto que por falta de alavancas e pás não podemos fazer as indagações ou pesquisas que desejavamos.

Este ribeiro, o antecedente e os outros, formavam a corrente do Jaguary, que desagua no Juquery, perto da fazenda do bispo de S. Paulo.

O Jaguary, se nos referirmos às noticias que se nos deram, e aos trabalhos feitos em varios pontos do seu curso, antes de sua junção com o Juquery, é todo aurifero. Do mesmo modo o é o Juquery, e ambos merecem ser melhor pesquisados. Além do que o Juquery pode-se fazer navegavel em todo elle, tanto antes, como depois de sua junção com o rio Mirim, que desemboca no Tieté.

³ Notas para História de Santana de Parnaíba - II Parte – Século XVII – "Mineradores" in Genealogia e História para Sant'Anna de Parnahyba (www.rootsweb.com).

⁴ Descrição feita por José Bonifacio de Andrada e Silva in *Viagem Mineralógica na Província de S. Paulo*, página 12 do Apêndice do "Manual de Geologia Elementar", de Nereo Baubée, Rio de Janeiro, 1846.

Proseguindo o nosso caminho, chegamos ao quarto barranco, ou ribeiro, cujo leito e duas margens já foram pesquisados e deram muito bom ouro.

A chuva embarçou que pesquisássemos outros ribeiros, que atravessam e desembocam no Jaguary. O nosso conductor nos certificou que havendo pesquisado seu irmão um delles achara não só ouro, mas igualmente um metal branco em grãos como chumbo de munição, que suppoz ser prata e que eu Julgo ser algum desses novos metaes, que acompanham a platina; o que é tanto mais para suppôr, como creio, porque ha platina não só no districto de Minas-Geraes, de que possuo muito boas amostras. Cumpre-me notar, que a maior parte de esmeril dos cascalhos e piçarros auríferos de todos os lugares, que desde São Paulo observamos, em varios veios quartzosos, principalmente nos de côr cinzenta, que cortam o grés e a pigarra superior, e finalmente nos bancos de schisto argilosos e micaceo, que formam a ossada de diferentes montanhas da Serra do Japy, sempre achamos um metal branco em diminutas particulas, mui difficil de separar do esmeril aurifero pela batêa. attenta a sua igual gravidade especifica. Ensaizando aquellas particulas com acido nitrico não se dissolveram.

Sendo iridium paro, ou o esmiuro de iridium que parece ordinariamente acompanhar o esmeril aurifero, a que observei tambem nas minas de ouro de lavages da Adiga.

Tinha notado aquella metal no esmeril aurifero daquela mina, Que descrevi, e lavar na costa apposta a Lisboa, de outro lado do Tejo, como se pôde ver nas Memorias da Academia Real das Sciencias de Lisboa. Todos os terrenos á roda de Parnahyba formam uma continuação de elevações e de colinas mais ou menos altas e conicas separadas por pequenas quebradas e valles.

No meio daquelles valles e outeiros, ao longo dos ribeiros, e onde as mattas são mais bastas, está a villa de Parnahyba, situada sobre a margem esquerda do Tieté. É pequena, mas habitada por um povo "bom e virtuoso", que monta a 2.300 almas. Recolhe 600 contos de réis de mineraes. Quanto á agricultura reduz-se á mandioca, milho, feijão, canna, de que fazem assucar, aguardente e rapadura.

Ha vinte annos que a população não augmenta pela continua emigração de seus habitantes, que do povoar as novas villas de São Carlos, Piracicaba e - outras do sertão. (S. Carlos aqui é o primitivo nome de Campinas).

A villa de Parnahyba, situada quasi no centro de um vasto districto aurifero entre as minas do Jaraguá, Japy, Pennuduba, Monserarte Aberta, Boturuna, Piedade, Pirapóra e outras, é muito propria para se formar um centro metallurgico e estabelecer uma Administração Geral.

Afóra o ouro, podiam-se extrahir abundantes mineraes de ferro hematítico, vermelho e branco, excellente ferro magnetico da rica mina de Pirapóra, e é provavel que entre os seus contornos se achem alguns que encerrem metaes uteis.

Depois de termos assistido aos Officios da Semana Santa, sahimos da villa para visitar os lugares da Pirapora e Betoruna.

Partimos para Pirapóra sabbado de Alleluia, e experimentamos com a batea todo os ribeirões adjacentes, dos quaes só deram signaes de ouro, o Itahimirim e outros que não tem nome, mas que pode ser conhecido, por uma matta de jacarandás situada na vertente da collina de Botoruna.

Chegados á capella do Bom Jesus, tornamos a encontrar o Tieté, onde pesquisamos, e não ha vestigio d'ouro, talvez por causa da enchente do rio, que não permite tirar areia do leito. Antes de chegar á Igreja encontramos muitos pedaços de excellente mineral de ferro, cor de sangue de boi, e vermelho, que pousa sobre bancos de grés, tanto de grão fino, como grosso, com o qual talvez alterna. Dalli fomos examinar um cume de mineral de ferro magnetico expesso e pesado, que está as vezes coberto de ocre de ferro vermelho, com as cavidades cheias de manganés negra e escamosa. Parece que a natureza apresenta á vista dois mineraes do ferro, para convidar a estabelecer fundições, para o que dá todos os preciosos materiaes, porque alli se acham para a construcção de fornos, excellentes schistos argilosos e horublendicos, que se compõe todos os cumes e vertentes dos montes circumvisinhos.

Tambem tem para fundette ou castilha, boa pedra calcarea, grossa, cinzenta, que alterna como shisto argiloso. Esta formação calcarea, si ella não é primitiva, é pelo menos de muito antiga transição.

Para combustivel ha sufficientes lenhas, por onde passamos, e outras que avistamos em ambos os lados do Tieté.

Aquellas fundições, que quanto antes deviam estabelecer, teriam a vantagem de não distarem de São Paulo, senão sete leguas por terra, ao mesmo tempo que as de São João de Ipanema, perto de Sorocaba, distam mais de dezenove. Outra vantagem que podia ter a nova fabrica seria a de embarcar ferro e transportal-o pelo rio Tieté até perto de São Paulo, logo que desfizesse um pequeno salto, chamado Itapeba, defronte de Parnahyba, ou fizessem pequeno canal de rodeio de uma de suas margens.

Do Tieté se pode entrar no Tamanduatehy, que condus até S. Paulo, ou tomar o rio Pinheiros, chamado rio Grande, de que fallamos e subil-o, e ir desembarcar não longe do pico da montanha, passar dalli só per terra para o Cubatão embarcar de novo para Santos a depois para toda a Costa do Brasil.

Depois de pesquisar os mineraes de ferro e as rochas daquelle sitio de Itapera, fomos ver as antigas de Boturuna, mas só achamos algumas aberturas, e antigos entulhos, que experimentados com a batea, não deram indícios de ouro.

Não me espantei, aquellas minas segundo a tradição, não eram de lavagem, mas de simples beta.

Voltamos de Boturana para a villa, e a meio quarto de legua antes de chegar, examinamos um banco de pedra calcarea, que é da mesma formação que a de Pirapora, o que está nas terras do vigario de Parnahyba José Gongalves, de que faz cal, em pequeno forno mal construido. Os habitantes servem-se pouco della para as suas casas, visto que quasi todas são de taipa como quasi todas as da Cidade e de outras povoações da Provincia.

Deixamos de todo Parnahyba a 3 de abril ás dez horas da manhã, e, seguindo a estrada de Pirapora, quasi a tres quartos de legua tomamos á direita para ir ver o sitio chamado Porto Geral, onde passamos em canoa o Tieté. O rio aqui, alarga-se muito. As margens pouco altas, são desprovidas de expessas mattas, o que as torna muito agradaveis. É para lastimar, que não haja uma ponte, para commodidade dos habitantes e bestas que vem de Itú e seus redores.

Desde que se passou o Tieté entrando na estrada vem-se á esquerda as antigas minas de desmonte, e de cascalho, o qual na parte em que se mexeu, tem a grossura de quasi tres braças. O cascalho ensaiado com a batea, deu boa pinta d'ouro. Seria tanto mais facil aproveitar aquella formação, por não ser quasi necessario desmonte, que o cascalho e grande, pode ser trabalhado a secco sem agua por cima.

O cascalho parece estender-se para ambos os lados, e ao longe do Tieté. Ha fragmentos de argilla saponacea, misturada com alguma areia.

Proseguimos o caminho, a menos de um quarto de legua, atravessamos tres pequenos ribelões, que nascem em uma pequena serra á esquerda. A areia dum delles experimentada com a batea, mostrou algum ouro. No lugar chamado Cachoeira fomos ver onde o rio Penunduba desemboca no Tieté. Mais adiante toma o nome de Corunanda. Reune-se a outro ribeiro, que vem do lugar chamado Sitio Velho. Rodeamol-o na direcção de Ponunduba, onde antes de chegar achamos um veiro, que se segue a estrada de Itú, e cujos cascalhos deu indício d'ouro.

Passamos a noite na fazenda Pennunduba.

Na madrugada do dia 4 de abril ensaiamos com a batea alguns lugares nas margens de Pennunduba, que deram boas amostras d'ouro.

Dahi fomos ao salto que o vigario de Parnahyba tentou quebrar, e que não acabou, deixando intacta quasi uma brança. A rocha de salto é de gueiss que já passa ao granito. Por causa de sua estratificação e dos repetidos veios que tem, seria facilmente aberto e nivelado inteiramente, se tivesse trabalhado com a cunha e martello dos mineiros, e nas partes mais solidas com a broca. Teria valido mais que o vigario tivesse cavado um leito lateral por onde encaminhasse o ribeiro, ficando em secco o salto, facilitar-se-ia muito o trabalho. Quatro mineiros habeis seriam sufficientes para em poucos dias desviar o ribeiro.

No dia 6 fomos ver um grande corte, pelo qual se quis encamiahar o Tieté, evitando assim grande volta que elle faz, para pôr em secco o seu leito, e explorar aquelle lugar, que é muito aurifero. A ideia era boa, e bem concebida, porem foi pessimamente executada. Aquella abertura separa um cume do monte que rodeia o Tieté dos outros montes que formam a serra; mas erradamente principiaram por onde deviam acabar, isto é, pela parte posterior, talvez porque era mais facil a facil o trabalho, porem depois foi-se estreitando cada vez mais a passagem, de forma que entrando na rocha viva de uma camada de gneiss granitoso, que tem setento e cinco braças de largura, só se deu á base do canal sete e meio palmos, e onze na superticie, como se o grande Tieté pudesse entrar pelo fundo dum funil, e depois abrir seu leito atraves da rocha dura e compacta.

Notamos um grande erro naquelle trabalho; a linha de direcção final, faz um angulo quasi recto com o curso do Tieté.

Não me parece contudo difficil de emendar, e acabar a obra começada, empregando mineiros habeis. As grandes galleries deste genero, em Saxonia e Hungria, são todas abertas em rochas de igual duresa, e que demais são subterraneas".

Nada mais me resta por dizer, senão que este ultimo corte poupou mais de duzentos contos aos trabalhos que já estão promptos dos quaes esperamos agora o ouro, o da força electrica, e o proprio metal de nossos maiores do Rasgão. Vimos tanto trabalho na agua, vejamos algo sobre terras."

André Fernandes, em 14 de novembro de 1625, solicita foro de Pelourinho de Vila para o povoado de Parnaíba a Dom Álvaro Luis do Vale, capitão-mor da Capitania de São Vicente. Este concedeu ainda a três conceituados moradores de Parnaíba: Jácome Nunes, Manuel Alvarenga e

Mateus Luis de Grou, três sesmarias com meia légua de terra cada uma, onde instalaram suas fazendas. Eles são considerados os principais povoadores conhecidos da região, todos ligados por laços familiares e de origem portuguesa.

Doação de André Fernandes

Datado de 1 de agosto de 1624, como consta no livro do Tombo da Parochia de Parnahyba, de 1747 a 1828, no Archivo da Curia Metropolitana, à folha 109:

"Escrittura de doaçam, que fes **André Fernandes** a Senhora Santa Anna de Parnahiba. - Duzentas braças de testada, e meya legua de Sertão.(...) "Saybam quantos esta publica escrittura de instituçam virem que no anno do nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo de mil seis centos, e vinte e quatro annos ao primeyro dia do mes de Agosto da sobre ditta era nesta Villa de Sam Paulo da Capitania de Sam Vicente, partes do Brasil. Nesta ditta Villa nas cazas do Reverendo Padre Vigario desta Villa **Joam Pimentel**, onde eu publico Tabelliam fuy chamado, e ahi logo appareceu **André Fernandes** aqui morador e por elle me foy ditto perante as testemunhas, que foram presentes, tudo ao adiante declarado que elle como fundador e padroeiro, e instituidor, que he da Capella, que agora novamente fas na Igreja da Bemaventurada Santa Anna, sita no lugar chamado Parnaiba, Que está no termo desta villa lhe dotava das couzas seguintes: Primeyramente numa vinha, que tem no ditto Sitio da Parnahiba com cazas, assim, e da maneyra que está, e pelo tempo em diante tudo o mais, que melhor no ditto Sitio, e vinha, e assim mais lhe dota a ditta Capella duzentas braças de terras, que comprou de **Maria Luis e Antonio Peres** que começa no rio Anhamby para o Sertam por largo do adro da ditta Igreja para o Sertam meya legua; mais meya duzia de Cazaes para beneficios da fazendo da ditta Capella, e o toma em sua terça por sua morte, e ficando por administrador da ditta Capella seu filho **Francisco Fernandes**, e por sua morte e falecimento nomeará a pessoa que lhe parecer com tanto que seja sempre linha direyta aos parentes mais chegados com obrigações de duas missas cada anno, e fazer as festas no dia da ditta Santa Anna, e assim mais dota a ditta Capella doze vacas, e hum touro, o que tudo assim dotava de sua vontade, e moto proprio, e tudo o mais, que por sua morte lhe couber de sua terça, ficando em legados, e que ainda o Senhor Prelado, que hora he, e ao diante fosse tivesse particular cuydado de visitar a ditta Capella, e procurar que vā em augmento, e se conserve os bens della e que o administrador que for da ditta Capella negligente, descuydado, que alienar os dittos bens os podem privar dos que succederem depois do ditto seu filho, e que em sua vida elle ditto **André Fernandes** gozará, como administrador, digo como instituidor, que actualmente dota tudo, o que dota sem que se lhe tome conta alguma, nem a isso ser obrigado, e por sua morte se fará entrega das dittas cousas dotadas ao ditto seu filho por inventario, e da mesma maneyra aos que lhe succederem, e promettia em tempo nenhu ir contra esta doação, antes se obrigava a cumprtr perpetuamente, e pelo ditto Padre Vigario foy ditto que acceytava esta ditta escrittura em nome da ditta Capella na forma que o dyreito requer, o que em fé e testemunho de verdade assim outorgou, e assignaram aqui com as testemunhas, que foram presentes o Reverendo **Frey Thomé Couceyro** Religioso da Santissima Trindade e **Jeronimo de Souza**, aqui estantes, e **Aleyxo Jorge**, morador nesta Villa. Eu **Calisto da Motta**, Tabellião do publico judicial, e notas, o escrevi.

André Fernandes, Vig.º Joam Pimentel, Frey Thomé Couceyro, Jeronimo de Sousa Payva e Aleyxo Jorge"

Vista Geral de Pirapora – Primeira metade do séc. XIX
Paisagem de Hércules Florence in “Peregrinação pela Província de São Paulo”
Autor: A. Emílio Zaluar
Fonte: Maria Cecília França (Arquivo Pessoal)

Jácome Nunes recebeu como tudo indica a sesmaria onde hoje se situa o município de Bom Jesus de Pirapora. O nome Pirapora (que em tupi significa: Pira – peixe e Pora – salta) foi dado pelos índios que ocupavam a região em circunstância do próprio lugar, pois na desova, os peixes tentavam pular o salto do Rio Tietê, antigo Anhembi – o rio dos Bandeirantes – e eram apanhados em cestos com grande facilidade. Em 20 de maio de 1725, um escravo de José de Almeida Naves, o então proprietário das terras, hoje de Pirapora, e onde cultivava a cana-de-açúcar, encontra em uma corredeira do Rio Tietê, uma imagem de Jesus Cristo entalhada em madeira, de tamanha natural e milagrosamente intacta, apoiada em uma pedra.

A pedra onde foi encontrada a imagem serviu de marco para a implantação da capela ao redor da qual se desenvolveu o núcleo urbano. Não se sabe ao certo a origem da imagem. Explicações mais lógicas remetem à expulsão de jesuítas em São Paulo. Conta-se que em 1633, Antônio Raposo Tavares, terrível por seus atos desumanos, chefou um grupo de pessoas de prestígio, em São Paulo, com intuito de assaltar o Colégio e a Capela dos Jesuítas, na crescente aldeia de Nossa Senhora da Escada, atualmente Barueri, vizinha de Pirapora rio acima. Os jesuítas haviam se instalado por lá, em 1610. A comitiva lançou fora os móveis, atirou as imagens sacras no rio, além de aprisionar índios e expulsar os religiosos. Estima-se então que a imagem tenha sido arrastada pelas águas, através de um século, chegando até os domínios de Pirapora.

Capela de Nossa Senhora da Escada em Barueri – 1980

Fonte: Site Oficial do Município de Barueri⁵

Há lendas populares que também justificam o aparecimento da imagem. Consta que, depois de a terem retirado do rio, o fazendeiro, José de Almeida Naves, mandou guardá-la num paiol de milho, coberto de palha. Pouco depois, o paiol foi destruído por um incêndio, nada acontecendo à imagem e à palha de milho.

Tempos mais tarde, algumas pessoas resolveram levar a misteriosa imagem, à Igreja Matriz de Parnaíba, colocando-a em um carro de seis juntas de bois. Após percorrerem um pequeno trecho do caminho rumo à Parnaíba, o carro atolou em uma curva da estrada, de onde não conseguiram arredar um passo, apesar da quantidade de juntas de bois. Então, um surdo-mudo que passava pelo caminho, milagrosamente pronunciou: “Deixem apenas uma junta de bois e a imagem voltará para onde saiu”. Realmente, o que várias juntas de bois não conseguiriam puxar, uma só puxou, pois segundo a lenda, a imagem do Bom Jesus não quis prosseguir viagem, como se Ele dissesse que ali queria ficar, e realmente ficou.

A notícia dos singulares acontecimentos foi rapidamente divulgada e, pouco a pouco, para lá começaram a fluir os moradores das vizinhanças e de outras localidades iniciando-se, assim as romarias.

Como o Sr. José de Almeida Naves considerava penoso percorrer as duas léguas que separavam Pirapora da Vila de Parnaíba para ir à missa, o mesmo requer autorização ao governo da Diocese no Rio de Janeiro, no que foi prontamente atendido, para construir em terras de sua fazenda, uma capela em louvor ao Senhor Bom Jesus, com seu adro e cemitérios próprios, onde ele, sua família e a vizinhança pobre pudessem celebrar os sacrifícios da Santa Missa. Oferecia ainda um dote de duzentos mil réis e duzentas braças de terras.

⁵ www.barueri.sp.gov.br – consulta feita em Abril 2007.

A data de 25 de maio de 1730 é considerada com a fundação de Pirapora, pois acredita-se que neste mesmo dia, o Padre Jacinto de Albuquerque Saraiva, então vigário de Parnaíba, abençoa a Capela, em 06 de agosto do mesmo ano, quando acontece a primeira festa em louvor o Bom Jesus. Após 63 anos, em 1793, acontecem as primeiras ampliações na Capela: sua altura e seu comprimento são aumentados, recebem três tribunas, trono, sacristia e altar com retábulo pintado. Já nesta época, havia uma boa casa de romeiros ao lado da Capela.

No ano de 1880, foi autorizada a construção da “Casa do Romeiro” por D. Lino Deodato de Carvalho, bispo de São Paulo. Tratava-se de um sobrado todo de pedra e cal, com 18 metros de frente e 34 metros de fundos, capacitado a abrigar o grande número de romeiros, que, por falta de melhores e apropriadas acomodações, utilizavam até então, a Capela como habitação e dormitório, acarretando, com isso, sérios problemas. O projeto foi executado pelo engenheiro L.A. Pinto Gonçalves e construído pelo empreiteiro Antônio José Pinto.

Por mais de um século foram incorporadas ao patrimônio do Senhor Bom Jesus, terras e benfeitorias. No período de 1879 a 1881, o Padre Antônio Augusto Lessa, realizou o que se pode chamar dos principais trabalhos na Pirapora do século XIX, e a Capela teve seu esplendor em construções, reformas e zelosa atenção, custeadas pela rendas do Bom Jesus.

À época, a Capela dispunha de equipamentos em uma oficina a vapor para os serviços de carpintaria; com plaina, serra circular e uma serra, de origem francesa. Ainda possuía um forno para cal virgem e um dínamo para iluminação elétrica, utilizado na época das festas dos padroeiros.

Vale apontar a importância da construção da ponte metálica sobre o Rio Tietê, pois a velha ponte havia caído há mais de dois anos e a transposição do rio em balsas, criava sérios problemas para os romeiros, que eram destratados, às vezes, com violência e assim, deixavam de ir a Pirapora. Estes episódios, diminuíam as rendas da Capela. O governo havia se negado a concluir as obras de construção da nova ponte solicitada pela Câmara de Parnaíba. Não havia verba reservada no orçamento, pois esta não era uma estrada provincial, nem se tratava de uma ligação para o transporte de gêneros importados ou exportados. Era contudo, uma importante via de comunicação utilizada pelos moradores dos municípios vizinhos. Diante de tal negativa e lembrando ao governo que já havia gasto uma grande verba em obras, a Mesa Administrativa da Capela, requereu autorização para que, às expensas da mesma, fosse feito o lanço central da ponte, que teria em sua extensão total, 180 palmos. O lanço em questão contava com 100 palmos de vão livre, e era o mais dispendioso, pois teria de ser construído de ferro para oferecer maior segurança e durabilidade. A construção foi autorizada em 04 de maio de 1880 e executada pelo engenheiro civil inglês, Alexandre Fergusson, que se responsabilizou pelo projeto, encomenda do material de ferro à Londres e construção do caminho de ligação de Pirapora a Parnaíba.

A lei Nº66, de 17 de agosto de 1892, cria o distrito de Pirapora, no município de Santana de Parnaíba. Pirapora, porém, não era só o que se via. Apesar do isolamento, era uma vila muito conhecida, tradicionalmente visitada por romeiros de todo o país, atraídos pelos milagres do Senhor Bom Jesus. Em 1894, o então bispo de São Paulo, D. Joaquim Arcoverde de Albuquerque Cavalcanti, por sugestão do Papa Leão XIII, dirigiu-se ao abade Dom Gumaro Crets, da Abadia de Averbode, na Bélgica, solicitando sacerdotes para o trabalho apostólico em sua diocese. Aceito o convite, no dia 12 de maio de 1896, D. Gumaro nomeava os primeiros cônegos destinados à nova fundação: Cônego Vicente Van Tongel e Cônego Rafael Goris.

Abaixo, texto integrante do documento que oficializa o desmembramento da Paróquia de Pirapora da Paróquia de Parnaíba:

A PAROCHIA DE PIRAPORA DESMEMBRADA DE PARNAHYBA

A 28 de Dezembro de 1897 foi erecta a parochia e entregue aos conegos premonstratenses que vieram da Abbadia de Averbode, Belgica. Tambem foi separado o seminario maior do menor em S. Paulo, vindo o menor para Pirapora. Dirigiram a parochia e o Seminario os primeiros premonstratenses chegados: conegos Vicente Von Tongel e Raphael Goris. É tambem santuario a igreja reedificada. Quem não conhece Pirapora. Recanto de paz e santidade onde milhares de almas de todas as cidades, villas e sítios vão receber o suave orvalho da graça? Como é bello ver-se genuinos brasileiros depositarem aos pés do Bom Jesus de seus antepassados o osculo de abençoada devoção!

Antes da extinção dos jesuitas pelo decreto de 10 de Julho de 1759, a aldeia já estava sem padres. Depois de narrar os horrores soffridos pelos indios, após a retirada dos benemeritos e assás louvados padres jesuitas, commenta Machado de Oliveira:

"No meio deste turbilhão de maleficios era como um oasis nos areaes da Lybia a aldeia de Baruary, que tinha por seu director um carmelita, por obediencia à disposição pontificia de 30 de Outubro de 1567, acima referida. Era alli o unico refugio aos indios que corriam maltratados das outras aldeias, por isso que o seu director desprezara horrorizado o tyrannico regimento para as aldeias dado pelo governador conde de Sarzedas, em 25 de Maio de 1734, onde vê-se que, pela mais leve culpa, se infligia açoute aos aldeados, e outras penas infamantes, e se tolerava a servidão imposta violentamente aos indios".

Ultimo documento sobre esta aldeia

"Certifico que revendo o livro do Tombo da Parochia de Parnahyba, existe no Archivo da Curia Metropolitana, à folha 120 encontra-se o lançamento do teôr seguinte:

"Capella de Mbaruiry. Em distancia de duas legoas para a parte do Sul existe a Capella de MBaruiry, extincta Aldea de Indios. Nossa Senhora da Escada hé o seo Orago. Desde 1733 esta Igreja, o Collegio era dos Religiosos de Nossa Senhora do Carmo, onde residia hum Prior da mesma Ordem, e era o Missionario, ou Vigario dos indios dali nacionaes, não sendo estes contemplados no destricto. Passou depois a ser freguezia, e teve Vigario Collado. Por Provisão Regia pelo Excellentissimo, e Reverendissimo Senhor Bispo fallecido Dom Matheus, me foi mandado tomar posse desta igreja, como Capella Filial desta Matriz, sendo freguezes os Indios as Igrejas, em cujos territorios existissem; o que se tem cumprido; poucos Indios residem nesta Villa, e dispersos por varios logares. Tem esta Capella o cercado de terras; de hum lado corre o rio Tietê, em cuja margem está ella edificada, de outro lado hum valo; aqui plantei os restantes Indios; tem tão bem hum pasto dividido, e valado para os animais. Tem o seu Logrador de Campos, e mattas fora. . . o prezente. . . tracto, e hé rendimento annual. . . vendabel, como tão bem hé p ses rendimento a amet... se sepultão na Capella. Presentemente são opprimidos ali os pobres Indios... pelos herdeiros do Cappittão Bernardo Leite Penteado, que se querem fazer Senhores das terras, e Campos da visinhança da Aldea athe o Cercado della, exbulhando a extincta Aldea de suas terra, e logradores. Tinhão os Missionarlos pela Fazenda Nacional vinte e cinco mil reis annualmente, como Honorario, ou Guizamento desta Igreja. Estes Vinte, e Cinco mil reis recebe eu desde que tomei conta da ditta Igreja, preso os guizamentos para a celebração das Missas na Capella, e quando pode ser have-la; grande parte dos Indios estão distantes da Capella, e na mesma quazi distancia desta Matris, onde chegão a ouvir Missa nos Domingos, e dias Santos, e vem receber os Sacramentos, como freguezes tendo crescido o trabalho da Freguezia em os apascentar. A Igreja se concerva com decencia, como tão bem existe a caza de Sobrado, e morada, Está provida do nessessario para a celebração do Sacrificio da Missa, e para a administração dos Sacramentos, tendo capacidade de servir de Matris, como era antecedentemente."

S. Paulo, 13 de Agosto de 1931. – Assignado por F.de Salles Collet e Silva. - Director Archivista da Curia Metropolitana.

A convenção entre a Abadia de Averbode e o Bispado de São Paulo foi aprovada pela Congregação dos Bispos e Religiosos. Partiram os primeiros dois cônegos, Vicente e Rafael, de Averbode, em 07 de agosto de 1896. No dia 09 de setembro de 1896, chegaram ao Brasil pelo Porto de Santos, com a missão de instalar o Seminário da Ordem Premonstratense no país e, mais tarde, o colégio que deveria ser construído no mesmo local, por conta do Bispado de São Paulo.

Após três meses de permanência no Seminário Diocesano de São Paulo estudando a Língua Portuguesa, no dia 26 de Dezembro, às 14 horas, os Cônegos Vicente Van Tongel e Rafael Goris chegavam à Vila de Pirapora, onde será a sede de seu apostolado. O Cônego Vicente foi nomeado pároco de Santana de Parnaíba, pois o Santuário do Senhor Bom Jesus era uma capela pertencente à paróquia de Parnaíba.

A viagem era bastante penosa, em carros de bois, passando por uma estrada precária, com quatro léguas de extensão. A vila era um lugarejo à margem do Rio Tietê, cercada de montes áridos, paisagem bem diferente daquela deixada na Europa. Os cônegos ficaram instalados na vila em uma casa extremamente simples às margens do Rio Tietê, onde iniciaram suas atividades e passaram a ensinar o catecismo às crianças do lugar.

A cidade possuía edificações de tijolos e de taipas. Possuía iluminação elétrica nas casas e nas ruas. Não possuía serviço de coleta de esgoto e o abastecimento de água, o qual não era público, pertencia ao Santuário. Mesmo sendo um distrito de Santana do Parnaíba, Pirapora apresentava maior renda pública, do que a sua sede administrativa.

Em 1896, a canalização de água permanecia insuficiente e escassa, e um novo sistema foi construído com 1.450 metros de comprimento e tubos de 0.62m de diâmetro em toda a sua extensão. Esta implantação proporcionou capacidade para abastecer todas as casas da vila, as obras de construção do seminário e os chafarizes públicos, instalados para os animais dos romeiros. Por característica geográfica, o fato de a cidade ser rodeada muito de perto por pequenos morros, acaba por se distribuir na estreita faixa da margem esquerda do rio. Com isso, fez-se necessário a construção de uma murada baixa de pedra, beirando o rio, para assegurar maior extensão e melhor aproveitamento do terreno. Ainda hoje é possível verificar a existência de casas, cujas paredes, estão erguidas sobre esta muralha.

Pirapora do Bom Jesus – 1937

Foto 01: Vista Geral apanhada da ponte sobre o Rio Tietê

Foto 02: Matriz

Fonte: Revista do Arquivo Municipal⁶

⁶ ANDRADE, Mario de. "O Samba Rural Paulista". In: Revista do Arquivo Municipal. Ano IV, Volume XLI. São Paulo, Departamento de Cultura, novembro de 1937

Pirapora do Bom Jesus – 1961
Croquis sobre a Morfologia do Sítio Urbano
Fonte: Márcia Cecília França (Arquivo Pessoal)

Pirapora do Bom Jesus – 2006

Foto 01: Detalhe da muralha de pedra de contenção do Rio Tietê e sustentação de algumas construções.

Fonte: Alexandre Nascimento Salles

No final do século XIX, quando o movimento das romarias, alcançou grande vulto, oromeiro era o sitiante vindo dos Sertões de Itapeçerica, de Jundiá, Itu, Sorocaba e, algumas vezes, do resto do País, de origem eminentemente agrícola. Saíam a cavalo, em bandos, com provisões para vários dias de viagem em carros de boi ou carroças. Chegando a Pirapora, a festa estendia-se por mais de uma semana, marcando também o final do ano agrícola.

Pirapora do Bom Jesus – 2006

Foto 01: Vista geral do Rio Tietê, com o Portal dos Romeiros ao fundo.

Fonte: Alexandre Nascimento Salles

Pirapora do Bom Jesus – 1957
Anotações sobre o zoneamento do centro histórico.
Fonte: Maria Cecília França (Arquivo Pessoal)

Estado de São Paulo – 1957
Anotações sobre a procedência das romarias rumo à Pirapora do Bom Jesus.
Fonte: Maria Cecília França (Arquivo Pessoal)

Estado de São Paulo – 1957
 Estudo sobre os Centros de Peregrinação.
 Fonte: Maria Cecília França (Arquivo Pessoal)

Segundo relatos, no último quarto do século XIX, estas romarias levavam ao local por volta de seis a oito mil pessoas. Facilmente constata-se, em 1937, no aspecto da cidade a influência que o culto ao santo exercia sobre a mesma.

Pirapora do Bom Jesus – 1961

Foto 01: Aspecto Domingueiro da Praça da Matriz (fotógrafo: Mauro Pontes)

Foto 02: Barracas pequenas e modestas dos ambulantes locais. (fotógrafo: Mauro Pontes)

Foto 03: Cavaleiros rumo à Pirapora (fotógrafo: Dr. E. Salavatori).

Fonte: Maria Cecília França (Arquivo Pessoal)

Pirapora é uma cidade cuja vida está muito ligada à vinda de forasteiros que, principalmente por ocasião das festas, vêm pagar promessas feitas. O seu melhor comércio destina-se à exploração desses forasteiros. Contava com um número elevado de hotéis, grandes e bem montados, sendo os melhores localizados próximos à Igreja. Como característica, os chamados “bons hotéis”, possuíam em suas frentes, uma pequena venda de objetos religiosos, ao lado desta, um bar. No hotel, associação dos santos à bebida, era constante e a mais apropriada à exploração dos devotos do Bom Jesus. Quem chegava à cidade em busca de alojamento, queria também comprar velas e imagens, mas também bebericar algo.

Pirapora do Bom Jesus – 1961
Vista Panorâmica da cidade no dia 06 de agosto.
Nota-se o congestionamento de veículos nas ruas das cidades e
Nas entradas de São Paulo, Itu, Jundiaí e São Roque. (fotógrafo: C. Augusto F. Monteiro)
Fonte: Maria Cecília França (Arquivo Pessoal)

Pirapora do Bom Jesus - Aero foto Obliqua – 1939/40

E.N.F.A.

Fonte: Acervo IGC

Contrastava, porém com os hotéis, confeitarias e casas de artigos religiosos bem estruturados, o aspecto geral da cidade que era bastante humilde. Casas pobres, e “vendas acanhadas”, onde se encontrava de tudo. A população vestia-se com simplicidade e na maior parte, composta por mulatos e caboclos. O Recenseamento de 1º. de Setembro de 1920, dava para o distrito de Pirapora, uma população de 1452 habitantes, sendo 872 homens e 580 mulheres. Sobre a nacionalidade: 1396 brasileiros e 56 estrangeiros. A densidade por habitação 12,41. Já em 1934, consigna-se para o distrito, uma população de 1071 habitantes.

O contraste no panorama da cidade indicava que a mesma não havia estabelecido um padrão de vida próprio, o qual estava distante daquele oferecido aos visitantes.

A diferença dos padrões de vida acabava também por ser, um modo de compreensão da festa de Pirapora do Bom Jesus. Se por um lado os hotéis e confeitarias permitiam o acolhimento de pessoas abastadas, por outro, a população local, em sua quase totalidade, podia receber os forasteiros mais humildes, pessoas de poucas posses, os quais se acomodariam perfeitamente em uma esteira estendida no chão batido das casas de taipa.

Planta da cidade de Pirapora do Bom Jesus - 1937
Localção das instalações para romeiros e forasteiros em época de festa.
Fonte: Revista do Arquivo Municipal⁷

^{7 7} ANDRADE, Mario de. "O Samba Rural Paulista". In: Revista do Arquivo Municipal. Ano IV, Volume XLI. São Paulo, Departamento de Cultura, novembro de 1937

Como as festas se realizavam anualmente, movimentando uma grande quantidade de pessoas, pode-se dizer que Pirapora, neste período, apresentava o mesmo tipo de vida intermitente das pequenas cidades de estação de águas.

Pirapora do Bom Jesus - 1937

Foto 01: Barracas no acampamento nos arredores da cidade.

Foto 02: Procissão

Foto 03: Grupos de Samba de Bumbo.

Fonte: Revista do Arquivo Municipal⁸

Pirapora do Bom Jesus - 1937

Grupos de Samba de Bumbo.

Fonte: Revista do Arquivo Municipal

^{8 8} ANDRADE, Mario de. "O Samba Rural Paulista". In: Revista do Arquivo Municipal. Ano IV, Volume XLI. São Paulo, Departamento de Cultura, novembro de 1937

Pirapora do Bom Jesus - 1937

Foto 01: Antigo Galpão para abrigo dos romeiros em dia de festa

Foto 02: Grupos de Samba de Bumbo em frente a uma estalagem para romeiros.

Fonte: Revista do Arquivo Municipal⁹

1.1. O Seminário Premonstratense

A importância que as romarias adquiriram, não pode ser desassociada da instalação do Seminário Premonstratense, que se encontrava em obras desde 14 de julho de 1897, cujos padres introduziram os melhoramentos urbanos de apoio às romarias e difundiram a crença milagrosa da imagem do Bom Jesus, resultando no reforço da função religiosa da cidade. O movimento anual das romarias passou a coexistir com a vinda semanal de peregrinos em busca de cura.

Os padres de São Norberto organizaram o culto preexistente do Bom Jesus, transformando-o numa importante fonte de renda para a Igreja, possibilitando não só as melhorias urbanas, como as construções para hospedagem dos viajantes. No período seguinte a 1896, muitos imóveis foram adquiridos ou alugados para acomodação dos romeiros e religiosos em visita ou estada à vila e também para os serviços de apoio às festividades.

^{9 9} ANDRADE, Mario de. "O Samba Rural Paulista". In: Revista do Arquivo Municipal. Ano IV, Volume XLI. São Paulo, Departamento de Cultura, novembro de 1937

Novos grupos de sacerdotes eram formados na Bélgica para o trabalho nas missões. Assim, a cada ano, novos grupos chegavam para fortalecer a nova fundação e a Ordem de São Norberto no Brasil.

A pedido do bispo de São Paulo, D. José de Camargo Barros, em 1905, foi transferido para Pirapora o Seminário Menor Diocesano de São Paulo e, em 1911, recebeu o título de Seminário Menor Metropolitano de São Paulo, quando houve ampliações no edifício e aumento do número de salas de aulas para acolher os seminaristas menores que estudavam na Avenida Tiradentes, em São Paulo, junto ao Seminário Maior.

Em 1914, ordenou-se sacerdote, em Averbode, o primeiro brasileiro, o Cônego Melchior Rodrigues do Prado. Em 1927, dois outros brasileiros, os Cônegos Eugênio Avivar e Tomás de Aquino dos Santos Brito, foram ordenados sacerdotes em Averbode. Foram estes os três brasileiros que, nesse período, tiveram toda a sua formação na Abadia de Averbode, na Bélgica.

A passagem do século XX, constituiu um marco na organização das romarias. O caráter agrícola da festividade tendeu a ser diluído, a medida que se incorporavam manifestações populares surgidas das novas relações urbanas dos arredores de São Paulo, devido ao desenvolvimento econômico do início do século.

Essa junção da tradição agrícola e religiosa com os novos costumes de uma sociedade urbana manifestou-se pelo grande número de comemorações colaterais, tais como as danças afro-brasileiras, os bailes, as bandas e os fogos de artifício que se mesclavam com os rituais dos banhos de cura e da lavagem dos animais no rio.

Um fator de influência na transformação do caráter da romaria foi a instalação do sistema ferroviário. Os romeiros de São Paulo chegavam pela estrada de ferro até Barueri e daí até Pirapora por caminho de terra. Por volta de 1914, a Estrada de Ferro Sorocabana possuía horários e trens especiais para as romarias. A maior facilidade de acesso diminuiu o tempo de permanência dos romeiros na cidade e aumentou a quantidade de visitantes.

Contudo, os caminhos de terra continuaram precários e como meios de transporte, ainda persistiram o carro de boi e a montaria até meados da década de 30. Por volta de 1940, contava-se aproximadamente 40 mil romeiros.

A Capela do Seminário foi construída de 1926 a 1928, ano em que foi inaugurada e benta por D. José Duarte e Silva, bispo de São Paulo, no dia 10 de julho – festa de São Norberto – a mais bela construção do conjunto. Ela tem em seu interior importantes obras em madeira, entalhadas pelo irmão José Withofs, e belíssimos vitrais da empresa brasileira Conrado Vitrais e Cristais, de propriedade do Sr. Conrado Sorgenicht.

Em 02 de fevereiro de 1930, foi aberto em Pirapora, o Noviciado da Ordem no Brasil, com estudos filosóficos em curso doméstico; somente Teologia seria estudada em Averbode.

Em 1937, a visita canônica feita pelo então procurador-geral D. Humberto Noots, nomeado Abade de Averbode, D. Gumaro Crets, iniciou a mudança da fisionomia da Ordem no Brasil: nomeação de um superior regional com poderes delegados pelo Abade de Averbode, mudança da formação de Pirapora para Jaú, e abertura do curso doméstico de teologia. As transformações também foram grandes na parte física do seminário, muito foi demolido e novas áreas foram construídas.

Estatísticas apontam 1936, como o ano com maior número de alunos matriculados (236) em regime de internato. Em 1938, iniciou-se a casa de formação em Jaú, com cursos de Filosofia e Teologia.

Segundo informações dadas pelo Cônego Godofredo Chantrain, que vive em Pirapora desde 1952, um projeto trazido da Bélgica em 1897, para construção inicial do seminário, foi sendo ampliado conforme as necessidades e na medida dos recursos disponíveis.

Sempre houve no Seminário, um museu. Porém somente em 1971, com as comemorações do jubileu de 850 anos de fundação da Ordem Premonstratense, o acervo foi aberto ao público.

Pirapora do Bom Jesus - por volta de 1940

Construção do Seminário.

Fonte: Acervo da Casa da Cultura de Pirapora do Bom Jesus

Em 1951, a visita de D. Emanuel Gisquière, abade de Averbode, fez novas mudanças: a Casa de Pirapora, que desde 1949 havia deixado de ser Seminário Diocesano para ser Seminário Menor Premonstratense, tornou-se Priorado; um grupo de religiosos seria enviado de Averbode com o futuro superior de Pirapora, Cônego Gregório Laureys, e a câs de formação – noviciado, Filosofia e Teologia – voltaria para Pirapora, que passa então, a Seminário Maior. Iniciou-se a vida regular em Pirapora em 1952. Em 1953, D. Gregório reforma totalmente a fachada do seminário, revestindo-o com tijolos à vista, o que deu a casa grande destaque na paisagem.

A visita canônica do novo abade de Averbode, D. Conrado Stappers, em 1968, fechou o curso doméstico de Filosofia e Teologia e transferiu a casa de formação para a residência do Jardim Europa, em São Paulo.

Vista Geral do Seminário Premonstratense - 1980
Fonte: Acervo da Casa da Cultura de Pirapora do Bom Jesus

A Casa de Pirapora funcionou ininterruptamente sempre com atividades educacionais, desde 14 de março de 1898, quando teve início o primeiro ano letivo. Os cursos eram ministrados, ainda em uma velha casa da vila, com apenas 02 alunos.

Até dezembro de 1973, quando se encerraram os trabalhos de formação religiosa no Seminário, este se transformou em residência dos cônegos premonstratenses. No período de 1985 a 1995, as atividades do noviciado e juniorado retornaram; porém, os estudos teológicos e

filosóficos ocorreram nas faculdades de São Paulo. Desde 1995, a casa só é utilizada como residência dos cônegos e de alguns estudantes que vêm a Pirapora do Bom Jesus nos finais de semana para serviços que desenvolvem junto à comunidade e a organização dos trabalhos da Casa de Encontros São Norberto.

Vista Geral do Seminário Premonstratense – 2006

Foto 01: Igreja Matriz e Seminário ao fundo.

Foto 02: Vista do portal de acesso ao Seminário.

Fonte: Alexandre Nascimento Salles

Além da função religiosa, os padres estimularam também a exploração mineral que, no decorrer do século XX, passou a constituir uma função econômica e um fator de crescimento da cidade. O reforço da função religiosa coincide com o crescimento do comércio voltado aos artigos religiosos e ao turismo de pequena estada.

Sem estrada de ferro, a povoação era servida somente pelas estradas de rodagem de Parnaíba e São Roque. Entre aquela cidade até Pirapora, existia um serviço regular de quatro auto-ônibus (jardineira, como se dizia na época). Havia ainda, uma linha de auto-ônibus São Paulo, que passava por Pirapora. Desta linha, partia um carro diariamente.

Por muito tempo, Pirapora beneficiou-se da condição de passagem obrigatória para aqueles que demandavam o interior através da única ligação existente: a Estrada dos Romeiros - atualmente SP-312. A estrada passa por Santana do Parnaíba, encontra-se em Pirapora com o trecho

que segue para Itu pelo Vale do Tietê e se bifurca para Jundiaí na altura de Cabreúva. Tal Estrada foi inaugurada em 1922 por Washington Luis e, até a década de 50, era a principal ligação de São Paulo com o Estado do Mato Grosso. Depois, passou a ser utilizada a Via Anhanguera - concluída em 1952 - e, em 1966, a Rodovia Castelo Branco. Com isto, este histórico eixo de penetração perdeu sua antiga importância. A Estrada dos Romeiros transformou-se em uma via local ainda muito utilizada pelos romeiros atualmente.

Estrada dos Romeiros - 1922

Foto 01: comitiva de jornalistas na Estrada dos Romeiros

Foto 02: vista geral da Estrada dos Romeiros na entrada de Pirapora

Foto 03: Igreja Matriz, chegada da comitiva de jornalistas em Pirapora

Fonte: Acervo da Casa da Cultura de Pirapora do Bom Jesus

Estrada dos Romeiros - 2006

Foto 01: vista geral

Foto 02: romeiros rumo à Pirapora

Foto 03: vista geral e a ocupação industrial

Fonte: Alexandre Nascimento Salles

Em torno da antiga capela e defronte da pedra onde foi encontrada a imagem do Senhor Bom Jesus, formou-se o primitivo núcleo urbano espremido entre o Tietê e a morraria que se ergue íngreme. A cidade voltou-se para o rio, pois dele dependia, e se adequou à função religiosa. A Igreja do Senhor Bom Jesus, construída em substituição à antiga capela, ocupa um plano elevado acima do corpo d'água; do largo da matriz saem ruas paralelas ao rio e um grande número de pequenas transversais que nele desembocam.

Ícones de Pirapora do Bom Jesus

Foto 01: Igreja Matriz – 1970. Nota-se o chafariz na frente da mesma.

Foto 02: imagem do Senhor Bom Jesus - 1970

Fonte: Acervo da Casa da Cultura de Pirapora do Bom Jesus

Outras praças somam-se ao largo da matriz, o que demonstra a importância do espaço público, fator explorado pelo comércio ambulante que ali ainda prolifera. Esse conjunto de praças irregulares e de ruas estreitas, com o casario alinhado ao passeio, remonta ao final do século XIX, à época em que se construiu também o Seminário, massa imponente que, do morro, acima da matriz, domina a cidade ribeirinha.

O antigo centro religioso de Pirapora situa-se na margem esquerda do Rio Tietê, sendo que na margem direita expandiu-se a nova cidade surgida com a mineração.

Vista Geral de Pirapora do Bom Jesus com relevo - 1961

(fotógrafo: Mauro Pontes).

Fonte: Maria Cecília França (Arquivo Pessoal)

O turismo explorou o Rio Tietê introduzindo os barcos de passeio a partir de 1950. Nos dias de hoje, com as vésperas das comemorações do dia do padroeiro a procissão fluvial em louvor à Nossa Senhora das Dores, realizada ao pôr-do-sol, não mais acontece, devido a enorme poluição sofrida pelo rio.

Rio Tietê em Pirapora

Foto 01: passeio de barco -1961: (fotógrafo: Mauro Pontes).

Fonte: Maria Cecília França

Foto 02: procissão de barco -1982

Fonte: Acervo da Casa da Cultura de Pirapora do Bom Jesus

O ajuste entre o meio natural e urbano, carregado de significado religioso, integra-se com a tradição folclórica emanada das raízes populares do culto ao Bom Jesus. Este conjunto de circunstâncias fez de Pirapora um núcleo de atração turística regional. O sítio histórico de Pirapora do Bom Jesus conserva referências físicas e ambientais das funções por ele exercidas enquanto antigo pesqueiro do Rio Tietê; foi passagem dos bandeirantes, núcleo de devoção do Bom Jesus e sede das romarias.

Legenda

- Limite da RMSP
- - - Limites Municipais
- Reservatório
- Rios
- Curvas de Nível

Áreas Urbanas

- Bairros Isolados
- Km 50 - Estrada dos Romeiros
- Centro
- Núcleo Histórico
- Distrito Industrial

- APA Pirapora Sul
- APA Pirapora Norte
- Área de Reabilitação
- Proposta de Perímetro Urbano

PLANO DE MASSA

Mapa de Pirapora do Bom Jesus - 2004
Plano de Massa
Fonte: EMPLASA

1.2. Estrada de Ferro Perus-Pirapora

Brasão da EFPP - 1914
Fonte: www.estacoesferroviarias.com.br

A E. F. Perus-Pirapora iniciou as operações em 1914 para transportar cal do bairro do Gato Preto para a estação de Perus, na São Paulo Railway, com bitola de 60 cm. Ela deveria também transportar os romeiros para Pirapora do Bom Jesus, mas os trilhos nunca chegaram até lá. O trecho inicial sofreu várias modificações, com a construção de dois ramais, um curto, para Entroncamento e outro, mais longo, para Cajamar, este para o transporte de calcário. Sempre usando trens mistos, o transporte de passageiros funcionou de 1914 a 1972, quando foi desativado. Em 1951, a ferrovia foi comprada pela família Abdalla, que a operou até 1974, quando a União ficou com a estrada. Em 1981, os Abdalla recuperaram a ferrovia e a fecharam definitivamente em janeiro de 1983. A ferrovia foi tombada pelo Condephaat em 1984 e está abandonada, junto com todo o seu material rodante, até hoje, novembro de 2002.

A vila, usina de cal e estação do Gato Preto fica na margem oeste da via Anhanguera, no seu km 36. Na verdade, Gato Preto foi o motivo da constituição da E. F. Perus-Pirapora. A ferrovia começou a operar em 1914 para transportar a cal produzida ali para a estação de Perus, na SPR. Ali também funcionavam as oficinas da ferrovia, além de ser um enorme complexo por causa da usina e da vila que à sua volta se formou.

Mapa de Trajeto da EFPP - 1914
Fonte: www.estacoesferroviarias.com.br

Estrada de Ferro Perus- Pirapora (EFPP)

Foto 01: locomotiva

Fotos 02 e 03: pátio em Cajamar

Foto 04: procissão

Fonte: www.estacoesferroviarias.com.br

Em 1914, as atas da Câmara Municipal de Santana de Parnaíba, município ao qual a vila pertencia então, acusavam a implementação de uma escola e de outros melhoramentos para o local, prova de que a sua população não era pequena. Mais tarde, existiu ali também uma fábrica de celulose. A passagem da via Anhanguera, nos anos 40, cortou a vila em duas e obrigou à mudança de algumas operações da usina. A usina perdeu em importância e acabou fechando, aparentemente nos anos 70, mas a vila continuou a existir. Hoje, no que eram as oficinas concentra-se locomotivas, carros e vagões totalmente abandonados, alguns irre recuperáveis. O prédio que, segundo relatos, funcionava como estação e como

armazém, está ali, de pé, na entrada da vila, servindo como moradia; em volta, trilhos, que, quando não estão cobertos por terra ou pela própria estrada de acesso, aparecem retorcidos e degradados. Como no pátio de Cajamar e no de Perus, o complexo está tombado pelo Condephaat.

2. Dados Atuais do Município

Vista Geral de Pirapora do Bom Jesus - 2000
Fonte: EMPLASA

O traçado do sistema viário do município de Pirapora do Bom Jesus está fortemente ligado à história de seu povoamento fundado nas relações com o Rio Tietê e com a religiosidade de seus santuários.

A partir do núcleo histórico central se estrutura o viário municipal principal caracterizado ainda por sua intrínseca relação com o município de Santana de Parnaíba, do qual se desmembrou em 1959.

Legenda

Estacionamento Proposto	Vias Estruturais de 1ª Categoria
Calçada	Vias Estruturais de 2ª Categoria
Núcleo Histórico e Entorno - Plano Urbanístico	Vias Coletoras de 1ª Categoria
Extensão das Vias de Pedestre (calçada)	Vias Coletoras de 2ª Categoria

ÁREA CENTRAL

Mapa de Pirapora do Bom Jesus - 2004

Área Central

Fonte: EMPLASA

Legenda

- Limite Municipal
- ~ Curvas de Nível
- Reservatório
- Rios
- Vias Locais

- Vias Estruturais de 1ª Categoria
- Vias Estruturais de 2ª Categoria
- Vias Coletoras de 1ª Categoria
- Vias Coletoras de 2ª Categoria
- Vias Coletoras de 3ª Categoria

- 1. R. Ramos de Freitas
- 2. R. Alair Viegas
- 3. Av. Marginal
- 4. Av. Dr. Paulo A. Baccarat
- 5. Estr. João S. Bueno

- 6. R. Alcides Rodrigues Pontes
- 7. R. Armando Critelli
- 8. Av. D. Gabriel P. B. Couto
- Vide Prancha 16

**SISTEMA VIÁRIO
HIERARQUIZADO**

Mapa de Pirapora do Bom Jesus - 2004
Sistema Viário Hierarquizado
Fonte: EMPLASA

Pirapora do Bom Jesus está situado nos limites da Grande São Paulo, e distingui-se dos outros municípios da Sub-região oeste da metrópole. Distante dos eixos tradicionais de transporte ferroviário e das principais rodovias indutoras do processo metropolitano de urbanização, o Município, enquanto local de Peregrinação, vincula-se a um amplo espaço regional, não estabelecendo, contudo, ligações e dependências mais definidas e duradouras com nenhuma região em particular.

Sua vinculação com a Grande São Paulo é bastante frágil, seu elo mais forte é a intensa exploração de minérios, utilizado na indústria da construção civil e de fertilizantes, desenvolvida a partir de 1950. A atividade mineradora ao mesmo tempo em que, impulsiona a economia, vem deteriorando os recursos ambientais.

Estrada dos Romeiros - 2006
Vista do Rio Tietê no acesso à Pirapora
Fonte: Alexandre Nascimento Salles

Mapa de Pirapora do Bom Jesus - 1994
Uso do Solo
Fonte: EMPLASA

Consagrado município em 1959, Pirapora do Bom Jesus contava em 1980 com 4815 habitantes, assim distribuídos: 2308 em área rural e 2507 em área urbana.

O crescimento populacional verificado na última década, caracteriza-se por ser principalmente vegetativo, com pequeno peso do crescimento migratório, decréscimo acentuado da taxa de natalidade, acompanhado de um decréscimo menos intenso da taxa de mortalidade.

Vista Geral de Pirapora do Bom Jesus - 2006
Fonte: Alexandre Nascimento Salles

A população do Município tem crescido menos que a Região Metropolitana como um todo, devido à emigração da população adulta a procura de emprego, uma vez que a atividade rural mais importante – o reflorestamento – não fixa a população no campo. Atualmente cerca de 83% das famílias do município possuem renda familiar de 0 a 3 salários mínimos, o que se justifica pelo pequeno nível de atividades econômicas, que se limitam as condições de desenvolvimento geral e restringe a criação de empregos.

A atividade turística decorrente da função religiosa do município é uma das mais significativas, sendo atualmente o primeiro santuário do Brasil, o município reivindica a condição de estância, visando melhor se equipar para receber as romarias que chegam de vários pontos do Estado, desde a quaresma até o início de Agosto, quando ocorrem as festas do Bom Jesus. As romarias mais tradicionais são aquelas vindas de Jundiá, Santo Amaro e Caucaia. Outra razão é o grande fluxo de turismo religioso – chegando a 30.000 pessoas em alguns finais de semana – pois Pirapora oferece várias alternativas para o lazer: o Seminário de São Norberto, cujo acervo mobiliário e arquitetônico é excepcional, a presença do rio e da represa, a topografia acidentada evidenciada na paisagem, a própria configuração urbanística da cidade, que é bastante singular e a indústria alimentícia doméstica. Esse fluxo de turismo depara com várias carências: falta de hotéis, pousadas, de restaurantes, de áreas adequadas para estacionamento, piqueniques, etc.

Desenvolver o potencial turístico significa, portanto, dotá-lo de uma infra-estrutura de serviços e equipamentos urbanos, voltada para o turismo, representam objetivos dos planos diretores de desenvolvimento da região.

Pirapora do Bom Jesus – 2006
Foto 01: vista dos altos da cidade
Foto 02: vista posterior da matriz
Fonte: Alexandre Nascimento Salles

Além da atividade turística, têm ainda importância, as atividades de mineração e reflorestamento. A silvicultura, uma das mais significativas formas de exploração econômica do município, ocupa a maior parcela do solo utilizado pelo setor primário (57,4%), ficando a agricultura com 38%. A presença de grande quantidade de minérios no município, não favorece o cultivo de produtos agrícolas.

O parque industrial do município é limitado e pouco diversificado estando quase todo vinculado à atividade mineraria, destacando-se a extração de minério e a transformação de produtos minerais não-metálicos.

Dentro da RMSP, Pirapora constitui uma das áreas de grande concentração de atividades de mineração contribuindo com 26% do total de quartzito, 63% de filito e 30% de calcáreo, produzidos na Grande São Paulo.

O comércio e os serviços são atividades econômicas que dependem fundamentalmente do nível da demanda por bens e serviços e do nível de renda da população.

Desta forma, em Pirapora do Bom Jesus, o setor terciário apresenta-se pouco desenvolvido. Destacam-se os estabelecimentos voltados ao atendimento dos visitantes de fim-de-semana, que se apresentam em número razoável e os estabelecimentos de pequeno porte, admitindo-se mesmo uma grande incidência de negócios familiares que não contribuem significativamente para a geração de empregos, evidenciando o vínculo terciário com o turismo religioso.

Pirapora do Bom Jesus – 2006

Fotos 01 e 02: centro histórico – comércio x turismo religioso

Fonte: Alexandre Nascimento Salles

Mapa de Pirapora do Bom Jesus - 1994
Plano Diretor - 1980 - Diretrizes do Solo
Fonte: EMPLASA

3. Usina Hidroelétrica Rasgão

A partir de 1899, a província de São Paulo, de ruas estreitas e sinuosas, ainda iluminadas por lâmpões a gás, recebeu a Companhia Canadense - a Light. Esta passou a monopolizar quase em totalidade os serviços públicos de iluminação, gás, transporte, telefone e fornecimento de energia - fundamentais para o desenvolvimento e industrialização desta cidade. Uma das contribuições fundamentais para o alavancamento da metrópole, foi o capital proveniente da produção de café no interior. Tais cafeicultores, atraídos pela cidade, faziam proliferar o crescimento das indústrias, para as quais afluíram um número crescente de imigrantes vindos do campo. No início do séc. XX, a província já contava com 240 mil habitantes e para sua modernização, a energia elétrica - fator determinante das sociedades modernas - seria vital para sua transformação em grande centro industrial do país. E foi nesse momento decisivo para a urbanização que instala-se em Santana do Parnaíba, no ano de 1901, a Usina de Parnahyba. Segundo o engenheiro Edgard de Souza, esta usina foi a "pedra fundamental" da implantação da Light em São Paulo. A Usina de Parnahyba localizada no rio Tietê, perto da então Vila do Parnahyba, primeira hidrelétrica a abastecer a cidade de São Paulo, foi construída pela Light em apenas 15 meses, apesar das dificuldades da época em transportar 33 quilômetros de distância. Todo o material foi levado por ferrovias até a estação de Barueri, e daí em carros de boi até o local das obras (mais 13 quilômetros). Inaugurada em 23 de setembro de 1901, passou a suprir as necessidades energéticas dos bondes, dos motores das fábricas e da iluminação, antes atendidos precariamente por uma usina provisória a vapor instalada na rua São Caetano. Parnahyba sofreria sucessivas ampliações até o ano de 1912 quando atingiu a sua capacidade máxima. Em pouco mais de uma década ela já se mostrava insuficiente, dando margem para que a Light construísse uma pequena usina de reforço, Rasgão (1925), e logo em seguida iniciasse a construção da grande usina Henry Borden, em Cubatão. A forte e prolongada seca na primeira metade da década de 20 obrigou a Light a racionar o fornecimento de energia elétrica e comprar, a preços elevados, energia gerada por outras empresas. Isso fez com que a empresa canadense decidisse construir uma usina hidroelétrica. Para tanto, foi escolhida a curva do Rio Tietê, em Pirapora do Bom Jesus, onde, há quase dois séculos, havia sido feito um rasgão que desviaria as águas do leito original do rio para buscas infrutíferas de ouro. Apesar das dificuldades para a sua construção, em 6 de setembro de 1925 entrou em operação a primeira unidade geradora. Funcionou até 1961, quando a infiltração de água pelo canal provocou o seu desativamento. Em 1989, as suas estruturas foram recuperadas e a usina voltou ao sistema gerador da EMAE. Essa usina possui duas unidades geradoras dotadas de turbinas tipo Francis, de eixo vertical, com capacidade instalada de geração de 22MW, vazão turbinável de 130m³/s e desnível nominal de 22 metros.

Nos anos 50, Parnahyba foi desativada, construindo-se a Usina Elevatória Edgard de Souza, hoje em processo de reformulação.

3.1. Cronologia

1900 - Em 06 de junho, o Prefeito Municipal de São Paulo, conselheiro Antônio Prado, assenta a pedra inaugural que dá início à construção do dique principal.

1901 - Em 23 de setembro, é inaugurada a Usina Hidrelétrica de Parnahyba, entrando em operação duas turbinas (Stillwell Bierce), acopladas a dois geradores (General Electric) de 1000KW cada um.

1902 - Em 02 de fevereiro entra o funcionamento a terceira turbina, acoplada a um gerador.

1903 - Em 22 de março, é ligado o quarto grupo turbina-gerador, com as mesmas características dos anteriores. Ainda em 1903 termina a construção do segundo tubo-mestre entre o reservatório principal e o secundário e são apresentados mais dois circuitos na linha de transmissão nos lugares vagos nas cruzetas.

1905 - Em 08 de dezembro, entra em funcionamento a primeira turbina de fabricação da Escher Wiss, com potência de 4500cv, acoplada a um gerador marca CE de 2000KW.

1908 - Em 16 de julho, entra em operação o sexto grupo, constituído por uma turbina Escher Wiss de 4500cv e um gerador CE de 2000KW.

1909 - Em 27 de julho, é posta em funcionamento a sétima unidade, com características idênticas as anteriores. No lugar da turbina 1 é instalada outra turbina Escher Wiss de 4500cv sendo rearranjados sobre seu eixo os dois geradores GE de 1000KW anteriormente acoplados as turbinas 1 e 4. Esse novo conjunto entra em operação em dezembro.

1912 - São desativadas as turbinas 2 e 3 das instalações originais. Na abertura da turbina 2 é montada nova turbina Escher Wiss de 4500cv ligada a um gerador Westinghouse de 2000KW, que entra em funcionamento em março. No lugar da antiga turbina 3 é instalada outra turbina de 4500cv da Escher Wiss, acoplada aos dois alternadores GE de 1000VW provenientes das turbinas 2 e 3 iniciais. O grupo assim rearranjado inicia sua operação em maio. Com essas remodelações, a Usina de Parnahyba alcança a capacidade máxima de 16000KW com 8 turbinas de 4500cv e aciona geradores ou grupo de geradores de 2000KW cada um. A tensão nas linhas transmissoras é elevada de 24000 para 40000V.

1949 - Em agosto, a Usina de Parnahyba passa a denominar-se Edgard de Souza, em homenagem ao engenheiro brasileiro que assumiu a superintendência geral da Light em 1924 e chegou a diretoria da Brazilian Traction Co, com sede em Ontario, Canada, em 1948.

1952 - A usina hidrelétrica é desativada, alteando-se o antigo dique principal, e construindo-se uma usina elevatória de águas, deixando-se de gerar energia e passando a nova usina a integrar o sistema de aproveitamento hidrelétrico do rio Tietê e afluentes voltado para a usina de Cubatão. Recebe a atual denominação de Usina Elevatória de Edgard de Souza.

1985 - Em 06 de novembro, o governador do Estado de São Paulo, Franco Montoro, aciona detonador de dinamite fazendo explodir 80m de comprimento da barragem da Usina Edgard de Souza. No local dinamitado, começam a ser construídas 3 comportas de fundo e uma testada de eclusa.

1986 - outubro, inauguração de duas comportas de fundo com a finalidade de aumentar a capacidade de escoamento do rio Tietê, facilitar o derrocamento e ampliação da calha do rio e evitar enchentes em São Paulo.

2001 – Centenário da barragem Edgard de Souza, que se tornou um marco na história do Estado de São Paulo.

Usina Elevatória Edgarg Souza – Santana De Parnaíba

Foto 01 a 06: imagens da barragem e do interior das estações – por volta da década de 1920

Fonte: www.santanadeparnaiba.sp.gov.br¹⁰

¹⁰ www.santanadeparnaiba.sp.gov.br - Consultado em Dezembro 2008.

Usina Hidroelétrica do Rasgão

Foto 01: vista geral – 1990

Fotos 02 e 03: vista geral - 2004

Fonte: EMPLASA

3.1. Poluição no Rio Tietê

A população de quase 15 mil habitantes de Pirapora do Bom Jesus, última cidade a oeste da Região Metropolitana de São Paulo (RMSP), tem enfrentado problemas crônicos relacionados à poluição, que acabou por provocar doenças. Depois de duas décadas de invasões de espumas tóxicas na cidade, provocadas pela poluição do Rio Tietê, um estudo mostra que os gases emitidos no ar pela espuma afetam a saúde não apenas da população ribeirinha, mas de todos os moradores da cidade.

Além de ser considerada a primeira cidade do mundo invadida pelas espumas de poluição de um rio, Pirapora do Bom Jesus, localizada a 54 quilômetros da capital, também é considerada o primeiro santuário cristão do Brasil, e vive basicamente do turismo religioso. Mas a poluição tem afastado os peregrinos. Na última década, a cidade assistiu a uma queda de cerca de 40% na frequência de romeiros.

Pirapora costumava receber mais de 20 mil visitantes por final de semana. Hoje, os romeiros não ultrapassam cinco mil nos sábados e domingos. A exploração turística do rio, que também era uma fonte de recursos para o município, cessou em função das espumas do Tietê. A pequena cidade recebe pelas águas do Tietê todo o esgoto doméstico gerado por milhões de moradores da Região Metropolitana de São Paulo (RMSP), que ainda são jogados no rio. A CETESB tem realizado estudos no local, desde 1992.

A espuma tóxica faz parte da paisagem de Pirapora desde meados dos anos 80, quando o governo do estado mudou o fluxo do Rio Pinheiros para impedir que o esgoto continuasse a ser despejado na Represa Billings. Para a Secretaria Estadual de Recursos Hídricos, a população do município está condenada a viver com o problema até que os rios que deságuam no Tietê sejam limpos.

Pirapora do Bom Jesus - 2003
Poluição no Rio Tietê
Fonte: EMPLASA

Pirapora do Bom Jesus - 2007
Poluição no Rio Tietê¹¹

¹¹ www.flickr.com - Alex Minck – Consultado em Janeiro 2008.

Pirapora do Bom Jesus - 2007
Poluição no Rio Tietê¹²

¹² www.flirck.com - Alex Minck – Consultado em Janeiro 2008.

capítulo 02

O homem

“Na segunda parte, "O Homem", o Autor (Euclides da Cunha), caracterizou os sertanejos e contou a história de Antônio Conselheiro, líder do arraial de Canudos. Euclides destacou as diferenças do sertanejo e dos litorâneos, concluindo que os sertanejos estão isolados da civilização e, portanto, privados de seus bens culturais e materiais. Antônio Vicente Mendes Maciel (o Conselheiro), líder de Canudos, foi um reflexo dos sertanejos. Nasceu em Quixeramobim, no Ceará, onde trabalhou e logo se casou. Quando foi traído pela mulher, resolveu andar pelos sertões. Após dez anos, Antônio Vicente surgiu como o líder religioso Antônio Conselheiro...”

Capítulo 02 – O Homem

*“Bateram-lhe por igual as margens o bandeirante, o jesuíta e o vaqueiro.
Quando mais tarde, maior cópia de documentos permitir a reconstrução da vida colonial,
do século XVII ao fim do século XVIII, é possível que o último, de todo olvidado ainda,
avulte com o destaque que merece na formação da nossa gente.
Bravo e destemeroso como o primeiro, resignado e tenaz como o segundo,
tinha a vantagem de um atributo supletivo que faltou a ambos – a fixação ao solo”
(Os Sertões – Euclides da Cunha)*

1 – Bandeirantes, Jesuítas; Fazendeiros e Escravos

No capítulo anterior, descrevemos Pirapora como território localizado na região de Parnaíba e os desdobramentos acontecidos em sua conformação até os dias atuais, como espaço e lugar. O principal agente desta transformação é o homem. E a principal análise neste sentido, é entendê-lo como tal. Afinal, a região foi palco de inúmeros eventos relacionados ao estabelecimento dos limites paulistas, bem como da descoberta do potencial mineral da mesma.

Neste sentido, a região ganha evidência efetivamente no século XVII, quando os colonizadores portugueses estabeleceram as frentes de penetração através do território paulista. Os chamados “Sertões de Parnaíba”, a oeste do Planalto de Piratininga, deram passagens aos bandeirantes que utilizavam o Rio Tietê como o seu principal elemento físico de orientação. Era um dos mais conhecidos pontos de extração de minérios¹ de São Paulo, já em fins do século XVI, e foi o local onde em 1590, Sardinha registrou ter descoberto “ouro de lavagem”.

Com a exploração de minérios no início do século XVII, em Mato Grosso, Goiás e Minas Gerais, intensificou-se a importância viária do Rio Tietê através das Monções - expedições bandeirantes organizadas em grupos de canoas, que partiam perto das cheias do rio para facilitar a passagem pelos obstáculos naturais. As Monções partiam de Araraitaguaba, atualmente Porto Feliz, localizada a jusante do Tietê e abaixo de Pirapora. Os monçoeiros que vinham de Parnaíba seguiam por trilhas até o porto de embarque, contornando o trecho acidentado do rio e passando por Pirapora.

Tais expedições eram vitais para o transporte de homens e também para o patrulhamento das regiões auríferas pelos paulistas, que, passaram a dificultar a abertura de novas vias terrestres, o que tornava mais eficiente o controle do trânsito pela via fluvial.

Monção

Partida de uma monção - Almeida Júnior. Batelão no século XIX

¹ Ver Anexo 1 sobre Trecho de “Cultura e opulencia do Brasil”, de Visconde de Taunay (Alfred d'Escragnolle Taunay).

O “surgimento do termo “mineiro”, dentro da leitura do papel do bandeirante, não somente como desbravador de terras, mas também como explorador das mesmas, é constatado nas descrições de suas ações dentro da expansão do território paulista. Tomemos como exemplo a descrição feita por José Bonifácio de Andrada e Silva ², onde além de discorrer sobre as características físicas e morfológicas da região, acaba por apontar e sugerir ações interventivas e modeladoras para um melhor resultado da exploração dos minérios na região. Este era o papel embutido na figura do bandeirante, ainda não revelado, que acerca da lendária imagem que a ele foi atribuída, de homem forte, destemido e autoritário, ressurgiu como aquele que de bateia nas mãos, peneirando as águas dos ribeirões dos Sertões de Parnaíba. Talvez a grande questão seja associar o homem de trabuco em uma das mãos e na outra, a bateia. Parecem-nos dois homens em um só e com uma única missão. Só não sabemos ao certo se sobressai à ambição individual ou o compromisso com a Capitania.

A imagem de uma lenda

Imagem 01: Domingos Jorge Velho e o “Loco-tenente” Antônio Fernandes Abreu, de 1903, idealização clássica do bandeirante

Imagem 02: Ilustração retrata os sertanistas, segundo a descrição de documentos históricos.³

Fonte: Revista Escola

O primeiro desbravador das terras que hoje pertencem à Pirapora foi o mameluco Afonso Sardinha, explorador da terra do Ivoturuna. O Morro Voturuna, localizado entre os municípios de Santana e Pirapora do Bom Jesus, também chamado de Morro Negro, era o ponto de partida dos bandeirantes, e o núcleo minerador da Capitania de São Vicente

² Descrição feita por José Bonifácio de Andrada e Silva in *Viagem Mineralógica na Província de S. Paulo*, página 12 do Apêndice do “Manual de Geologia Elementar”, de Nereo Baubée, Rio de Janeiro, 1846.

³www.revistaescola.abril.com.br – Consulta feita em Dezembro de 2008.

Mapa do sítio arqueológico de Araçoiaba⁴

André Fernandes, em 14 de novembro de 1625, solicita foro de Pelourinho de Vila para o povoado de Parnaíba a Dom Álvaro Luis do Vale, capitão-mor da Capitania de São Vicente. Este concedeu ainda a três conceituados moradores de Parnaíba: Jácome Nunes, Manuel Alvarenga e Mateus Luis de Grou, três sesmarias com meia légua de terra cada uma, onde instalaram suas fazendas. Eles são considerados os principais povoadores conhecidos da região, todos ligados por laços familiares e de origem portuguesa.

Na tradição oral, por volta de 1725, um escravo do fazendeiro José de Almeida Naves, proprietário das terras, hoje de Pirapora, e onde cultivava a cana-de-açúcar, encontra em uma corredeira do Rio Tietê, uma imagem de Jesus Cristo entalhada em madeira, de tamanho natural e milagrosamente intacto, apoiado em uma pedra.

A pedra onde foi encontrada a imagem serviu de marco para a implantação da capela ao redor da qual se desenvolveu o núcleo urbano. Não se sabe ao certo a origem da imagem. Explicações mais lógicas remetem à expulsão de jesuítas em São Paulo. Conta-se que em 1633, Antônio Raposo Tavares, terrível por seus atos desumanos, chefiou um grupo de pessoas de prestígio, em São Paulo, com intuito de assaltar o Colégio e a Capela dos Jesuítas, na crescente aldeia de Nossa Senhora da Escada, atualmente Barueri, vizinha de Pirapora rio acima. Os jesuítas haviam se instalado por lá, em 1610. A comitiva

⁴ SAIAZAR, J. M., op. dt., 1969.

lançou fora os móveis, atirou as imagens sacras no rio, além de aprisionar índios e expulsar os religiosos. Estima-se então que a imagem tenha sido arrastada pelas águas, através de um século, chegando até os domínios de Pirapora.

Antônio Raposo Tavares

Há lendas populares que também justificam o aparecimento da imagem. Consta que, depois de a terem retirado do rio, o fazendeiro, José de Almeida Naves, mandou guardá-la num paiol de milho, coberto de palha. Pouco depois, o paiol foi destruído por um incêndio, nada acontecendo à imagem e à palha de milho.

Tempos mais tarde, algumas pessoas resolveram levar a misteriosa imagem, à Igreja Matriz de Parnaíba, colocando-a em um carro de seis juntas de bois. Após percorrerem um pequeno trecho do caminho rumo à Parnaíba, o carro atolou em uma curva da estrada, de onde não conseguiram arredar um passo, apesar da quantidade de juntas de bois. Então, um surdo-mudo que passava pelo caminho, milagrosamente pronunciou: “Deixem apenas uma junta de bois e a imagem voltará para onde saiu”. Realmente, o que várias juntas de bois não conseguiriam puxar, uma só puxou, pois segundo a lenda, a imagem do Bom Jesus não quis prosseguir viagem, como se Ele dissesse que ali queria ficar, e realmente ficou.

A notícia dos singulares acontecimentos foi rapidamente divulgada e, pouco a pouco, para lá começaram a fluir os moradores das vizinhanças e de outras localidades iniciando-se, assim as *romarias*.

Como o Sr. José de Almeida Naves considerava penoso percorrer as duas léguas que separavam Pirapora da Vila de Parnaíba para ir à missa, o mesmo requer autorização ao governo da Diocese no Rio de Janeiro, no que foi prontamente atendido, para construir em terras de sua fazenda, uma capela em louvor ao Senhor Bom Jesus, com seu adro e cemitérios próprios, onde ele, sua família e a vizinhança pobre pudessem celebrar os sacrifícios da Santa Missa. Oferecia ainda um dote de duzentos mil réis e duzentas braças de terras.

A data de 25 de maio de 1730 é considerada com a fundação de Pirapora, pois se acredita que neste mesmo dia, o Padre Jacinto de Albuquerque Saraiva, então vigário de Parnaíba, abençoa a Capela, em 06 de agosto do mesmo ano, quando acontece a primeira festa em louvor o Bom Jesus. Após 63

anos, em 1793, acontecem as primeiras ampliações na Capela: sua altura e seu comprimento são aumentados, recebem três tribunas, trono, sacristia e altar com retábulo pintado. Já nesta época, havia uma boa casa de romeiros ao lado da Capela.

No ano de 1880, foi autorizada a construção da “Casa do Romeiro” por D. Lino Deodato de Carvalho, bispo de São Paulo. Tratava-se de um sobrado todo de pedra e cal, com 18 metros de frente e 34 metros de fundos, capacitado a abrigar o grande número de romeiros, que, por falta de melhores e apropriadas acomodações, utilizavam até então, a Capela como habitação e dormitório, acarretando, com isso, sérios problemas. O projeto foi executado pelo engenheiro L.A. Pinto Gonçalves e construído pelo empreiteiro Antônio José Pinto.

A convenção entre a Abadia de Averbode e o Bispado de São Paulo foi aprovada pela Congregação dos Bispos e Religiosos. Partiram os primeiros dois cônegos, Vicente e Rafael, de Averbode, em 07 de agosto de 1896. No dia 09 de setembro de 1896, chegaram ao Brasil pelo Porto de Santos, com a missão de instalar o Seminário da Ordem Premonstratense no país e, mais tarde, o colégio que deveria ser construído no mesmo local, por conta do Bispado de São Paulo.

Após três meses de permanência no Seminário Diocesano de São Paulo estudando a Língua Portuguesa, no dia 26 de Dezembro, às 14 horas, os Cônegos Vicente Van Tongel e Rafael Goris chegavam à Vila de Pirapora, onde será a sede de seu apostolado. O Cônego Vicente foi nomeado pároco de Santana de Parnaíba, pois o Santuário do Senhor Bom Jesus era uma capela pertencente à paróquia de Parnaíba.

A viagem era bastante penosa, em carros de bois, passando por uma estrada precária, com quatro léguas de extensão. A vila era um lugarejo à margem do Rio Tietê, cercada de montes áridos, paisagem bem diferente daquela deixada na Europa. Os cônegos ficaram instalados na vila em uma casa extremamente simples às margens do Rio Tietê, onde iniciaram suas atividades e passaram a ensinar o catecismo às crianças do lugar.

A cidade possuía edificações de tijolos e de taipas. Possuía iluminação elétrica nas casas e nas ruas. Não possuía serviço de coleta de esgoto e o abastecimento de água, o qual não era público, pertencia ao Santuário. Mesmo sendo um distrito de Santana do Parnaíba, Pirapora apresentava maior renda pública, do que a sua sede administrativa.

Em 1896, a canalização de água permanecia insuficiente e escassa, e um novo sistema foi construído com 1.450 metros de comprimento e tubos de 0.62m de diâmetro em toda a sua extensão. Esta implantação proporcionou capacidade para abastecer todas as casas da vila, as obras de construção do seminário e os chafarizes públicos, instalados para os animais dos romeiros. Por característica geográfica, o fato de a cidade ser rodeada muito de perto por pequenos morros, acaba por se distribuir na estreita faixa da margem esquerda do rio. Com isso, fez-se necessário a construção de uma murada baixa de pedra, beirando o rio, para assegurar maior extensão e melhor aproveitamento do terreno. Ainda hoje é possível verificar a existência de casas, cujas paredes, estão erguidas sobre esta muralha.

No final do século XIX, quando o movimento das romarias, alcançou grande vulto, o romeiro era o sitiante vindo dos Sertões de Itapeirica, de Jundiá, Itu, Sorocaba e, algumas vezes, do resto do País, de origem eminentemente agrícola. Saíam a cavalo, em bandos, com provisões para vários dias de viagem em carros de boi ou carroças. Chegando a Pirapora, a festa estendia-se por mais de uma semana, marcando também o final do ano agrícola.

Segundo relatos, no último quarto do século XIX, estas romarias levavam ao local por volta de seis a oito mil pessoas. Facilmente constata-se, em 1937, no aspecto da cidade a influência que o culto ao santo exercia sobre a mesma.

A diferença dos padrões de vida acabava também por ser, um modo de compreensão da festa de Pirapora do Bom Jesus. Se por um lado os hotéis e confeitarias permitiam o acolhimento de pessoas abastadas, por outro, a população local, em sua quase totalidade, podia receber os forasteiros mais humildes, pessoas de poucas posses, os quais se acomodariam perfeitamente em uma esteira estendida no chão batido das casas de taipa.

Procissão de Romeiros em 1937

Foto 01: Pirapora do Bom Jesus

Foto 02: Caucaia do Alto

Fonte: Revista do Arquivo Municipal

2 - Romeiros

O fenômeno da romaria iniciou-se a partir da visitação dos moradores imediatos às terras de Sr. José de Almeida Naves, por volta de 1725, a partir do estabelecimento de um local fixo para a imagem de Bom Jesus. Neste processo, as visitas eram feitas em sua maioria por fazendeiros da região e seus familiares e também pelos seus empregados, na maioria escravos. O panorama modificou apenas os personagens, mas o caráter dicotômico ainda persiste. Anteriormente, o devoto mais abastado, tinha melhores condições de instalações quando da sua participação do evento em Pirapora. Quem tinha menos, não possuía mesma sorte, estando instalados em barracões na entrada da cidade, como já descrito no capítulo anterior. Nos dias atuais, o precário amplificou-se e o que era organizado e estruturado enquanto serviço no centro de Pirapora cedeu lugar ao improvisado, ao precário. E os atuais “abastados” não estão mais no centro da cidade, estão nos arredores. E os “pouco abastados” não estão somente nos arredores; estão em todos os lugares.

Cenas de Romaria – 2006/ 2007

- Foto 01: Romeiro carregando cruz caseira na Estrada dos Romeiros
Foto 02: Romeiros na entrada principal da Igreja Matriz - Foto: Renato Targa
Foto 03: Romeira sentada na lateral da Igreja Matriz
Foto 04: Cruzes estacionadas na frente da Igreja Matriz
Foto 05: Caucaia do Alto
Fonte: www.flirck.com⁵

⁵ www.flirck.com – Consultado em Setembro de 2008.

Cenas de Romaria - 2006

Foto 01: Romeiros carregando cruz caseira na Praça Central de Pirapora

Foto 02: Romeiro carregando cruz caseira na Estrada dos Romeiros

Fonte: www.flickr.com

O grande contingente de romeiros que partem para Pirapora pertence às classes populares. São pessoas advindas dos trabalhos agrícolas (como assalariados agrícolas, pequenos agricultores, entre outros), trabalhadores da construção civil, pequenos comerciantes, motoristas, professores, donas-de-casa, aposentados, entre outros. Existe também o contingente das famílias tradicionais de romeiros, que em sua maioria, possuem melhor condição financeira. Estes, em suas romarias, acabam por ter no grupo, a família, amigos, funcionários de seus comércios e propriedades e curiosos. Estes últimos, em suas maiores jovens (estudantes e/ou trabalhadores), que vêm no evento, uma oportunidade de desafio de resistência ou de aventura, e que acabam por descobrir informações diferentes daquelas imaginadas inicialmente, como a questão da fé e da tradição que move o grupo.

As romarias de barco, a cavalo ou a pé, que foram frequentes durante muito tempo em Pirapora, hoje são bastante raras. O que ocorre é que para os barcos, a poluição do Tiete, tornou inviável tal prática. E as outras modalidades, hoje estão conformadas mais em grupos tradicionais de romeiros ligados às cidades imediatas à Pirapora (como Jundiá, Itu, Caucaia do Alto, Salto, Itupeva, etc.).

Ciclistas Romeiros de Itu⁶

Caloi italiana de 10 marchas com passador manual

Atualmente a maioria dos romeiros viaja de ônibus fretado. Os ônibus normalmente são contratados por um dos chefes de romaria que se encarrega de organizar a viagem: reúne os romeiros, faz as listas dos interessados, combina o preço, recolhe o dinheiro, marca a data de saída. Antigamente, devido ao grande fluxo de pessoas e também à estrutura existente de pousadas e hotéis, estas romarias, providenciavam também a hospedagem dos romeiros. O fluxo de certa forma manteve-se, porém a infra-estrutura não. O que obrigou muitos dos romeiros a improvisar pousada em barracas nos arredores do centro histórico de Pirapora.

Aliás, tal ação provocou o acampamento destes romeiros às margens do Rio Tietê, em sua fração mais poluída, existente em Pirapora. O campus deste acampamento, não possui infra-estrutura de apoio aos romeiros, o que provoca problemas sanitários junto ao meio-ambiente. Apenas uma pequena feira é organizada neste local, na data de aniversário do Bom Jesus, 06 de agosto, mas focada na comercialização de lembranças, comidas e bebidas. Eventualmente, temos alguns equipamentos de lazer, como roda-gigante, para distração dos romeiros. Hoje existem algumas opções de pousadas, mas devido ao valor da diária, acabam por atender um público específico de romeiro, ligados às tradicionais famílias organizadoras de romarias, como os Mariani, da Associação Santamarense dos Romeiros do Senhor Bom Jesus de Pirapora. A preferência destes por hospedagem, ocorre pela precariedade de serviços existentes nas antigas hospedarias centrais e seu entorno imediato.

Um grande problema encontrado ao longo da trajetória da Romaria, é a bebida. Tradicionalmente, ao longo do trajeto dos romeiros que partem a pé, cavalo, charrete, entre outras formas, é comum o consumo de bebida alcoólica, em especial da cachaça, através das paradas ou nos entrepostos, encontrados

⁶ Sr. Domingos - Mingo Tira-Saia como é conhecido - ao lado de Luizinho na foto de 1962, que utilizavam a Rodovia dos Romeiros para este fim. Mingo Tira-Saia, foi o apelido dado pela forma com que ele subia a Serra do Tira-Saia alguns quilômetros antes de Pirapora - um dos melhores ciclistas de Itu na época.
www.itu.com.br – Consultado em 2007.

no caminho. Parte da justificativa deste consumo, se pela grande solicitação do trajeto, em sua dificuldade e cada parada significa um momento de sociabilidade e também um novo fôlego para a continuidade do trajeto; devido às diferentes distâncias – maiores ou menores, em relação às origens – o trajeto atravessa o dia e a noite, e a variação de temperatura, promove também o consumo como uma maneira de aquecer contra o frio da madrugada.

Certas paradas ou entrepostos acabaram por configurar fisicamente estabelecimentos, que funcionam como ponto de encontro dos romeiros, independente da maneira de transporte com que cada grupo está se deslocando. Ou seja, em uma mesma parada, temos romeiros a pé, a cavalo, com charretes, motocicletas, automóveis e ônibus. Sem falar das bicicletas.

Romeiros e Transporte

Foto 01: Carros de Boi em frente à Igreja Matriz

Foto 02: Romeiros a cavalo na Estrada dos Romeiros

Foto 03: Caminhão que transportava Romeiros vindo de Caucaia do Alto

Foto 04: Chegada de Romaria a Pé e Bicicleta

Foto 05: Romaria de Cavaleiros vindos de Caucaia do Alto

Foto 06: Primeiro trator a chegar em Pirapora com romeiros, 1954

Foto 07: Romeiros a pé e Bicicletas, acompanhados de pároco, Caucaia do Alto

O grande problema é que, devido à diversidade dos grupos, ao ocuparem os espaços de Pirapora, eles se chocam. O que incomoda para alguns como a ausência de uma infra-estrutura mais adequada ao romeiro, para outros, pouco importa. Neste sentido percebem-se os caminhos da fé. Se para alguns o processo da Romaria, culmina no ato religioso, como a cerimônia na Igreja Matriz, onde serão feitos os votos de agradecimentos, os pedidos, entre outras ações devocionais, para outros a romaria acabou no ultimo gole de álcool, pois muitos chegam embriagados na cidade, devido ao consumo contínuo do mesmo, durante o trajeto. Este fato já provocou muita discussão dentro da organização municipal, pois o surgimento de brigas decorrentes da embriaguez de alguns, acabam por interferir no andamento e desenvolvimento dos eventos religiosos em Pirapora.

Nos últimos anos algumas ações foram tomadas em relação à circulação dos romeiros e visitantes na cidade. Um delas, muito polêmica, foi à proibição do acesso de animais no centro histórico. Tradicionalmente, os romeiros a cavalo, chegavam com os animais até a porta principal da Igreja Matriz, como simbologia de conclusão do trajeto iniciado em suas respectivas cidades de origem. O número elevado de romeiros em montaria e também a falta de infra-estrutura para organizá-los de forma a não causar problemas de circulação na cidade, não foi observada e acabou por proibir o acesso dos cavaleiros, inclusive com a justificativa de degradação das vias do centro histórico. Na realidade, o que temos como já dito, é uma grande diversidade de grupos, que partem em direção à Pirapora, porém a mesma, não está preparada para recebê-los.

Ex- Votos de Pirapora

Foto 01: Ex-voto⁷

Foto 02: Local para Doações ao Bom Jesus ⁸

Foto 03: Imagem do Bom Jesus ⁹

Foto 04: Sala de Ex-votos¹⁰

⁷Arquivo Pessoal - Antonio Saggeze, 1992

⁸ www.flirck.com - Andrea Lorenzo - 2007

⁹ www.flirck.com - Carlos Justo - 2007

Ex- Votos de Pirapora

Foto 01: Sala de Ex-votos¹¹

Foto 02: Pedidos e Agradecimentos por Graças ¹²

Foto 03: Fachada Frontal da Igreja Matriz ¹³

As romarias de um modo geral são um importante instrumento para que grupos diversos possam estabelecer laços de identidade e de similaridade, muitas vezes atrelados às condições sociais, uma vez que tais grupos estão reunidos em um mesmo espaço, sobre a mesma intenção de prática social. Teoricamente, a fé e a tradição promovem este encontro.

A isto se incorpora outras atividades trans-locais como o comércio e o turismo, que vêm suscitar novas percepções da relação dos grupos com o espaço. Estas atividades acabam por delinear uma nova modalidade de romeiro, o turista. E este não necessariamente está no espaço, pelas razões que movem os grupos tradicionais que normalmente o ocupam.

Enfim, a romaria é um fenômeno único e diferente dos outros eventos ligados à religião. Pois se utilizam da comunidade, do grupo, como elementos referenciais de seu entendimento. Neles estão contidas as informações ligadas às identidades culturais, tradições e costumes, fatores sócio-econômicos que acabam por demonstrar a evolução do fenômeno e seus desdobramentos sociais e urbanos, verificados em Pirapora. São altamente refletivas, as condições da

¹⁰ www.flirck.com - Carlos Cabral - 2007

¹¹ www.flirck.com - Carlos Cabral - 2007

¹² www.flirck.com - Carlos Cabral - 2007

¹³ www.flirck.com - Sylvio Camporini 2006

cidade perante o número decrescente de romeiros que visitam a mesma. Como elemento de investigação, este é o papel do evento: entender o que resulta da tensão entre as fronteiras locais da sociedade, e os aspectos universais da mesma, através da coexistência com grupos diversos que visitam a cidade.

As romarias são importantes para a compreensão das transformações que vêm ocorrendo no contexto social e religioso, na medida em que oferecem um amplo repertório lingüístico de signos, símbolos e ritos que os romeiros manipulam para lidar com as situações novas colocadas pela modernização.

O fenômeno da romaria estabelece uma relação fixa com o espaço, mas não significa que os seus significados estejam fixos na cultura do mesmo. Na realidade, ambos possuem informações complementares, ou seja, que hierarquicamente se sobrepõem, promovendo novas modalidades e/ou formas de leitura do espaço. O que gera esta complementaridade é o conflito, pois de acordo com aquilo que é sugerido por um, o outro responde, de maneira a estabelecer certo equilíbrio. Exemplo: a transformação da paisagem natural x transformação da paisagem construída, o que é comum a ambos e também geradora do conflito é a ação do homem.

2.1 - Romeiros-turistas

A maior parte dos estudos referentes às romarias reside na justaposição de vários pontos de vista e da análise da capacidade dos cultos religiosos, presentes no ritual, de incorporar a diversidade de informações. O ritual é capaz de acomodar práticas e perspectivas diversas sobre o mesmo símbolo ou espaço. É justamente a ênfase dada a essa capacidade de absorver e refletir uma multiplicidade de discursos religiosos e seculares e de congregar num mesmo espaço uma grande variedade de agentes sociais, religiosos e não-religiosos, que caracteriza esta análise.

Espaços e objetos que são focos de peregrinação geralmente têm um texto (escrito) ou um mito (oral) sagrado de referência que lhes confere força autoritativa. Do mesmo modo, a relação entre pessoas, lugares e eventos sagrados levanta questões importantes para a análise comparativa de qualquer peregrinação. Túmulos, relíquias, espaços que foram habitados por pessoas reconhecidas como santas como grutas ou montanhas, podem tornar-se, de diferentes modos, encarnações do sagrado em sua forma material. Na sua expressão empírica, esses elementos “pessoa”, “lugar” e “texto” coincidem nos eventos de peregrinação, que se apresentam como depositários de tradições míticas e históricas que são atualizadas por seus peregrinos e demais agentes religiosos por meio da invocação de suas crenças, da veneração de suas imagens e do desempenho de seus rituais. Cada peregrinação, no entanto, pode enfatizar um ou mais desses elementos.

Outro elemento a ser citado, refere-se ao próprio ato de deslocamento como constitutivo do ritual de peregrinação. Os rituais de circulação em torno de objetos ou lugares sagrados ou mesmo profanos (campos, cidades) têm uma longa tradição nos eventos de peregrinação, muitas vezes sobrepondo-se, ou mesmo superando, ao culto às imagens ou pessoas, como acontecia com os rituais de rogações que consistia em perambular em torno de santuários ou de espaços profanos, e também os tradicionais onde o rito central a ser executado pelo peregrino é o de chegar à cidade-santuário ou espaço sagrado.

Segundo Steil, os romeiros-turistas diferenciam-se dos romeiros tradicionais não apenas por sua aparência, seu modo de vestir, sua postura, sua ideologia religiosa, sua visão de mundo, mas, sobretudo pelas estruturas de significados dentro das quais inserem sua experiência. Para essa nova categoria de romeiros, a romaria em si, com suas expressões referentes aos cultos, seu misticismo, sua religiosidade se torna uma curiosidade ou um aspecto pitoresco a ser observado. Sua presença no santuário se justificaria por razões que transcendem aquelas que mobilizariam os romeiros tradicionais. Embora dentro do

evento, procuram estabelecer uma exterioridade e um distanciamento em relação à massa dos romeiros, fazendo emergir, desse modo, um "nós" que se confronta com um "eles".¹⁴

Quando se pergunta aos romeiros-turistas quais as motivações que os levam a deslocar-se para Pirapora no período da romaria, percorrendo centenas de quilômetros em carros particulares ou em ônibus confortáveis, as respostas mais recorrentes são as de que a romaria fornece-lhes uma ocasião ímpar para "admirar a fé do povo". Ou seja, já não se trata de peregrinar em busca de uma experiência pessoal, mas de se colocar como um observador externo, na qualidade de turista, frente a uma experiência vivenciada por outros e que se torna objeto de admiração.

Mesmo desvalorizada socialmente, no âmbito da sociedade moderna secularizada e da experiência religiosa dos romeiros-turistas, os atributos da religiosidade e do misticismo tradicionais são considerados como constitutivos de uma autêntica "fé católica", que teria perdido muito de sua autenticidade a partir do processo de racionalização que passou a dominar o campo da religião.

Esses romeiros-turistas manifestam, portanto, certa exterioridade em relação ao ideal de comunhão partilhado pela grande maioria dos peregrinos. Estes formam hoje uma nova categoria de romeiros, que se dirigem ao santuário por motivações que devem ser remetidas mais a uma estrutura de significados próprios do "viajar", do "descobrir", do que ao universo místico das peregrinações. Suas atitudes e falas apontam para uma experiência que busca atualizar, nesse contexto específico, uma forma de sociabilidade que se estrutura dentro do universo de uma cultura turística. Constata-se que aquilo que os romeiros tradicionais vão buscar na romaria não é necessariamente o mesmo que mobiliza os romeiros-turistas.

Os romeiros-turistas buscam um reencontro com a "fé pura", vivida pela massa indiferenciada de romeiros. Para estes, trata-se de uma volta a algo nostálgico, visto desde fora, o qual não estaria mais ao seu alcance.

A romaria é vista, nessa perspectiva, como uma forma de "sobrevivência" de um mundo idílico, que projeta para dentro da crise contemporânea uma imagem de permanência e estabilidade. Mas, também, um mundo onde se pode tomar contato com os valores e sentidos que a sociedade industrial e urbana acredita ter perdido, ou ao menos, esquecido. Através de um deslocamento no espaço, os romeiros-turistas idealizam o encontro com seu "mito de origem" ou com uma espécie de "paraíso perdido". A nostalgia da "fé pura" toma forma e contorno, onde é vivenciada pelos romeiros tradicionais diante dos quais se sentem exteriores. Esse estranhamento se constitui num mecanismo pelo qual os romeiros-turistas demarcam uma diferença que não se encontra apenas na ordem do espaço ou do tempo, mas, sobretudo na ordem social.¹⁵

Para aqueles que habitam a cidade da Pirapora como o seu mundo particular e que retiram seu sustento das atividades relacionadas com empreendimentos turísticos e comerciais desenvolvidos em torno da romaria, mesmo que forma precária, quase subsistente as mudanças são bem-vindas. Mas isto é uma leitura do indivíduo e não do coletivo. Por exemplo, o comércio sustenta-se pela presença do turista, mas a cidade não comporta nenhum dos dois, estruturalmente falando.

Seu olhar sobre os romeiros já deixa transparecer este processo simbólico que procura tomar distância em relação a um significado da romaria que se realizaria da manifestação de fé da comunidade. É a quebra da perspectiva mística que os romeiros procuram imprimir ao evento. Falamos agora de performance, sem primitivismo, e nisto configura-se a distância do morador ao romeiro. O que um vem buscar, o outro de certo modo, enxerga o entregar como

¹⁴ Steil, Carlos Alberto - Romeiros e turistas no santuário de Bom Jesus da Lapa in Horiz. antropol. vol.9 no.20 Porto Alegre Oct. 2003

¹⁵ Steil, Carlos Alberto - Romeiros e turistas no santuário de Bom Jesus da Lapa in Horiz. antropol. vol.9 no.20 Porto Alegre Oct. 2003

oportunidade de troca. A leitura é que em um mesmo espaço, a fé de um é diferente daquela manifestada pelo outro. Uma delas se manifesta de forma, apática, controlada e até conformada.

Romeiros em Festa do Padroeiro – Agosto 2007
Fotos 01 / 02 / 03 : Feira de Artesanato e Lembranças na Praça dos Romeiros
Nas margens do Rio Tiete, próximo à Igreja Matriz

Fonte: Alexandre Nascimento Salles¹⁶

Ao se diferenciar dos romeiros, os moradores trabalham, sem se conscientizar, na construção de uma visão desmistificadora do evento da romaria. Os moradores procuram anular a narrativa tradicional sobre a romaria não apenas manifestando seu dissenso em relação aos sentidos construídos a partir da dimensão mítica do evento, mas, sobretudo, inserindo a romaria numa outra estrutura significativa que já possui um reconhecimento coletivo. Para isso, deslocam as categorias próprias do turismo para dentro do campo religioso, autorizando assim a negação da *comunhão* como o sentido ideal da romaria. Ao apresentar a passagem da *comunhão* para como um processo natural, os moradores de Pirapora estão, na verdade, autorizando-se a transformar a romaria num grande evento turístico.¹⁷

Corpus Christi - Tapetes feitos de pó de serragem tingido, formam imagens sacras

Fotos 01: Tapetes concluído em uma das vias centrais.¹⁸

Fotos 02: Finalização de tapete.¹⁹

Fotos 03: Tapetes concluídos em via próxima ao Seminário.²⁰

¹⁶ Arquivo Pessoal

¹⁷ Steil, Carlos Alberto - Romeiros e turistas no santuário de Bom Jesus da Lapa in Horiz. antropol. vol.9 no.20 Porto Alegre Oct. 2003

¹⁸ www.piraporadobomjesus.com.br – Consultado em Maio 2007.

¹⁹ www.correiogourmand.com.br – Consultado em Maio 2007.

²⁰ www.cajamar.com.br – Consultado em Maio 2007.

2.2 - Romeiros e Sambistas

Imagens de Grupos que freqüentavam os festejos de Pirapora do Bom Jesus

Foto 01: Grupo Caiapó de Rio Claro

Foto 02: Samba do Lenço de Rio Claro

Foto 03: Samba

Fonte: Levi Strauss²¹

Um dos primeiros estudiosos dedicados ao samba paulista foi o escritor Mario de Andrade. Ele, nos anos 30, publicou o artigo “O samba rural paulista” e de certa forma trouxe à tona uma necessidade: conhecer melhor as origens daqueles ritos animados, cercados por gente feliz e que eram vistos com grandes reservas pelos fazendeiros e pela igreja católica. De certo modo, esta pesquisa o levou à Pirapora do Bom Jesus. Abaixo, algumas impressões do autor:

“Na terminologia dos negros que observei a palavra samba tanto designa todas as danças da noite como cada uma delas em particular. Tanto se diz “ontem o samba esteve melhor” como “agora sou eu que tiro o samba”.

A palavra ainda designa o grupo associado pra dançar sambas.

“O dono-do-samba de São Paulo me falou que este ano o samba de Campinas não vem”.

E outros acrescentaram que “a qualquer momento devia chegar a Pirapora o samba de Sorocaba”.

“Em 1933 os negros falavam indiferentemente samba ou batuque”.

²¹ LÉVI-STRAUSS, Claude. Saudades do Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 1994. 228 p.

Foi neste artigo que Mário de Andrade cunhou o termo Samba Rural. Na avaliação dele, as características desta manifestação rítmica tinham relações evidentes com o ambiente criado pelas fazendas, na vinda forçada de escravos africanos, cheios de rituais, para lida nas lavouras de cana de açúcar e café em São Paulo.

O motivo que tornou Pirapora do Bom Jesus um ponto de encontro, espontâneo e não oficial, de batuqueiros de diversas partes do estado de São Paulo, tem origens históricas que remontam ao ano de 1725 – como já apresentado no capítulo anterior - e se relacionam inicialmente ao catolicismo. Acredita-se que, nesse ano, no dia 6 de agosto, foi encontrada uma imagem do Senhor Bom Jesus deitada nas pedras do rio Tietê e que, dias depois, o santo teria realizado o milagre de fazer um homem mudo voltar a falar. A notícia da presença do santo milagreiro no local passou a atrair romeiros do interior do Estado, que iam a Pirapora em busca de milagres ou empenhar e pagar promessas. Inicialmente, famílias de fazendeiros deslocavam-se para o então vilarejo e levavam consigo seus escravos. Enquanto o senhorio rezava ao santo, a escravaria fazia seus batuques à distância. Após a abolição da escravatura, ex-escravos e seus descendentes continuaram a frequentar Pirapora do Bom Jesus durante as romarias.

No começo do século 20, foram construídos dois galpões para abrigar os romeiros que não tinham onde ficar. Na prática, os brancos ficavam em hotéis e pensões e os negros iam para esses galpões, que eram conhecidos com “barracões”. Segundo o antropólogo Marcelo Manzatti²²:

“As romarias em devoção ao Bom Jesus atraíam em agosto muitas famílias negras, em sua maioria, que rezavam durante o dia e à noite se reuniam para fazer o samba”,

Barracão na entrada de Pirapora – 1937
Fonte: Revista do Arquivo Municipal²³

²² “Samba Paulista: do centro cafeeiro ‘a periferia do centro’ por Marcelo Manzatti in www.uesp.com.br

²³ ANDRADE, Mario de. “O Samba Rural Paulista”. In: Revista do Arquivo Municipal. Ano IV, Volume XLI. São Paulo, Departamento de Cultura, novembro de 1937

Alojados nos barracões, os negros provenientes de Capivari, Campinas, Piracicaba, Sorocaba, Tietê, e de outras cidades do interior, faziam apresentações ali mesmo das formas de samba que originalmente eram feitas em suas cidades. Ali se praticava o Samba de Umbigada, o Samba Lenço, o Jongo, o Tambu, o Samba Campineiro entre outros. A forte presença do bumbo (ou zabumba), aos poucos, provocou a fusão da denominação dos sambas que se praticavam nos barracões como Samba de Bumbo, ou Samba de Pirapora, o que Mário de Andrade preferiu chamar Samba Rural Paulista. Mário de Andrade assim descreveu o Samba de Bumbo:

“Enfileirados os instrumentistas, com o bumbo ao centro, todos se aglomeram em torno deste, no geral inclinados pra frente como que escutando uma consulta feita em segredo. É, pois a coletividade que decide do texto-melodia com que vai sambar. No grupo em consulta, um solista propõe um texto-melodia. Não há rito especial nesta proposta. O solista canta, canta no geral bastante incerto, improvisando. O seu canto, na infinita maioria das vezes, é uma quadra ou um distico. O coro responde. O solista canta de novo. O coro torna a responder. E assim, aos poucos, desta dialogação, vai se fixando um texto-melodia qualquer. O bumbo está bem atento. Quando percebe que a coisa pegou e o grupo, memorizando com facilidade o que lhe propôs o solista, responde unânime e com entusiasmo, dá uma batida forte e entra no ritmo em que estão cantando. Imediatamente à batida mandona do bumbo, os outros instrumentos começam tocando também, e a dança principia.”

A partir das décadas de 1910 e 20, a presença crescente dos batuqueiros em Pirapora tornou a cidade um verdadeiro reduto do samba paulista e os batuques que acabaram por dividir com a festa religiosa, a atração dos romeiros para o local. Entretanto, a divisão entre brancos e negros permanecia.

Demoraram pelo menos três séculos para que o batuque de Pirapora chegasse aos bairros da Barra Funda, do Bexiga e da Baixada do Glicério, três dos principais redutos dos ex-escravos vindos do interior de São Paulo. Com o “pogresso”, bumbo deu lugar para o metal da frigideira e da latinha. Fundador do Grupo Barra Funda, o primeiro grupo carnavalesco de São Paulo – hoje, a Escola de Samba Camisa Verde e Branco - Dionísio Barbosa freqüentava as festas de Bom Jesus. Influenciado pelos batuques de Pirapora, na década de 1930, ele foi o primeiro a introduzir o bumbo e sua sonoridade grave no Carnaval de rua paulistano. Posteriormente, o bumbo passou a ser uma das principais características dos cordões carnavalescos da cidade, com uma sonoridade muito diferente dos ranchos carnavalescos cariocas.

O samba de São Paulo

Foto01: Escola de Samba Lavapês – 1ª. Escola Paulistana, fundada em 1937 - Fonte: Projeto 14 Sambas²⁴

Foto02: Grupo Barra Funda, 1930 - Fonte: FHOX²⁵

Foto 03: Inocência Mulata - Fonte: Paranapanema²⁶

Foto 04: Pato N'água - Fonte: Paranapanema

Foto 05: Carlão do Peruche - Fonte: www.spcarnaval.com.br²⁷

Na esteira de Dionísio Barbosa, outros pioneiros do samba paulistano também foram influenciados pelo samba de bumbo. Gente como a Madrinha Eunice, que em 1937, fundou a escola de samba *Lavapês*, a primeira escola paulistana; Pé Rachado - do então cordão Vai -Vai - Inocência Mulata do Tatuapé; Pato N'Água, também do Vai Vai; Carlão do Peruche e diversos outros.

²⁴ Blog 14 sambas – Comunidade Quilombola – Consultado em Fevereiro 2009.

²⁵ www.fhoxsp.com.br . Consultado em Novembro de 2008.

²⁶ Blog Paranapanema – Consultado em Fevereiro 2009.

²⁷ www.spcarnaval.com.br – Consultado em Fevereiro 2009.

Dionísio Barbosa - fundador do primeiro cordão de São Paulo

Fonte: www.usp.br²⁸

Samba rural, samba de bumbo, samba de lenço, jongo, samba de umbigada, samba campineiro, pernada, tiririca, batuque, tambu, Samba de Pirapora. É difícil saber até onde estes termos designam uma unidade ou uma diversidade. Improvável também é designar uma maternidade ou paternidade. Foi um somado de influências, que aí constam questões econômicas, políticas, religiosas e migratórias. Todas elas responsáveis pela levada diferente do samba criado em São Paulo. A importação de escravos do nordeste brasileiro para trabalhar nas lavouras de café no século XVIII, por exemplo, é vista como fundamental para o nascimento de um samba paulista. Foi desta migração que provavelmente vieram também às tradições originárias de Angola, como a umbigada ao som de tambores, que tinha como propósito homenagear a deusa da fertilidade.

Estima-se que 73% dos africanos que vieram ao Brasil são originários do que hoje é Angola, país da costa atlântica da África. Trazido pelos angolanos, o jongo (foto acima) e a umbigada (samba, em linguagem quimbundo) foram essenciais e trouxeram um tempero polêmico. Eram rituais de cunho religioso, fundados no ritmo e que, sobretudo na umbigada, carregavam uma estética sensual e “imoral”, na visão dos brancos europeus católicos.

A tradição negra dos escravos africanos, mantida e enriquecida pela influência europeia, não era vista com bons olhos pela igreja católica. Em Pirapora do Bom Jesus o samba era entendido como atividade profana, ou seja, contra a moral católica que sempre esteve profundamente ligada à cultura do município. Por isso, o culto do samba foi duramente reprimido, mas mesmo assim era realizado, de forma clandestina, na mesma época em que as festividades do “Bom Jesus”, nos meses de agosto.

João do Pasto, 80, branco e um dos dois remanescentes do grupo de samba liderado por Honorato Missé, rememoram que a divisão perdurou até depois da década de 1950:

“Tinha o samba dos “de cor” que era separado. Não se uniam (brancos e negros),

tinha amizade e tudo, mas, nas danças, pelo regime dos delegados, o samba era separado. Os negros tocavam de um lado e os brancos do outro”.

²⁸ www.usp.br. - Jornal da USP - 12 a 18 de fevereiro de 2007 - ano XXII no.790

2.2.1 - Maria Esther Andrade (*"Dona Esther"*), 84 anos

Maria Esther Andrade (*"Dona Esther"*)

Fonte: O Patiifundio – Revista Eletrônica ²⁹

Segundo relato de Maria Esther Andrade (*"Dona Esther"*), 84, também branca e a mais velha remanescente do grupo de Honorato Missé, na década de 1940:

"Vinhm muitos negros de Capivari, Campinas, Piracicaba, eles vinhm nos batuques, e eles (os negros) não gostavam que a gente entrasse (no samba)".

Maria Esther (*"Dona Esther"*) rememora que ia ver o samba escondida de seu pai e acabava *"ganhando uma surrinha"*. O pai batia, mas ela não desistia. Pulava a janela escondida e ia ao barracão. Ela revela que ganhou a confiança dos batuqueiros porque um dia seu pai a flagrou no barracão e a tirou de lá à força, sob punho pesado:

*"Ele me bateu muito. Batia em qualquer lugar. Minha mãe teve que me dar banho de sal pra melhorar.
Aí os negros ficaram com dó de mim e me deixavam entrar no samba."*

O gosto pelo samba fez com que os pais a expulsasse de casa quando ainda era adolescente. Mudou-se para São Paulo e rapidamente encontrou amparo no mundo do samba paulistano. Na capital encontrou amigos que havia feito nas festas de Bom Jesus e passou a frequentar as escolas de samba.

²⁹ www.opatifundio.com – Consultado em Dezembro de 2008.

Foi convidada a entrar para os Unidos da Galvão Bueno, depois para a escola de samba Lavapés, e finalmente para a Vai-Vai, escola que frequenta desde 1978. Voltou a morar em Pirapora há alguns anos, mas os barracões não existiam mais:

“Derrubaram os barracões e os pretos falaram que não vinham mais em Pirapora. E Pirapora foi acabando, acabando”

A batuqueira em lamento, afirma ser essa a razão de que os festejos da cidade terem diminuído de quatro para apenas dois dias, entre 5 e 6 de agosto.

“A idade não regula, o que regula é o rebolado”.

Grupos de Samba Rurais

Foto01: Grupo Samba de Roda de Pirapora do Bom Jesus- Fonte: Alexandre Salles³⁰

Foto02: Objetos do Grupo Samba de Roda- Fonte: Alexandre Salles³¹

Foto 03: Grupo Samba de Roda de Pirapora do Bom Jesus - Fonte: Pagina Zero³²

Maria Esther (*“Dona Esther”*) lidera o grupo Samba de Roda, que, além de apresentar-se nas festas de agosto, procura preservar a tradição do samba de bumbo. Do cenário presenciado, em 1933 por Mário de Andrade em Pirapora do Bom Jesus pouco restou. Mas a perseverança de Dona Esther e do Grupo Samba de Roda têm tornado possível que sambistas da capital possam reconhecer onde estão muitas das origens do samba paulistano.

³⁰ Arquivo pessoal – Alexandre Salles

³¹ Arquivo pessoal – Alexandre Salles

³² www.paginazero.com.br – Consultado em Fevereiro 2009.

Paralelamente à derrubada dos barracões, a festa profana tornou-se decadente e os sambas rurais, entraram em processo de desaparecimento da memória dos sambistas urbanos. Hoje sobrevivem os grupos *Samba Lenço*, de Mauá; *Grito da Noite* e *Cururuquara*, ambos de Santana de Parnaíba; *Samba de D. Aurora*, de Vinhedo; e o *Samba de Roda*, de Pirapora do Bom Jesus. Cidades como Piracicaba, Rio Claro, Campinas, Descalvado, entre outras, começam também a reagrupar os antigos sambistas promovendo intercâmbio entre jovens músicos e pesquisadores identificados com a tradição do bumbo. Desse movimento nasceram os grupos *Urucungos*, *Puítas* e *Quinjengues*, de Campinas; *Sambaqui*, de São Paulo; e o *Teatro Popular Solano Trindade*, de Embu das Artes- todos voltados às práticas do improviso poético, coreografia e da música do samba rural paulista, termo cunhado por seu maior estudioso, Mário de Andrade.

Grupos de Samba Rurais

Foto01: Grupo Samba Lenço de Mauá - Fonte: ABCDmaior³³

Foto02: Grupo Cururuquara de Santana do Parnaíba - Fonte: Alexandre Salles³⁴

Foto 03: Grupo Grito da Noite de Santana do Parnaíba - Fonte: Santana do Parnaíba³⁵

2.2.2 - Geraldo Filme

Conhecido como um dos maiores compositores do samba de São Paulo, Geraldo Filme foi outro que presenciou as festas de Pirapora na década de 1930. Nascido em São João da Boa Vista, no interior paulista, Geraldo Filme (1928 - 1995) veio pequeno para a Capital. O pai tocava violino, mas foi com a avó

³³ www.acbcmajor.com.br – Consultado em Fevereiro 2009.

³⁴ Arquivo pessoal – Alexandre Salles

³⁵ www.santanadeparnaiba.sp.gov.br – Consultado em Fevereiro 2009.

que conheceu os cantos de escravos que influenciaram sua formação musical.

Quando tinha quatro anos de idade adoeceu e sua mãe fez uma promessa para Bom Jesus curá-lo. Com a graça alcançada, a mãe de Filme foi impossibilitada de pagar sua promessa.

Anos mais tarde o compositor cantou o episódio: “Mamãe fez uma promessa / Para me vestir de anjo / Me vestiu de azul-celeste / Na cabeça um arranjo / Ouviu-se a voz do festeiro / No meio da multidão / Menino preto não sai / Aqui nessa procissão”.

Sua mãe tinha uma pensão nos Campos Elíseos e fazia marmitas que o menino Geraldo entregava em toda a região. Na Barra Funda, bairro vizinho, passava um bom tempo nas rodas de samba e tiririca (capoeira) que os carregadores improvisavam no Largo da Banana.

Compôs o primeiro samba (Eu Vou Mostrar) com 10 anos de idade. Sua mãe fundou o primeiro cordão carnavalesco formado só por mulheres negras, que futuramente iria se transformar na Escola de Samba Paulistano da Glória.

Geraldo Filme

Fonte: O Patiifundio – Revista Eletrônica ³⁶

Segundo a mais antiga remanescente do samba de Pirapora, Maria Esther (*“Dona Esther”*), 84, quando Geraldo Filme “já era moço” ele voltou à festa do Bom Jesus. Vendo-a na roda, pediu que ela cantasse um samba para ele. Sabedora do constrangimento passado por Filme, que quando criança foi impedido de sair na procissão por ser “menino preto”, Maria Esther lembra que fez os seguintes versos de improviso (que depois seriam adaptados pelo

³⁶ www.opatifundio.com – Consultado em Dezembro de 2008.

compositor e gravados junto com os versos descritos acima): “Ê minha mãezinha / Vamos embora / Eu quero ser batizado / no Samba de Pirapora.”

Geraldo tem o nome ligado à história do Carnaval paulista. Respeitado e querido por todas as escolas, marcou presença na Unidos do Peruche, para quem compôs sambas-enredo, mas é lembrado principalmente por sua ligação com a Vai-Vai. O samba “Vai no Bexiga pra Ver” tornou-se um hino da escola, e “Silêncio no Bexiga” homenageia um célebre diretor de bateria da Vai-Vai, o Pato Nágua. “Com o samba-enredo “ Solano Trindade, Moleque de Recife” levou a escola ao título de campeã.

Nos últimos anos de vida trabalhou na organização do Carnaval na cidade de S. Paulo, tornando-se uma referência da cultura negra paulistana. Um aspecto pouco estudado de sua obra é a releitura do samba rural paulista (“Batuque de Pirapora”, “Tradições e Festas de Pirapora”), que trazem elementos dos jongos, vissungos e batuques ensinados por sua avó. Deixou poucas gravações, e boa parte de sua obra continua desconhecida. O LP “Geraldo Filme”, gravado em 1980, demorou 23 anos para ser lançado em CD (Eldorado, 2003).

Uma importante gravação de cunho documental e histórico, O Canto dos Escravos, com Clementina de Jesus e Doca da Portela (Eldorado, 1982), também já pode ser encontrada em CD. A gravação do programa Ensaio, realizada em 1982, é outro documento valioso sobre Geraldo Filme (SESC/ TV Cultura).

Suas composições podem ser ouvidas em gravações de Beth Carvalho (BC Canta o Samba de São Paulo), Osvaldinho da Cuíca (História do Samba Paulista), grupo A Barca, entre outros. Existe em vídeo um documentário sobre sua obra, realizado por Carlos Cortez, uma co-produção da TV Cultura, CPC-Umes e Birô da Criação.³⁷

2.2.3 - Osvaldinho da Cuíca

Osvaldinho da Cuíca, 69 anos, músico veterano e pesquisador, organizam caravanas ao Espaço Samba Paulista Vivo, em Pirapora, duas vezes ao ano. - no dia 6 de agosto, data importante dentro do calendário religioso da cidade, e no sábado de Carnaval. Grande defensor da preservação dos cordões carnavalescos, típicos do carnaval paulistano, Osvaldinho refaz o caminho que os pioneiros do bairro da Barra Funda fizeram.

Seu reconhecido trabalho como instrumentista e o empenho no resgate, preservação e difusão do samba, repercutiu na conquista do importante título de “Embaixador Nato do Samba Paulista”, concedido pela União das Escolas de Samba Paulistanas (UESP). Paulistano de Bom Retiro, nasceu em pleno Carnaval de 1940, ao som da bateria do Cordão Campos Elíseos.

Aos quinze anos já se fazia notar nos batuques e cordões carnavalescos da zona norte de São Paulo, participando do surgimento de várias escolas de samba. Desde então, tem estado presente nos principais momentos históricos do samba e da música popular brasileira.

Ingressou no Teatro Popular de Solano Trindade em 1959, dedicando-se à cultura afro-brasileira. No mesmo ano, junto ao grupo de Monsueto Menezes, participou da trilha sonora do filme “Orfeu Negro”, vencedor da Palma de Ouro do Festival de Cannes e do Oscar de melhor filme estrangeiro.

Apresentou-se em diversos estados brasileiros como integrante do grupo folclórico de Luiz Carlos de Barbosa Lessa, participando do espetáculo “A Rainha de Moçambique”, encenado no Teatro Municipal de São Paulo em 1961.

³⁷ www.samba-choro.com.br/artistas/geraldofilme

Em 1962, formou um trio de passistas com Chevalier e Paula do Salgueiro, apresentando-se com sucesso em clubes e programas de televisão. Na mesma época, participou de um movimento musical iniciado na famosa boate “O Jogra!” de Luiz Carlos Paraná, abrindo espaço para o samba nas casas noturnas de Moema e da Rua Santo Antônio, no Bexiga.

Integrou o conjunto “Demônios da Garoa” entre os anos de 1967 e 1999, recebendo no 8.º Prêmio Sharp de Música o troféu de melhor grupo de samba.

Em 1972, levou o ritmo das escolas de samba aos estabelecimentos de ensino, gerando grande polêmica na imprensa nacional pela inovação apresentada nos desfiles cívicos daquele ano.

Foi eleito o primeiro “Cidadão Samba de São Paulo”, em 1974, no concurso promovido pela secretaria de turismo da cidade. No mesmo ano, gravou seu disco de estréia como intérprete, produzido por Marcus Pereira.

Fundou a Ala de Compositores da Escola de Samba Vai-Vai (1975), participando também da fundação de outras escolas, entre elas a Gaviões da Fiel (1974) e a Acadêmicos do Tucuruvi (1976).

Produziu os primeiros LP’s de Samba-Enredo das cidades São Paulo, Santos, Guaratinguetá e São Luís do Maranhão.

Em 1978, atuou no curta-metragem produzido por Thomas Farkas, sobre a história da cuíca. Além da representação do samba e dos instrumentos musicais afro-brasileiros, a participação deste filme em festivais internacionais contribuiu para o reconhecimento do seu trabalho como instrumentista, abrindo espaço para viagens ao exterior.

Apresentou-se no Japão com o maestro Nelson Ayres (1985), realizou turnê com a Cia. de Franco Fontana, apresentando-se na Itália, França e Principado de Mônaco (1987), tocou nos EUA ao lado de Amilson Godoy e Hermeto Paschoal (1989) e, recentemente, participou como convidado especial do Amsterdã Samba Meeting, na Holanda (1999).

Osvaldinho da Cuíca - Fonte: Samba e Política³⁸

Em 1984, dirigiu e apresentou o musical “O Canto dos Escravos” com participação de Clementina de Jesus e Geraldo Filme. Acompanhado pelo

³⁸ www.sambaepolitica.blogspot.com – Consultado em Janeiro de 2009.

sambista Geraldo Filme, seu parceiro por quarenta anos, levou ao Projeto Funarte, em 1985, uma primeira versão da História do Samba Paulista, projeto desenvolvido durante toda a sua vida.

Em 1989, participou de duas experiências sinfônicas: a montagem de “Matogrosso” de Gerald Thomas, no Teatro Municipal de São Paulo e um concerto com a Orquestra Sinfônica do Estado de São Paulo, no Memorial da América Latina.

No início da década de 90, participou de uma série de projetos de valorização do samba e da música popular brasileira.

Em 1997, intensifica suas pesquisas sobre a memória do samba paulista, participando do roteiro e filmagens de um documentário sobre o sambista Geraldo Filme.

Através de uma parceria com o CPC-UMES realizou, em 1999, a produção do CD “A História do Samba Paulista - I”, escrevendo e dirigindo o espetáculo teatro-musical de mesmo nome, apresentado no Teatro Denoy de Oliveira, em São Paulo.

capítulo 03

A peleja

“...Muitos sertanejos seguiam Conselheiro em sua peregrinação. Mas a situação agravou-se quando o líder religioso instalou-se na antiga fazenda de Canudos. As pessoas vinham de toda parte. O arraial, segundo as autoridades, era um abrigo de criminosos. Amontoavam-se jagunços suficientes para compor um batalhão, homens cruéis e destemidos.

O governo do Estado da Bahia resolveu organizar uma expedição para desbaratar o arraial de Canudos. A primeira expedição, liderada pelo Ten. Pires Ferreira, foi enviada em novembro de 1896. Dispostos estrategicamente, mais preparados e com mais noção do território e de seus ardis, os jagunços saíram vencedores. A segunda expedição, comandada pelo major Febrônio de Brito, foi atacada de surpresa e vencida.

Com grande respaldo popular, a terceira expedição, Expedição Moreira César, partiu de Monte Santo em fevereiro de 1897 e em março invadiu Canudos. O Cel. Moreira César morreu e a expedição fracassou. Os soldados debandaram nas caatingas.

A fuga dos soldados restrugiu-se no país inteiro. A vitória dos jagunços foi considerada um ultraje para a República. Era uma ameaça de restauração da Monarquia... (os sertanejos nem entendiam as reformas republicanas: casamento civil, cobrança de impostos e separação entre Igreja e Estado). Batalhões de todos os Estados foram mobilizados para destruir Canudos. O Gen. Artur Oscar liderava-os. Com a ajuda do Tenente-Coronel Siqueira de Meneses, comandante astucioso, os soldados combateram e venceram, apesar da repetição dos mesmos erros das expedições anteriores.

A vitória das forças do governo, conseguida após sucessivos reforços, consolidou-se quando se compôs a Trincheira Sete de Setembro. Canudos estava cercado, mas resistiu com fome e sede até 5 de outubro. Os prisioneiros foram degolados.”

Capítulo 03 – A Peleja

*"Peregrino que sobe montes para ver horizontes
Homem de alma errante e doida de verdades
Que busca a solidão para ter companhia
Mente vagabunda que peregrina,
Que voa, mas que também caminha
Ainda que sempre atada, vai e vai
Teu caminho vai a um lugar, e tu...
Aonde vais?"*
*(poema anônimo escrito na parede do albergue
de Manjarin, no caminho de Santiago)*

1. Introdução à Peleja

A TERRA - Pirapora do Bom Jesus - 2007
Vista Panorâmica ¹

Ao verificar todo o legado de informações levantadas sobre a história da cidade de Pirapora do Bom Jesus, deparamo-nos com a questão inicial proposta: o estabelecimento de elemento de análise, capazes de reconhecer através do entendimento da fronteira entre os símbolos – do sagrado e do profano – a possibilidade de estabelecimento de um caminho de reconhecimento e identificação do lugar e de sua memória.

Para este reconhecimento, a trajetória desta pesquisa sempre esteve pautada no desvelar e revelar das informações contidas na simbologia que seriam perseguidas. Em um primeiro momento, buscou-se a percepção da cidade através da dicotomia do simbólico, baseada no sagrado e no profano. Neste sentido, perceber que acondicionar as informações apenas na dicotomia do religioso seria muito específico dentro de uma proposta de leitura semiótica. Na realidade, esta dicotomia é potencializada e uma vez que se estabelece enquanto dinâmica, permite que possamos ampliar o grau de alcance da análise proposta. Não tratamos apenas do sagrado e do profano, mas também do simulacro nestes presentes: o novo e o velho, o individual e o coletivo, o pobre e o rico, a paisagem natural e o espaço construído, o vazio e o ocupado, entre outros. Na realidade provocamos um novo grau de entendimento para esta dinâmica: a complementaridade.

Quando evocamos os símbolos de maneira polar, ou seja, de algo oposto ao outro, enquanto significância, não percebemos que na realidade, estamos tratando de algo complementar e não que simplesmente se opõe à existência do outro. Na realidade, tem-se uma relação de dependência para que um e o outro existam. Então não é simplesmente um ou outro; é também um e o outro, que juntos promovem outro significado. Em separado, analiticamente falando, possuem trajetórias com informações próprias, mas são coexistentes, e de certo modo dependentes.

Um e o outro, juntos; significa confronto. E neste caso, dentro das informações apontadas nos capítulos anteriores é o que mais percebemos. Desde os primórdios da ocupação de Pirapora, o conflito, enquanto ação humana é o grande potencializador de mudanças, deste homem- habitante deste espaço – e

¹ Arquivo Pessoal- Alexandre Nascimento Salles.

desta terra – chão deste homem. Com isso, partindo da informação desta leitura, passamos a entender a conformação deste espaço, enquanto lugar. Seja por suas características físicas; seja pelas especificidades resultantes dos desdobramentos da ação humana neste espaço. Neste sentido chegamos à conclusão acerca da estrutura da proposta, de que os elementos de dicotomia, reconhecidos em Pirapora do Bom Jesus são resultantes na realidade da análise da mesma, através de três partes: da Terra, do Homem e da Peleja.

O HOMEM – Romeiros Itú à Pirapora- 2007
Fotos 01 a 04 ²

Evocou-se não gratuitamente a estrutura de Os Sertões, de Euclides da Cunha, como base para a formatação desta estrutura. Salvo, as devidos desdobramentos praticados por Euclides em sua obra, o que mais atraiu, foi a forma com que o mesmo organizou sua obra. Não somente, na divisão óbvia das partes, mas também analisando cada volume desta, percebemos a mudança de linguagem que o mesmo promove, a partir do momento que o conflito se intensifica e o autor, se vê mais envolvido no lugar e no evento. É um trabalho, de Euclides, que partiu da linguagem jornalística, documental.

Neste entendimento, partilhar a pesquisa em partes significa evidenciar cada uma delas com uma questão, de grande representatividade. Resumidamente, Euclides, em sua primeira parte, “A Terra” descreveu o sertão baiano. Iniciou explicando o relevo do Planalto Central brasileiro. Depois descreveu a paisagem sertaneja: seca, dias quentes e noites frias, cheia de árvores sem folhas e espinhenta. Na segunda parte, “O Homem”, o Autor caracterizou os sertanejos e contou a história de Antônio Conselheiro, líder do arraial de Canudos. Euclides destacou as diferenças do sertanejo e dos litorâneos, concluindo que os sertanejos estão isolados da civilização e, portanto, privados de seus bens culturais e materiais. Antônio Vicente Mendes Maciel (o Conselheiro), líder de Canudos, foi um reflexo dos sertanejos. E na terceira parte, “A Luta”, Euclides

² www.flickr.com – Carlos Cabral – 2007.

Fala sobre o que foi a Guerra de Canudos e explica com riqueza de detalhes os fatos dessa guerra que dizimou a população de Canudos. Fica muito forte, a idéia de trajetória deste Homem, sobre a sua terra, sobre a sua realidade, sobre o auto-conhecimento e o que isto resultou de certa forma.

No caso da pesquisa temos: *a Terra*, com a descrição de Pirapora do Bom Jesus, da categoria de povoado em formação até a situação atual do município, como o efeito da poluição do Rio Tiete, anteriormente utilizado como caminho para o desbravamento bandeirante e hoje impossibilitado até mesmo de pequenos passeios lacustres. *O Homem*: utilizando como fundo a história urbana de Pirapora, caracteriza-se os primeiros habitantes, a ação bandeirante, o papel jesuítico, o papel do escravo das fazendas da região e o surgimento da figura do romeiro e a relação com o morador de Pirapora. Estes últimos, como grandes norteadores e espectadores das mudanças ocorridas em Pirapora até os dias atuais. Trazemos para cena, os incentivadores da memória do samba e a sua relação com a história de Pirapora. E a terceira parte, *A Peleja*, inicialmente chamada de *A Luta*, no intuito de consolidar a idéia de que os eventos ocorridos e seus desdobramentos no espaço, seriam configurados com uma labuta diária pela sobrevivência do homem, da tradição do evento da romaria, da memória do lugar, da fé e o credo no Bom Jesus, entre outros. O que concluímos foi que lutar, não seria o caso, e sim pelear. Por mais que o significado semântico seja parecido, a diferença está na continuidade da ação, no regionalismo a que esta remete, de resistência e esperança. Desta forma, a terceira parte ficou configurada como *A Peleja*.

A “PELEJA” de Pirapora do Bom Jesus

Foto 01: Romeiro em chegada à Pirapora, carregando uma cruz caseira³

Foto 02: Romeiros em fila para visitar a imagem do Bom Jesus, na Matriz⁴

Foto 03: Romeiro fazendo pedido à imagem do Bom Jesus⁵

Foto 04: Invasão das espumas na cidade⁶

³ www.flickr.com – Consultado em Janeiro de 2007

⁴ www.mundomissao.com.br – Consultado em Janeiro de 2007

⁵ www.mundomissao.com.br – Consultado em Janeiro de 2007

⁶ www.piraporadobomjesus.sp.gov.br – Consultado em Janeiro de 2007

2. A Peleja e a Peregrinação Religiosa

Em termos etimológicos, peregrinação remonta ao vocábulo latino *peregrinus*, que designa “o estrangeiro, aquele que vive alhures e que não pertence à sociedade autóctone estabelecida, ou seja, é aquele que, pela força do prefixo, percorreu um espaço e, neste espaço, encontra o outro”. A peregrinação, portanto, em sua raiz etimológica está relacionada com o aparecimento do “outro”, do estrangeiro, que percorre caminhos por terras desconhecidas e inóspitas, imprimindo-lhe, desta forma, um traço de heroísmo. Aparece deste modo, associado à idéia de um caminho ao encontro do “outro”, físico ou espiritual. E, neste encontro, se processa necessariamente uma transformação extraordinária que atinge os peregrinos. Esta transformação, no entanto, não se completa no ato exterior do peregrino, mas remete sempre à dimensão ascética das jornadas interiores de um encontro místico com “o Outro”. Como se pode observar se por um lado a peregrinação se exprime na história como um exercício de encontro com o “outro”, o estrangeiro, por outro aponta para uma busca mística de si, como uma jornada de santificação que encontra seu ponto de chegada no reconhecimento de uma divindade que se manifesta no interior de cada devoto.

Enquanto construção social, o termo peregrinação recobre uma vasta e variada gama de experiências históricas e contemporâneas de deslocamentos sazonais por motivos devocionais e cúlticos. Documentos e testemunhos do passado mais remoto já fazem referência a esse tipo de prática em todos os cantos do planeta. Alguns estudos, que investigam o histórico das peregrinações nas religiões mundiais, apresentam um panorama abrangente sobre as práticas de peregrinação desde o período clássico da Grécia Antiga até as sociedades contemporâneas. Num corte temporal, mostram como o conceito ocidental de peregrinação é devedor da Odisséia de Homero, de modo que “muitos dos temas da peregrinação – o sentido de uma viagem cheia de dificuldades, marcada por sofrimentos e pelo o intenso desejo de alcançar o ponto almejado – estão encapsulados neste texto que se tornou um clássico para os antigos gregos e romanos”. Transcendendo os limites da experiência ocidental, esses autores também demonstram como as outras religiões mundiais: judaísmo, islamismo, budismo, hinduísmo vão conformando suas práticas de peregrinação como linguagens rituais para expressarem suas crenças e valores, quase sempre inscritas em seus textos sagrados, nas biografias de seus santos e heróis e nos espaços sagrados, eleitos como lugares de sua manifestação privilegiada.

Torna-se evidente, que a abrangência semântica do termo peregrinação transcende o âmbito do cristianismo e abarca as demais religiões mundiais, escapa-lhes a sua recorrência entre “as religiões locais”, associadas especialmente a “grupos tribais”. Assim, na contramão desta tendência que associa peregrinação às religiões mundiais, pretende-se chamar a atenção para a presença de práticas de peregrinação fora do âmbito das religiões mundiais. Encontram-se estudos, por exemplo, que apontam para o caráter ideológico e político dos trabalhos antropológicos que enfatizam o isolamento dos “grupos tribais” da África no período colonialista, e que mostram que a prática de peregrinações era recorrente entre esses grupos como uma forma institucionalizada de intercâmbio e trocas culturais. De modo que, o silêncio sobre essas práticas serviu à dominação colonialista européia que se legitimava enquanto detentora exclusiva de um projeto que visava romper com o isolamento tribal e promover a integração das populações locais por meio da criação de estados nacionais, vistos como a ascensão a uma nova etapa da evolução humana. Neste mesmo sentido, vale ressaltar a infundável e mítica peregrinação dos guaranis em busca da “terra sem males”, e que se mostra revelador desta prática peregrina entre o principal grupo indígena do Brasil.

A Peleja aqui estabelecida, como leitura, entende a peregrinação religiosa como fenômeno. Segundo Heloisa Ribeiro, *“o fenômeno das peregrinações é próprio de cada cultura. “Cada país ou região tem uma conformação histórica, política, cultural e religiosa que vai determinar a forma, a intensidade e o sentido do andar, nas suas rotas da fé”. Neste sentido é interessante estabelecer o paralelo proposto inicialmente, que as informações apontadas são refletidas no espaço. Heloisa continua “essa diversidade de motivações, no entanto, acaba remetendo a uma mesma essência: as peregrinações constituem um fenômeno ligado à natureza do ser humano. O peregrino percebe-se como alguém que está à procura de Deus, em busca de respostas e de socorro para as suas necessidades espirituais ou materiais. Desde a Antigüidade, as peregrinações se caracterizam pela movimentação das pessoas e pelos rituais que as acompanham. Andanças e rituais evocam a relação com o sagrado, que a veneração e a oração nos lugares santos simbolizam como de maior força e concretude. Render graças, cumprir promessas, fazer oferendas e pedidos de intervenção do sagrado sobre a realidade cotidiana assumem aspectos de comunicação mais objetiva ao se efetivarem em determinados espaços.”*⁷

Esta efetivação do espaço caracteriza a fronteira entre espaço sagrado e espaço profano. Sendo o primeiro, aquele em que se se sacraliza pela existência do ritual e o outro pela ausência deste, ou simplesmente de não ser sacralizado. Podemos citar, por exemplo, os memoriais estabelecidos em beira de estrada, devido a algum tipo de acidente de trânsito. O fato de estabelecermos uma relação de especificidade para aquele espaço, ao fincarmos uma cruz, uma imagem, flores, entre outros elementos, faz com que através de recorte, estabeleçamos um caráter sagrado para este, mesmo estando dentro de um universo profano – a estrada não é o local para o estabelecimento deste tipo de manifestação, mas em contrapartida é testemunhal e provoca nas pessoas uma reação de comoção. Desta forma, sacralizou-se o espaço. Mas este não elimina suas amarras com o profano.

Em geral, as peregrinações se dirigem a um santuário ou local consagrado pela religião. Cada santuário tem uma história própria que traduzirá a interação da fé com a cultura daquele povo. O movimento das peregrinações pode variar de direção e intensidade ao longo do tempo e por diversos fatores de influência, que sempre estarão atrelados direta ou indiretamente à história da região, ou mais recentemente aos apelos dos meios de comunicação.

Durante a Idade Média, as peregrinações assumiram aspecto significativo na paisagem européia, quando estratégias políticas e devoção intercambiaram objetivos e motivações. A figura do peregrino cristão, a pé, faz parte de um quadro místico, onde a fé e as penitências conviveram com os perigos e a necessidade de ocupar regiões, defendendo-as de invasores. Para isso, ocorreu à ampliação do culto aos santos, a multiplicação de festas e das romarias para visitar templos, relíquias e sepulcros. Algumas das principais rotas se dirigiam a Roma, para os túmulos dos apóstolos Pedro e Paulo, ou para o túmulo de Tiago, em Compostela, na Espanha. No período do Renascimento o mundo começou a deixar de ser considerada uma estrada, pela qual as pessoas deviam continuamente passar como peregrinos. A urbanização e o aparecimento de novas filosofias arrefeceram o poder do cristianismo e contribuíram para diminuir o fluxo de peregrinos.

⁷ Ribeiro, Heloisa - Andar com fé e o sentido do chegar - Caderno Virtual de Turismo Vol. 3, N° 1 (2003)

Centros de Peregrinações na Europa

Foto 01: Tumulo do Apostolo Pedro, Roma, Itália⁸

Foto 02: Tumulo do Aposto Tiago, Compostela, Espanha⁹

Nos séculos XVI e XVII, vários santuários começaram a distinguir-se em locais afastados das cidades, em meio à natureza inóspita. Na austeridade desses locais desabitados e isolados, em meio a florestas e montanhas, religiosos e fiéis buscavam a libertação dos prazeres do mundo – que se multiplicavam nas cidades que cresciam - e das tentações da carne, que o convívio promíscuo nas aglomerações urbanas incentivava. Na geografia circundante a essas ermidas, apareciam novos elementos de significado místico, como grutas, rios, montanhas e desertos. As peregrinações a esses locais passaram a metaforizar a busca pelo sagrado, e a Natureza associava-se à manifestação do divino, impondo os desafios para fortalecer a vontade do homem.

No Brasil, a maioria dos centros de peregrinações surgiu no início da conquista portuguesa - especialmente nos séculos XVII e XVIII - mas podemos encontrar também outros mais recentes - dos séculos XIX e XX. A obrigatoriedade da existência de uma religião oficial durante a Colônia - quando o Estado incluía a Igreja - e que se prolongou até o fim do Império, foi fator primordial para a manutenção dos valores católicos em todas as regiões. Dessa forma, as nossas peregrinações se dirigem para santuários ou locais próprios de adoração ou devoção católicos, como é o caso da Basílica de Aparecida do Norte e Pirapora do Bom Jesus, em São Paulo ou de Juazeiro do Padre Cícero, no Ceará, entre outros.

⁸ www.comuni-italiani.it – Consultado em Janeiro de 2009.

⁹ www.adventurezone.com.br – Consultado em Janeiro de 2009.

O termo romaria se apresenta como uma especificidade das línguas portuguesa e espanhola. Em estudo comparativo dos santuários europeus, mostra-se que, enquanto os termos *peregrinación* e *peregrinação* são usados geralmente para designar jornadas de longa distância para os santuários mais importantes, os deslocamentos mais curtos, que envolvem uma participação comunitária e combinam aspectos festivos e devocionais, são chamadas de romarias. Este sentido festivo e devocional é uma das dimensões mais destacadas nas análises que visam a caracterizar as práticas populares no âmbito do catolicismo tradicional.

Outra tendência, sobre o estudo das romarias, é a de associá-las ao pólo popular tradicional em oposição ao institucional moderno. Neste sentido, alguns autores partilham da idéia que romaria seria, uma peregrinação popular a um lugar tornado sagrado pela presença especial de um santo, mesmo levando em consideração que à volta deste núcleo religioso e popular se agregaram outras manifestações, a cargo da administração local e regional (...) que escapam à escala e modelo da romaria, sendo talvez mais plausível, ignorar estas manifestações suplementares, para, em todos os casos, destacar as formas elementares da romaria.

Já, as formas que as romarias assumem no universo da pesquisa apontam não só para fronteiras pouco definidas entre o popular tradicional e o institucional, mas também revelam que a categoria popular tradicional, como um traço diacrítico destes eventos, em oposição ao institucional, tem pouco valor heurístico no contexto estudado. De maneira que, leva-se a afastar da busca de uma “*forma elementar de romaria*”, e a focalizar como os eventos que observamos refletem processos sociais mais abrangentes, como a formação de identidades locais e étnicas e a afirmação de determinados *status* sociais.

No discurso nativo dos romeiros e mediadores levantados por pesquisadores, aqui no Brasil, o termo romaria parece expressar sobretudo experiências coletivas de deslocamentos, muitas vezes de caráter institucional, que não precisam ter necessariamente como destino um lugar específico de devoção ou um santuário. Assim, fala-se de romaria da Terra, mas não se usa Peregrinação da Terra. Ou, se designa como peregrinos aqueles que caminham a pé para o santuário de *Aparecida*, em São Paulo. Mas, quando se tem como referência uma excursão religiosa que viaja de ônibus ou mesmo em grupo, a palavra empregada é romaria. A maioria dos eventos levantados possui um forte traço institucional tanto no local de destino quanto no ponto de partida. Os locais de peregrinação não só estão geralmente sob o controle da instituição católica, mas muitos deles foram criados e incentivados pelo próprio corpo religioso. Mesmo ultrapassando as intenções iniciais de seus agentes institucionais, estes eventos dificilmente se manteriam sem o investimento eclesiástico e/ou de mediadores político-administrativos que lhes dão suporte e lhes imprimem determinadas características que os definem enquanto tal. Quanto ao ponto de partida, muitas das romarias que foram acompanhadas são organizadas pelas paróquias e agentes religiosos locais que convoca os romeiros e os conduz ao seu destino.

As romarias podem ser tomadas não como um fenômeno distinto em si mesmo, mas antes como uma atividade bastante variada que pode ser apresentada em termos de seu contexto social, cultural e político. Assim, pode-se aproximar da perspectiva que toma a peregrinação e a romaria como um ritual que se caracterizaria como uma espécie de “*vácuo religioso*”, capaz de acomodar sentidos e práticas diversas, refletindo uma multiplicidade de discursos religiosos e políticos, de modo a responder a demanda de sentidos que a variedade dos atores que se fazem presentes nas romarias investem nestes eventos.

Estabelecer um ideal de peregrinação, a romaria surge como um espaço simbólico de conflitos entre regras sociais, hierarquias e constrangimentos morais. Enfatiza o caráter festivo, lúdico e transgressivo da peregrinação, que incorpora o divertimento, o sexo, o comércio, a dança, a diversidade religiosa como dimensões do culto. Exerce, desse modo, uma crítica à sociabilidade do cotidiano e à vida moderna que se organiza a partir da divisão social do trabalho e de múltiplos *status* sociais que estabelecem regras rígidas de comportamentos e hierarquias.

Esse ideal de solidariedade, horizontalidade e igualdade nas relações entre os romeiros aparece com frequência em suas falas e práticas. Para aqueles que chegam a Pirapora depois de longas horas de viagem sobre as mais diversas formas de locomoção, onde se misturam adultos, crianças, sacolas de alimentos, apetrechos de cozinha, colchões e esteiras de dormir, a experiência relatada é de uma comunhão que transcende o cotidiano marcado por regras estabelecidas, compromissos pessoais, posições sociais, constrangimentos morais, etc. Como se pode perceber nas falas que seguem:

“Quando a gente prepara uma viagem desta, não tem separação. Todo mundo é irmão, todo mundo é amigo. Tem que ser assim.”
“Porque romeiro só é romeiro se ele ficar assim, na poeira, mostrando sofrimento. Mas quem vem de ônibus, fica em hotel, de boemia... Está certo, cada qual agradece a Deus como pode, mas eu acho que é um romeiro muito especializado. Romeiro tem que ser pobre

Centros de Peregrinações no Brasil

Foto 01: Basílica de Aparecida do Norte, SP

Foto 02: Pirapora do Bom Jesus, SP

Foto 03: Juazeiro do Padre Cícero, CE

Fonte: Arquivo Pessoal

Desde meados do século XIX, a Igreja Católica começou a buscar a integração dos centros de peregrinação como parte de uma estrutura institucional, impondo sobre eles maior controle sacerdotal e tendência à uniformização dos cultos.

Sacerdotes vindos da Europa tinham por objetivo reformar o Catolicismo, buscando impor o modelo romano, baseado na prática dos sacramentos e do predomínio do clero sobre leituras regionalizadas da fé. Temos o exemplo do Seminário Premonstatense, em Pirapora do Bom Jesus. A partir desse momento,

a Igreja Católica passou a buscar maior visibilidade social enquanto instituição, fazendo-se mais presente e atuante nas regiões onde ocorriam as peregrinações, reforçando principalmente o controle sobre os principais santuários.

Na Idade Moderna, novos hábitos e circunstâncias de vida fizeram diminuir o ímpeto das peregrinações, que foram parcialmente substituídas pela vigília e pela novena. Os novos compromissos do trabalho faziam escassear o tempo disponível para cumprir as longas rotas da fé. As manifestações de devoção tornavam-se cada vez mais estáticas e restritas a determinados locais, previamente delimitados para essa função. Aqueles poucos que ainda participavam de peregrinações se esforçavam para trazer do santuário uma relíquia ou lembrança, que pudesse ser compartilhado com os que não foram. Esse objeto tornava-se uma forma de manter os vínculos entre os participantes da romaria e elemento de confraternização com os demais, transformando-se numa espécie de elo para a celebração de rituais. Na segunda metade do século XIX, as peregrinações refloresceram de modo diferente, ainda que apresentando os mesmos elementos de suporte, como os dogmas da religião católica e os valores bíblicos. Os romeiros passaram a compartilhar não apenas a fé como também a intenção de desfrutar momentos de lazer em conjunto, onde era rompido o cotidiano de trabalho.

A romaria passava a ser uma festa em si, para a qual o grupo preparava-se não apenas espiritualmente como também para desfrutar de um acontecimento social. Planejavam-se as datas ociosas, o transporte em conjunto, as acomodações, a alimentação e as atividades paralelas ao ato religioso.

A “Peleja” dos Romeiros em Pirapora do Bom Jesus

Fotos 01 a 05: Cenas de Romarias¹⁰

Os santuários sempre foram uma das expressões mais fortes da religiosidade do povo brasileiro. Como centros de devoção, para onde se dirigem as romarias ao longo da história, são lugares de maior expressão coletiva da religião popular. Nos tempos atuais, as peregrinações e as festas religiosas continuam a ser, em geral, um fenômeno de forte coesão humana, pois se constituem em oportunidade de afirmar a vitalidade e a unidade de um grupo, e, assim, são vividas, simultaneamente, como cerimônia religiosa e como lazer. Observa-se que, as peregrinações e as festas religiosas fixam um quadro ritual,

¹⁰ www.piraporadobomjesus.sp.gov.br – Consultado em Janeiro de 2007

mas, ao mesmo tempo, conferem a ele sentidos e papéis novos. Esses eventos proporcionam oportunidades para reuniões, divertimento e lazer, mas não apresentam mais o significado mágico-religioso determinado pelas antigas tradições.

“O santuário é definido como um ponto privilegiado de evangelização e de libertação”

A “Peleja” dos Romeiros em Pirapora do Bom Jesus – O lugar da Chegada

Fotos 01 a 05: Romeiros¹¹

A interpenetração entre o antigo e o novo gerou novos significados, onde as peregrinações evoluíram para formas de lazer, nas quais o divertimento e a recreação tendem a colocar-se acima da espiritualidade. Por isso mesmo vivenciavam alguns dos chamados equívocos ou desvios na expressão da fé, que a Igreja se empenhou em corrigir e normatizar. Os principais santuários passaram a ser regidos por estatutos específicos definidos pela Pastoral dos Santuários para a América Latina. Nesses estatutos, os objetivos, metodologias e diretrizes são de caráter eminentemente missionário e evangelizador, visando quatro pontos básicos: a conversão; a defesa e a promoção das pessoas, especialmente dos pobres, necessitados e marginalizados; a integração à vida e à missão da Igreja, pela conscientização da importância do serviço e do testemunho cristão; a expressão e a orientação às devoções aos Santos, segundo a doutrina católica. Nessa perspectiva, os santuários se tornam locais onde o peregrino deve reconciliar-se com Deus, e com as práticas da Igreja, com os outros e consigo mesmo, redescobrando a dimensão da sua fé que, afinal, o trouxe até aquele local. Neste sentido, recentemente a Igreja Católica brasileira buscando ampliar os cuidados para com os peregrinos, e interessada na movimentação turística proporcionada por eles, criou a Pastoral do Turismo, como um programa que desenvolve atividades ligadas à recepção e acomodação dos peregrinos, e também sistematiza a dinâmica de distribuição e venda das lembranças aos fiéis. A formação da Pastoral do Turismo no Brasil se insere nas diretrizes da Secretaria Nacional para a Pastoral do Tempo Livre, do Turismo e Esporte, sediados no Vaticano – e que tem por objetivo desenvolver e sistematizar ações de alcance mundial para a implantação ou aumento do afluxo de romeiros-turistas aos locais de peregrinações.

¹¹ www.piraporadobomjesus.sp.gov.br – Consultado em Janeiro de 2007.

Sobre estes romeiros-turistas, o ideal de uma romaria deveria se pautar pela ordem, organização, higiene, conforto e moderação. Ou seja, uma romaria moldada pelo imaginário turístico a ser alcançado através de uma ação pedagógica e educativa que visa à transformação do comportamento e da mentalidade dos mesmos.

Embora se possa encontrar esse ideário turístico entre muitos romeiros que freqüentam o santuário, duas categorias de agentes o incorporaram mais especificamente: os moradores de Pirapora e o corpo religioso. De modo que, enquanto para os primeiros o ideal de uma transformação da romaria se dá sem contradição, no sentido da afirmação de Pirapora como um sítio turístico e um local de lazer, para o corpo religioso a escolha entre o ideal *peregrínico* e o turístico é extremamente conflitiva. Pode-se ver nesses posicionamentos a disputa por dois legados: o espiritual e o material. Se entre os moradores prevalece a reivindicação do legado material, para o corpo religioso trata-se de salvar a "religiosidade e a fé dos romeiros" sem perder a hegemonia sobre os negócios e a arrecadação financeira que a romaria realiza.

Turismo e peregrinação são tomados como categorias que condensam duas estruturas de significados, ou "tipos ideais", do que seria a verdadeira peregrinação ou o turismo genuíno. A hipótese é que, enquanto a peregrinação, em seu sentido idealizado, remete ao modelo emocional, o turismo conduz ao modelo marcado pelo olhar distanciado e de estranhamento. Toma-se, assim, a romaria como um discurso metassocial que comporta duas formas de sociabilidade, que operam a partir de lógicas opostas: *uma*, para a qual, a verdadeira sociedade seria expressa pelo ideal fraterno da comunhão, e a *outra*, onde a regra básica de funcionamento da sociedade estaria na distinção.

A relação entre peregrinação e turismo é um destes objetos que hoje se percebe como um ponto de interseção nodal, onde se pode verificar a tensão entre múltiplos significados que são postos em risco nos locais de peregrinação e turismo religioso. Neste sentido, merece destaque, os discursos e práticas em que o turismo aparece como uma categoria significativa para alguns romeiros, para os moradores de Bom Jesus da Pirapora e para o corpo religioso, como forma de expressarem suas experiências. A romaria é constituída por uma multiplicidade de discursos que são trazidos para o santuário por diferentes categorias de peregrinos, pelos moradores de Pirapora e pelos especialistas religiosos. Qualquer recorte que se faça estará enfocando apenas algumas dimensões desse evento complexo e plural.

Turismo e peregrinação podem ser tomados como categorias que condensam duas estruturas de significados que estão sendo "atualizadas" e reavaliadas nesse evento. Portanto, não se trata de traçar uma linha divisória entre romeiros e turistas. Mesmo porque, quando se observa as pessoas que acorrem ao santuário no período da romaria, nos damos conta de que romeiros e turistas se confundem tanto em relação às suas motivações quanto aos seus comportamentos. Noutras palavras, a análise dos comportamentos ou das motivações não oferece indicadores capazes de demarcarem uma linha de fronteira entre turistas e peregrinos. Ou seja, observa-se que existe uma miscelânea de atos religiosos e turísticos praticados pela mesma pessoa, de modo que se torna muito difícil saber se se está diante de um turista ou de um romeiro. A última coisa em que se poderia pensar seria numa divisão que tomasse critérios como de frivolidade para o turismo e de seriedade para a romaria. Os estudos sobre peregrinações de um modo geral enfatizam a dimensão festiva e orgiástica como constitutiva desse fenômeno. Por outro lado, os trabalhos sobre turismo destacam os elementos de seriedade que normalmente acompanham essa prática.

O termo turismo religioso possui uma conotação secularizada e nos remete a uma estrutura de significado que se afirma de fora para dentro do campo religioso. Ou seja, enquanto peregrinação e romaria são categorias êmicas, usadas por peregrinos, romeiros e mediadores religiosos que se posicionam no campo religioso, o turismo religioso lhe é externo, sendo usado preferencialmente em contextos político-administrativos. Os agentes religiosos, assim como os

peregrinos e romeiros de um modo geral, resistem ao uso do termo turismo para designar a experiência de deslocamentos por motivos religiosos. Por outro lado, aqueles que em épocas específicas, como o Natal, visitam cidades para participar de eventos relacionados à data, também não se vêem como peregrinos ou romeiros. Possivelmente devido à “naturalização” do Natal na cultura ocidental cristã, os símbolos e rituais que cercam estes eventos não são percebidos como uma prática religiosa, associada ao campo do sagrado. Estes peregrinos ou turistas religiosos preferem ser chamados de “turistas” simplesmente.

Mas, o que diferencia basicamente o turismo da peregrinação ou da romaria? Acredita-se que o ponto fulcral reside no grau de imersão e de externalidade que cada uma destas experiências pode proporcionar. Enquanto as peregrinações e romarias tendem a ser vivenciadas como um ato religioso de imersão no sagrado, o turismo, mesmo quando adjetivado como religioso, caracteriza-se por uma externalidade do olhar, fundamental para que um evento possa ser considerado como turístico. Ou seja, se a experiência da peregrinação e romaria está centrada na participação, o turismo está mais associado ao espetáculo.

A resistência dos agentes religiosos ao uso do termo turismo religioso para designar peregrinações e romarias se situa por sua vez dentro de uma arena de disputas lingüísticas, mas também políticas e econômicas, que diz respeito ao controle sobre a produção e manipulação dos bens culturais e ideológicos. De algum modo, estes agentes têm a percepção de que, ao qualificar uma peregrinação ou romaria com o adjetivo “turístico”, esta tende a sair do seu domínio institucional e passar para o controle do Estado e do mercado. Algumas peregrinações e romarias, no entanto, são mais vulneráveis a adquirirem um sentido turístico e secular do que outras. Nossa pesquisa mostra que três tipos de romarias e peregrinações estão particularmente sujeitas à ação secularizadora do turismo, que tende a tirá-las do controle eclesiástico. Primeiramente aquelas que surgem diretamente associadas a datas religiosas que fazem parte do calendário cristão incorporado à cultura, como Natal e Páscoa. Depois as que estão relacionadas com os monumentos e fatos históricos. Por fim, um último tipo de romaria e peregrinação bastante vulnerável à secularização é o que está ligado aos locais ecológicos. Natureza e religião, especialmente no que diz respeito a peregrinações, sempre estiveram associadas. Mas, se a religião de um modo geral potencializa e ressemantiza o interesse ecológico, a idealização do “natural” também tende a conduzir ao acesso direto à natureza, dispensando as mediações institucionais.

Um último aspecto que leva os religiosos a resistirem ao uso do termo turismo religiosos refere-se à tendência recorrente entre os agentes turísticos a integrarem as visitas aos lugares sagrados dentro de um pacote, como mais um item de um extenso roteiro de viagem. Estas excursões podem incluir juntamente com a visita a um santuário ou lugar sagrado desde uma ida ao zoológico até uma partida de futebol num dos grandes estádios da cidade. Para os religiosos, este modelo de visitas estaria retirando a centralidade e profundidade do ato religioso, que se perde em meio às ações dispersivas e superficiais do turismo.

Desde o ponto de vista dos políticos e administradores locais, especialmente dos pequenos e médios municípios, observa-se um esforço denodado para transformar os eventos religiosos em eventos turísticos. Uma tendência que é impulsionada também pela crise que afeta o setor agrícola e as pequenas e médias empresas de produção no país, base de sustentação econômica da maioria destes municípios. A alternativa turística tem se apresentado como uma saída para esta crise, especialmente o turismo rural, ecológico e religioso. No entanto, esta solução tem manifestado seus limites, uma vez que o turismo exige uma infra-estrutura muito cara e grandes investimentos na sua divulgação.

O turismo é considerado nos dias de hoje como uma importante fonte de desenvolvimento. A institucionalização do turismo está intimamente ligada às peregrinações, que ao longo do tempo deram origem ao aparecimento das pousadas, hospedarias na beira dos caminhos, povoados, portos e cidades, onde os peregrinos podiam pernoitar descansar e dispor de alimentação, bebida e até mantimentos para a continuação da viagem. Na definição oficial (segundo a Conferência Mundial de Roma, realizada no ano de 1960), o turismo religioso é compreendido como uma organização que movimenta inúmeros peregrinos em viagens pelos mistérios da fé ou da devoção a algum santo. A sua prática efetiva realiza-se de diversas maneiras: as peregrinações aos locais sagrados, as festas religiosas que são celebradas periodicamente, os espetáculos e as representações teatrais de cunho religioso, e os congressos, encontros e seminários, ligados à evangelização.

Pelos dados oficiais, após o turismo de negócios, o turismo religioso lidera as estatísticas como o segmento que mais tem se desenvolvido. Ainda não está claro o impacto sócio-cultural provocado pelo turismo religioso, no entanto, segundo a análise de especialistas, é possível observar que tem favorecido o redimensionamento das economias locais. Fatores como hospedagem, comércio, alimentação e lazer, são diretamente afetados pelo afluxo turístico, implicando na reconfiguração de uso do espaço, planejamento de infra-estrutura receptiva e organização econômica.

As viagens em busca de espaços próprios para as manifestações da fé envolvem pessoas de várias culturas e diferentes nacionalidades, em todo o mundo. De posse dessa realidade, a indústria do turismo intensificou o investimento nos centros de peregrinação através de ações diretas sobre a realidade local e do uso da mídia e do marketing para incentivar o fluxo de visitantes. A partir daí, algumas regiões começaram a investir em planejamento e obras para ampliar sua capacidade de recepção e proporcionar alternativas de lazer aos turistas.

Num passado não muito distante, a peregrinação estava atrelada ao sentido da comunhão com o sagrado e fazia da penitência uma forma de purificação para esse encontro. Eram o período em que os fiéis dedicavam o tempo e o espaço da romaria fundamentalmente para jejuns, sacrifícios, orações, cantos religiosos, pagamento e realização de promessas. Mas as peregrinações acompanharam as mudanças dos tempos e se transformaram: o sentido da peregrinação foi reinterpretado, tanto pelas pessoas como pela indústria do turismo. A partir da atribuição de novos significados, adaptados a moderna realidade do consumo, os peregrinos passaram a utilizar o momento da peregrinação, antes destinado apenas às práticas religiosas, também como um momento de lazer.

As peregrinações assumem assim, um lugar de destaque no conceito de turismo religioso porque, como qualquer viajante dos outros destinos turísticos, os peregrinos são consumidores de bens e serviços, num movimento de fluxo praticamente ininterrupto. Ainda que determinados destinos sejam mais procurados em função de datas específicas, quando se realizam festas ou espetáculos de maior apelo de atração, as principais rotas da fé mantêm um movimento turístico praticamente contínuo durante grande parte do ano.

Peregrinações e festas religiosas passam, então, a serem utilizadas pelo marketing turístico, incluídas no calendário de eventos oficiais de cada estado ou região, como um produto turístico de cunho cultural e religioso. Assim, as peregrinações se tornam uma dupla fonte geradora de renda - enquanto fornecedora de consumidores em potencial e como atrativo turístico em si. Embora o caráter comercial não elimine o elemento religioso - uma vez que a participação na peregrinação decorre de uma atitude de fé - as atividades paralelas às manifestações religiosas ganham nova dimensão, como forma de atrair mais visitantes. Potenciais fontes de diversão e prazer tornam-se um atrativo a mais no circuito da fé, para entreter o visitante, prolongar a sua estadia e estimular o consumo.

Nas classes sociais mais abastadas, e com melhor nível sócio-cultural, o turismo religioso é realizado com maiores investimentos e maior duração de tempo, estando quase sempre vinculado a outra atividade simultânea - seja o desfrute de férias, visita às familiares ou lazer cultural. O conforto e o planejamento são primordiais nesse tipo de peregrinação, uma vez que o peregrino possui recursos financeiros e culturais para estabelecer o roteiro e o gerenciamento do seu tempo. Nesse caso, a penitência adquire outro sentido, podendo ser encarada como uma obrigação do fiel de conhecer e aprofundar a sua fé, através da visita aos locais considerados sagrados.

Os locais escolhidos para essas peregrinações são conhecidos e famosos no mundo inteiro: Roma, Santiago de Compostela, Lourdes, Fátima, Medjugore, Jerusalém e Meca. No entanto, alguns fiéis ainda consideram que, em se tratando de turismo religioso, as dificuldades fazem parte do "pacote". Essas dificuldades se apresentam como uma espécie de aventura mística, tendência que pode ser notada em tempos recentes, mais comum entre os jovens e incentivada pelos chamados roteiros alternativos, que resgatam a mística da fé aliada ao contato com a natureza. Um dos mais evidentes exemplos dessa tendência são as diversas rotas ou caminhos que levam a Santiago de Compostela, na Espanha.

Os romeiros menos abastados encontram no divertimento proporcionado pelas romarias religiosas, em geral realizadas sob a forma de caravanas, momentos de descanso, de ruptura com o cotidiano, favorável ao contato familiar e social, além é claro do fator místico-religioso. Através da realização das peregrinações e da participação nas atividades paralelas que se desenvolvem em função delas, acaba divertimento para aqueles que não dispõem de tempo e recursos financeiros para outras formas de viagem de lazer. A prática do lazer proporcionada pelo turismo religioso nas camadas populares faz com que o entretenimento acabe por se igualar, ou até se sobrepor, ao caráter religioso.

A análise que se faz dos peregrinos, por sua vez, aponta para uma tensão interna e permanente entre duas estruturas de significados no culto das romarias, que estariam apontando para idealizações opostas, ou "tipos ideais", do que seria uma verdadeira peregrinação.

Uma outra conotação parece se agregar ao significado de peregrinação na pós-modernidade religiosa contemporânea. É a que a associa à experiência interior de um caminho a ser percorrido por cada indivíduo na direção de seu verdadeiro "eu". As *religiões do self*, representadas, sobretudo pelo sistema Nova Era, mas presente de alguma forma nas religiões estabelecidas por meio de um processo capilar de contaminação mimética está hoje reinterpretando as peregrinações dentro de outra chave de leitura, a qual parece substituir os conteúdos das tradições específicas pela refletividade. Assistimos, nos dias de hoje, um *boom* de peregrinações, especialmente para Santiago de Compostela, envolvendo figuras emblemáticas da mídia e do meio artístico que, ao passar por esta experiência, a narram em publicações que alcançam grande tiragem. Desvinculados das tradições religiosas em que se situam estas práticas, os novos peregrinos apontam para uma tendência, que é a da crescente autonomia da "experiência do sagrado" em relação à mediação das instituições religiosas tradicionais. É justamente porque a religião se tornou uma experiência mística interior, que os seus mediadores já não necessitam de uma investidura sagrada institucional adquirida no âmbito de uma comunidade de crenças e valores partilhados. Mesmo porque aos mediadores é pedido apenas que criem as possibilidades e disponibilizem os recursos simbólicos para que cada um possa fazer seu próprio caminho.

Basilica de Aparecida do Norte, SP

Foto 01: CAR - Centro de Apoio ao Romeiro¹²

Foto 02: Estacionamento de Ônibus – Comitivas de Romeiros¹³

Foto 03: Nave Central da Basílica em dia de celebração ¹⁴

Foto 04: Sala de Ex-votos¹⁵

¹² www.revistadoonibus.com.br - Consultado em fevereiro de 2009

¹³ www.vegabuss.fotopages.com - Andre Luis Gomes Souza - Consultado em fevereiro de 2009

¹⁴ www.allposters.co.uk - Consultado em fevereiro de 2009

¹⁵ www.gebh.net - "O Primo" por José Carlos Tinoco - Consultado em fevereiro de 2009

CAR - Centro de Apoio ao Romeiro
Basilica de Aparecida do Norte, SP

Foto 01: Loja de souvenirs

Foto 02: Quiosque "Cof Cof"

Foto 03: Restaurante "Santa Ceia"

Foto 04: Brinquedos em loja de souvenirs

Fonte: Jose Carlos Tinoco¹⁶

As representações que buscam afirmar a romaria como um evento turístico não podem ser tomadas simplesmente como o resultado "natural" de um processo de racionalização ou como o resíduo da ação modernizadora da religião católica. Elas estão, na verdade, referidas à dinâmica das próprias peregrinações que se constituem, como uma espécie de "vazio religioso, capaz de acomodar sentidos e práticas diversas. De modo que uma lógica de comunhão não apenas coexiste com uma lógica diferencial no comportamento dos romeiros e turistas, mas ambas estabelecem entre si um jogo dentro do qual se definem os pertencimentos religiosos e as identidades sociais. Nesse sentido, o ritual da romaria opera uma espécie de união dos contrários onde as duas lógicas se articulam, sem que uma exclua a outra. Portanto, mais do que lamentar tal transformação, qualificando-a como uma espécie e degradação da prática religiosa ou de rejeição da tradição, trata-se de tomar as representações turísticas sobre o evento como constitutivas de outra tradição, de caráter profano e moderno, que também se constitui como uma lógica interna das práticas de peregrinação.

O eixo comum dessa articulação pode ser encontrado no fato de que o turismo e a peregrinação são vividos como o inverso da vida cotidiana. O turismo, assim como a peregrinação, está na ordem do lazer, do ócio. Tanto num como no outro, observa-se a busca de uma sociabilidade ideal. Mas enquanto

¹⁶ www.gebh.net – "O Primo" por José Carlos Tinoco - Consultado em fevereiro de 2009

a peregrinação busca uma dissolução simbólica do indivíduo num todo holístico, o turismo opera a partir de um corte social eletivo que procura estabelecer ilhas de sociabilidade através da demarcação de fronteiras entre um "eles" e um "nós". De modo que, se a peregrinação visa integrar numa sociedade global, o turismo, num sentido ideal típico, visa integrar numa sociedade particular, onde se torna possível experimentar o "outro" (a alteridade), para melhor apreender a si mesmo.

Monumento aos Cavaleiros do Senhor Bom Jesus de Pirapora de Sto. Amaro

Fonte: J. Roque¹⁷

¹⁷ www.flickr.com – J. Roque – 2007. O Monumento foi concebido pelo artista plástico Júlio Guerra, inaugurado em 1970. Parte do painel é em mosaico português, representa uma manifestação de fé dos moradores de Santo Amaro que, todo ano, um grupo parte rumo à cidade de Bom Jesus de Pirapora, com a participação de cavaleiros, charreteiros e ciclistas. A tradicional romaria é organizada pela Associação Santamarense dos Romeiros do Senhor Bom Jesus de Pirapora, com temas diferentes a cada ano. A romaria era organizada originalmente para se pagar promessa ao Bom Jesus de Pirapora. O santamarense aproveitava o dia do Bom Jesus de Pirapora, para ir lá e agradecer a safra, que terminava em junho.

3 - Considerações Finais

“A partir do momento que eu leio a cidade, eu descrevo a cidade.”

Podemos identificar através da conclusão deste estudo, de que Pirapora do Bom Jesus revela-se em muitas dicotomias. Inicialmente, como objetivo desta pesquisa partiu do pressuposto de que, as informações que seriam levantadas e analisadas sobre as características físicas, os usos e as transformações urbanas ocorridas em Pirapora, forneceriam a base para o desenvolvimento do tema central: a formatação de uma teoria do espaço urbano da mesma, a partir de duas percepções dicotômicas, do sagrado e do profano, identificando estes, como elementos representativos da imagem da cidade. A metodologia de pesquisa, foi orientada seguinte forma:

1. Percepção: revelação de informações a partir de captações sobre a paisagem urbana;
2. Leitura do espaço e do ambiente urbano;
3. Interpretação das manifestações e características culturais e informacionais da cidade.

Os primeiros estudos buscaram o entendimento do sagrado e do profano, enquanto elementos sociológicos e seus desdobramentos, para que então pudessemos efetivar o primeiro recorte da pesquisa. A questão foi que a definição de sagrado e profano dentro desta teoria a ser desenvolvida, em desdobramentos, tangia muitas áreas do conhecimento, e dentro disto a multiplicidade de caminhos aumentou. Para tal, tivemos que definir se realmente o que seria a célula de análise, no caso o espaço, e o que sacralizaria ou profanaria o mesmo. Neste sentido identificamos a cidade-santuário como espaço e as informações que a compunham - que seriam identificadas - como características específicas para defini-la como lugar.

Desta forma, apoiada na identificação da cidade-santuário, a partir de outros exemplos espaciais com as mesmas características, começamos a definição do recorte. O mais interessante foi perceber que, Pirapora realmente revelaria informações que seriam coincidentes com as hipóteses iniciais apontadas nesta pesquisa, sobre o desenvolvimento histórico, e que isto poderia ser amparado sobre a semiótica urbana.

Ao analisar as características físicas, os usos e as transformações urbanas ocorridas em Pirapora, algumas informações acabaram por serem analisadas com mais profundidade devido a sua representatividade neste processo de desenvolvimento da cidade. É o caso das Romarias, que mereceram destaque dentro dos estudos, devido a sua relação simbólica com a cidade e região e o que este fato acabou contribuindo positivamente e negativamente para a conformação espacial de Pirapora.

Vale destacar que, falar de romaria é falar de deslocamento, e isto se torna bastante significativo o entendimento dos caminhos de Pirapora. Andar como prática religiosa para os romeiros significa penitência e demonstração de fé e devoção ao Bom Jesus. E isto passa de geração a geração sob a forma de tradição. Nesta herança, está sendo transmitida também a memória, daquilo que foi e daquilo que é. O que será ninguém sabe, mas o Bom Jesus não nos deixará nas mãos. A memória da cidade não está na mesma. Estão nas cidades, nos casebres e nas pessoas que peregrinam até o Santuário. Está em

Caucaia do Alto, em Jundiá, em São Paulo (Santo Amaro), em Itupeva, entre outras. Para compor o painel de transformação espacial da cidade de Pirapora, tivemos que buscá-la nestas cidades.

De certo modo, isto nos traz algumas reflexões: uma cidade-santuário possui uma relação existencial com o romeiro, com o peregrino, mas com o seu morador, possui uma relação de simbiose: um precisa do outro para que se possa obter algo através desta coexistência. No caso do morador piraporense, este estabeleceu uma comunicação com o romeiro através do comércio e de serviços, ou seja, de fornecer estrutura para o mesmo, quando este estiver em visita à cidade.

A identificação deste homem-romeiro, deste homem-morador, provocou o descobrimento de outros “homens” existentes na história de Pirapora. Ao investigar o início do fenômeno da romaria, deparamos com a figura do bandeirante, enquanto desbravador da região de Parnaíba, evidenciando a ação do mesmo na descoberta de metais preciosos, no jesuíta e no indígena, que atuarão diretamente com este homem-bandeirante, o primeiro como missionário em terras paulistas, que entrará muitas vezes em embate com os bandeirantes, em defesa do segundo, visto como mão-de-obra para os conquistadores. Décadas mais tarde, surgirão os homens-fazendeiros e seus homens-escravos, os quais estarão vinculados com a tradição oral do surgimento da imagem do Bom Jesus. Parte-se daí, o surgimento do homem-romeiro, e suas variadas interpretações que passarão, pelo fazendeiro, pelo assalariado agrícola, pelo trabalhador da construção civil, pela dona-de-casa, e até chegar a dias atuais, no homem-romeiro e turista. Surge neste ínterim, o home-sambista, figura derivada do homem-escravo e do homem-romeiro, mantenedor de inúmeras tradições rurais paulistas, incluindo o samba de bumbo.

Acerca deste homem, o levantamento sobre o espaço de Pirapora permitiu entender que as características geográficas das mesmas, atreladas principalmente à presença do Rio Tiete e do Morro do Voturuna, forneceram oportunidade de desenvolvimento socioeconômico para a cidade e região, mas que devido às características de cidade-santuário e também devido à poluição corrente no Rio Tiete, isto acabou por não ocorrer da forma esperada. A cidade de certo modo, estagnou, e diferente da Basílica de Aparecida, não assumiu sua vocação de santuário, com estrutura para tal. Inclusive, com o atendimento à variação atual de romeiros, com enfoque no turismo, que acaba por buscar nestas cidades, além do ritual religioso, também o lazer.

Uma ação interventiva para Pirapora significa um processo irradiador que acaba por envolver outras cidades. Desde o processo de recuperação do Rio Tiete, no seu trecho Piraporense, que significaria uma ação mais contundente na Barragem Edgar de Souza, ligada diretamente aos afluentes de esgoto vindos da capital paulista até uma política turística mais estratégica, focada nas cidades-origens das romarias à Pirapora, necessitaria de um plano-diretor de ações coligadas para a região de Santana do Parnaíba.

Como conclusão, como apontado inicialmente, Pirapora do Bom Jesus apresenta diversas dicotomias que foram identificadas: sagrado x profano, cidade construída x paisagem natural, peregrinação individual (a pé) x peregrinação coletiva (caravana), deslocamento do tempo x deslocamento do espaço, samba x festa religiosa, vácuo (que já está ocupado pelo nada) x vazio (que pode ser ocupado), entre outras. O que na realidade percebemos é que se perseguimos uma relação dicotômica para os símbolos, acabamos por perceber uma relação de complementaridade e permeabilidade entre os mesmos. Partindo-se do pressuposto de que um só existe em detrimento do outro, como por exemplo, o sagrado só se torna o que é, pois existe uma significação ligada ao mesmo, que o nega enquanto idéia, mas o completa como essência, na maioria das vezes coexistindo com o mesmo, em equilíbrio. Esta é a célula de leitura que foi aplicada à esta pesquisa para identificação dos elementos representativos da imagem da cidade de Pirapora do Bom Jesus.

Bibliografia

- ABREU, Martha. *O império do divino: festas religiosas e cultura popular no Rio de Janeiro, 1830-1900*. Rio de Janeiro/ São Paulo: Nova Fronteira/ FAPESP, 1999.
- ANDRADE, Mario de. "O Samba Rural Paulista". In: Revista do Arquivo Municipal. Ano IV, Volume XLI. São Paulo, Departamento de Cultura, novembro de 1937.
- ARGAN, G. C. *História da arte como história da cidade*. São Paulo: Martins Fontes, 1993.
- AZEVEDO, P. O. *Por um inventário do patrimônio cultural brasileiro*. Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. [s.l.], 19ª ed., pág 82-89, 1984.
- AZZI, R. *O Catolicismo popular no Brasil*. Petrópolis: Vozes. 1978. p. 67-81
- AZZI, Riolando - *Religiosidade Popular* - in REB 38/152, dez., 1978
- AZZI, R. *As Romarias no Brasil*. Revista Vozes, ano 73, v. LXXIII, n. 4, maio de 1979.
- BAKHTIN, M. *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais*. São Paulo: Hucitec/Editora Universidade de Brasília, 1987.
- BAKKER, N. *Romarias: Questionamento a partir de uma Pesquisa*. Revista Eclesiástica Brasileira, v. 34, fasc. 135, set. de 1974.
- BOUBÉE, Nereo. *Viagem mineralógica na Província de São Paulo* in Geologia Elementar, 1-34, Tipografia Nacional, Rio de Janeiro, 1846.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues - *Religião e Religiosidade Popular* - in Sul Cei, nº 12, 1975.
- CALABI, Donatella, E. Concina, U Camerino. *La città degli ebrei : il ghetto di Venezia, architettura e urbanistica* . Venezia : Albrizzi editore, 1991.
- CAMARGO, Mons. Paulo Florêncio da Silveira. "Santuário do Senhor Bom Jesus de Pirapora". Lumigarf Artes Gráficas Ltda., Jaú, s/ data.
- CANDIDO, Antonio. *Os parceiros do Rio Bonito: estudo sobre o caipira paulista e a transformação dos seus meios de vida*. São Paulo: Duas Cidades, 1987.

CARERI, Francesco. Walkscapes: el andar como práctica estética *in* Landscapes Series. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 2002.

CASCUDO, Luís da Câmara. *Dicionário do folclore brasileiro*. Brasília, Instituto Nacional do Livro, 1972.

CEMIN, Arneide B. *Imaginários, Mito, Religião: a manifestação do Sagrado*. Artigo publicado na Revista Eletrônica do Centro de Estudos do Imaginário - UNIR, São Paulo, 2001.

CHANTRAIN, Cônego Godofredo O. "História do Seminário Premonstratense de Pirapora do Bom Jesus: 1897-1997". Pirapora do Bom Jesus, junho de 1997.
CALVINO, Ítalo. *As Cidades Invisíveis*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

CULLEN, Gordon. *Paisagem urbana*. Martins Fontes, São Paulo, 1983.

CUNHA, Euclides da. *Canudos: diário de uma expedição*. Rio de Janeiro, Livraria José Olympio Editora, 1939.

CUNHA, Fabiana Lopes da. *Da Marginalidade ao estrelato: o samba na construção da nacionalidade (1917-1945)*. São Paulo: Annablume, 2004 .

CUNHA, Mario Wagner Vieira da. *Descrição da Festa de Bom Jesus de Pirapora*. In: Revista do Arquivo Municipal. Ano IV, Volume XLI. São Paulo, Departamento de Cultura, 1937.

DURKHEIM, E. *As formas elementares da vida religiosa*. São Paulo, Martins Fontes, 1996

CUNHA, Euclides. "Os Sertões: Campanha de Canudos". São Paulo: Editora Três, 1973. (1ªed. 1902). 3Ibid. p. 23.

CUNHA, Mario Wagner Vieira da. "Descrição da Festa de Bom Jesus de Pirapora". In: Revista do Arquivo Municipal. Ano IV, Volume XLI. São Paulo, Departamento de Cultura, novembro de 1937.

ELIADE, Mircea. "O sagrado e o profano: a essência das religiões". São Paulo, Martins Fontes, 1992.

ELIADE, Mircea. *Imagens e Símbolos*. Ensaio sobre o simbolismo mágico-religioso. São Paulo, Martins Fontes, 1991.

ELIADE, Mircea. *O sagrado e o profano: a essência das religiões*. São Paulo, Martins Fontes, 1992.

ETZEL, E. *Imagens religiosas de São Paulo*. São Paulo: Melhoramentos, USP, 1971.

FERNANDES, Rubem César. Os Cavaleiros do Bom Jesus: Uma introdução 'as religiões populares. São Paulo. Brasiliense, 1992

FERNANDES, Rubem César. *Romarias da Paixão*. Rio de Janeiro, Rocco, 1994.

FERRARA, Lucrecia D'Alessio. *Olhar Periférico*. São Paulo, Edusp, 1993.

FERRARA, Lucrecia D." Os Significados Urbanos". São Paulo, 1ªed., EDUSP, 2000.

FILHO, Silvio Vieira de Andrade. *Um estudo sociolinguístico das comunidades negras do Cafundó, do Antigo Caxumbu e de seus arredores*. São Paulo, Secretária de Educação e Cultura de Sorocaba, 2000.

FRANÇA, M.C. *Pequenos Centros Paulistas de Função Religiosa*. Tese de Doutorado. Departamento de Geografia, Universidade de São Paulo, 1972.

FRANÇA, Maria Cecília. "Pirapora do Bom Jesus: estudo geográfico de um centro de peregrinação no estado de São Paulo". Tese apresentada à cadeira de Geografia Geral e do Brasil do Colégio Estadual de São Paulo. São Paulo, 1961.

GROETELAARS, Martien Maria. *Milagre e religiosidade popular*. Petrópolis, Vozes, 1981.

GUSMÃO, N.M.M.D. *Caminhos transversos: território e cidadania negra*, (s/d), mimeo.

JACQUES, Paola Berenstein: “Espetacularização Urbana Contemporânea” in Cadernos PPG-AU/FAUFBA, número especial Territórios Urbanos e Políticas Culturais, PPG-AU/UFBA, Salvador, 2004

KOHLSDORF, Maria Elaine. *A Apreensão da Forma da Cidade*. Brasília: Editora UnB, 1996

LAMAS, J. M. R. G. *Morfologia urbana e desenho da cidade*. Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, 1999, 2ª ed.

LEME, Luis Gonzaga da Silva. “Genealogia Paulistana”. V. 1 , pp. 34-35, V.4, p. 61 e p. 107.

LÉVI-STRAUSS, Claude. *Saudades do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994. 228 p.

LYNCH, Kevin. *A Imagem da Cidade*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

LOBATO, Monteiro. “*Urupês*”. 17ª ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1972.

MACHADO, M.A. *Territorialidade Pentecostal: um estudo de caso em Niterói*. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1992.

MARQUES, Manuel Eufrásio de Azevedo. “Apontamentos da Província de São Paulo” – Tomo II, pág. 174. São Paulo, 1920.

MARTINS, José de Souza. *A imagem incomum: a fotografia dos atos de fé no Brasil*. Estudos Avançados, Ago 2002, vol.16, no.45.

MASSEI, Maria Luisa. *Os romeiros de Pirapora do Bom Jesus: transformações culturais do turismo religioso no Brasil*. Dissertação de mestrado, Universidade São Marcos, São Paulo, 2004.

MENEZES, Renata de Castro. *A dinâmica do sagrado: Um estudo antropológico de um santuário católico no Rio de Janeiro*. Dissertação de doutorado, UFRJ, Rio de Janeiro, 2002.

MORAES FILHO, Mello. *Festas e Tradições populares do Brasil*. Belo Horizonte/ Rio de Janeiro: Itatiaia, 1999.

MOTA, Lourenço Dantas (organização). "Introdução ao Brasil: um banquete no Trópico". São Paulo, 4ª edição: Ed. Senac, 2004.

MUNFORD, L. *Arquitetura, construção e urbanismo*. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura, 1956.

MUMFORD, Lewis. "A cidade na história: suas origens, transformações e perspectivas". São Paulo, 3ª edição: Ed. Martins Fontes, 1991.

NAXARA, Márcia R.C." *Estrangeiro em sua própria terra – representações do brasileiro 1870/1920*". São Paulo: ANNABLUME, 1998.

NETO, Isnard de Albuquerque Câmara .*As materializações da religiosidade popular* .in Revista Ciências Humanas, Universidade de Taubaté, v. 10, n. 2, p. 151-159, jul./dez. 2004.

OLIVEIRA, Christian. Religiosidade popular na pós-modernidade: um ritual turístico? In: LIMA, Luiz C.(Org.). *Da cidade ao Campo: a diversidade do saber-fazer turístico*. Fortaleza: UECE, 1998, v.2, p.161-170.

PAIVA, Ana. "Espuma tóxica do Rio Tietê ameaça Pirapora", artigo publicado no Jornal Diário de São Paulo, em 26/09/2005.

PEREIRA, José Carlos. *A eficácia simbólica do sacrifício*. Estudo das devoções populares. São Paulo, Arte & Ciência, 2001

PEREIRA, José Carlos. *A linguagem do corpo na Devoção popular do Catolicismo*. Artigo Publicado na Revista de Estudos da Religião, São Paulo, No. 03, 2003, p.67-98.

PEQUENO,Daniel Fiúza . *Pirapora de Bom Jesus*. Cordel publicado no site Usina de Letras em 05/07/2003.

ROSENDAHL, Zeny. *Romaria: Tradição e Modernidade*. In: I SIMPÓSIO CULTURA E RELIGIOSIDADE, 1993. RIO DE JANEIRO - RJ. p. 0-0.

ROSENDAHL, Zeny. *Centro de Peregrinação: Estudo de Caso*. In: 5º CONGRESSO BRASILEIRO DE GEÓGRAFOS, 1994. CURITIBA - PR. p. 0-0.

ROSENDAHL, Zeny. *A Espacialidade do Sagrado..* In: NOVAS GEOGRAFIAS MARCAM ENCONTRO NA PUC/RJ, 1995. RIO DE JANEIRO/RJ. p. 0-0

ROSENDAHL, Zeny. *A Espacialidade do Sagrado Em Aparecida/SP..* In: ANAIS DO SEMINÁRIO INTEGRANDO A UNIVERSIDADE E A SOCIEDADE, 1996. RIO DE JANEIRO/RJ. p. 0-0

ROSENDAHL, Zeny . *Religião, Território e Territorialidade..* In: ANAIS DO SIMPOSIO GEO-UFF, 1996. NITEROI/RJ. p. 0-0

ROSENDAHL, Zeny. . *O Sagrado e o Espaço.* In: Castro. (Org.). *Explorações Geográficas.* Rio de Janeiro, 1997.

ROSENDAHL, Zeny. *Percepção, vivência e simbolismo do sagrado no espaço: peregrinos e turistas religiosos.* In: LIMA, Luiz C.(Org.). *Da cidade ao Campo: a diversidade do saber-fazer turístico.* Fortaleza: UECE, 1998, v.2, p.161-170.

ROSENDAHL, Zeny. . *Se eu quisesse falar com Deus tenho que ficar a sós - A linguagem própria nos santuários.* In: Seminário Internacional, 2001, Curitiba. Caderno de Resumo, 2001.

ROSENDAHL, Zeny. (Org.) ; CORRÊA, R. L. (Org.) . *Paisagem, Imaginário e Espaço..* 1. ed. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001. v. 1. 288 p.

ROSENDAHL, Zeny. (Org.) ; CORRÊA, R. L. (Org.) . *Religião, Identidade e Território..* Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001

ROSSI, Aldo. *A arquitetura da cidade.* Martins Fontes, São Paulo, 1995

SANCHIS, P. *Festa e Religião Popular: As Romarias de Portugal.* Revista Vozes, ano 73, v. LXXIII, n. 4, maio 1979.

RYKWERT, Joseph. "A idéia de cidade: a antropologia da forma urbana em Roma, Itália e no mundo antigo". São Paulo: Ed. Perspectiva, 2006.

SANTOS, Milton; SOUZA, Maria Adélia A.(org.). *A construção do espaço.* São Paulo: Nobel, 1986.

SENNETT, Richard. *Carne e Pedra: o corpo e a cidade na civilização ocidental.* 2ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2001.

SILVA, A. A. da. *Jesus Cristo: luz e libertador do povo afro-americano,* in: SILVA, A. A. da (Hrsg.) *Existe um pensar teológico negro?* São Paulo, Paulinas, 1998, 37-74.

SILVA, José Wilson Correia da. *A beleza do corpo: uma apreciação do Cântico dos Cânticos a partir do corpo*. São Paulo, Paulinas, 1997.

SÃO PAULO (Estado). Eletropaulo. *Memória Especial. Vida, Morte, Vida do Tietê: a história de um rio de São Paulo*. São Paulo: Eletropaulo, 1992

SÃO PAULO (Estado). Secretaria do Meio Ambiente – SMA. *A água no olhar da história*. São Paulo: A Secretaria, 1999. 142p.

SIQUEIRA, Deis & BANDEIRA, Lourdes. *O Profano e o Sagrado na Construção da “Terra Prometida”*. In: NUNES, Brasilmar Ferreira (org.). *Brasília: A Construção do Cotidiano*. Brasília: Paralelo 15, 1997.

SOUSA, Alberto. *Os Andradas*. (acervo do historiador Waldir Rueda) - volume III, com ortografia atualizada (páginas 507 a 530, e Advertência na página 538). Ed. Typographia Piratininga, 1922

SOUZA, João Carlos de. *O caráter religioso e profano das festas populares: Corumbá, passagem do século XIX para o XX*. Rev. Bras. Hist., 2004, vol.24, no.48, p.331-351

STEIL, Carlos Alberto. *O Sertão das Romarias: Um estudo antropológico sobre o Santuário de Bom Jesus da Lapa – Bahia*. Petrópolis, Vozes, 1996.

TURNER, Victor. *O processo ritual: estrutura e anti-estrutura*. Petrópolis, Vozes, 1974.

VAN GENNEP, Arnold. *Ritos de passagem* : Estudos sistemático dos ritos da porta e da soleira, da hospitalidade, da adoção, gravidez e parto, nascimento, infância, puberdade, iniciação, ordenação, noivado, casamento, funerais, estações, etc. Petrópolis: Editora Vozes, 1978.

Fontes diversas:

- Acervo Geral da Casa da Cultura de Pirapora do Bom Jesus
- Arquivo do Estado de São Paulo – Inventários e Testamentos – v. XIV p. XXXVII. São Paulo, 1625.
- Arquivo da Cúria Metropolitana de São Paulo. Livro Tombo de Parnaíba, 2-2-9, p. 127. São Paulo, 1638.

- Enciclopédia Brasileira dos Municípios – IBGE. São Paulo, 1958.
- Mapa do município de Pirapora do Bom Jesus - escala 1:100000, base 1940.
Fonte: IGC – Instituto Geográfico e Cartográfico.
- Mapa físico-político do município de Pirapora do Bom Jesus - escala 1:25000, base 1981.
Fonte: EMPLASA - Empresa Paulista de Planejamento Metropolitano SA.
- Mapa físico-político do município de Pirapora do Bom Jesus - escala 1:10000, base 1994.
Fonte: EMPLASA - Empresa Paulista de Planejamento Metropolitano SA.
- Mapa físico-político do município de Pirapora do Bom Jesus - escala 1:10000, base 1996.
Fonte: EMPLASA - Empresa Paulista de Planejamento Metropolitano SA.
- Mapa do Estado de São Paulo - base 2006.
Fonte: MULTIMAPAS
- Municípios e Distritos do Estado de São Paulo - PIRAPORA DO BOM JESUS. São Paulo, 1995.
Fonte: IGC – Instituto Geográfico e Cartográfico.
- Par Estereoscópico de fotografias de Levantamento Aerofotogramétrico. São Paulo, 1962.
Fonte: AFA – Arquivo de Fotografias Aéreas do Departamento de Geografia da FFLCH-USP.
- Plano Diretor Físico-Territorial de Pirapora do Bom Jesus – SP
Governo do Estado de São Paulo, 1980.
- PDDI: Plano Diretor de Desenvolvimento Integrado de Pirapora do Bom Jesus
Governo do Estado de São Paulo, 1982.
- PMDI-GSP: (Plano Metropolitano de Desenvolvimento Integrado da Grande São Paulo

Governo do Estado de São Paulo, 1984.

- Plano Diretor Municipal de Pirapora do Bom Jesus – v. I e II
Governo do Estado de São Paulo, 2004.
- PREFEITURA MUNICIPAL DE PIRAPORA DO BOM JESUS.
Pirapora do Bom Jesus: 1º Santuário Cristocêntrico do Brasil
agosto de 1996.

Sites:

1. Estações Ferroviárias(sobre a E.F. Perus a Pirapora)

www.estacoesferroviarias.com.br

2. União das Escolas de Samba Paulistanas

www.uesp.com.br

- “Samba Paulista: do centro cafeeiro ‘a periferia do centro” por Marcelo Manzati (historiador)

3. Site Oficial da cidade de Pirapora do Bom Jesus

www.piraporadobomjesus.sp.gov.br

4. Releituras(textos de apoio sobre Pirapora do Bom Jesus)

www.releituras.com

5. Site Oficial da cidade de Barueri

www.barueri.sp.gov.br

6. OUTRA - Revista Eletrônica de História

www.revistaoutra.com.br

2004, nº01 – ISSN: 1807-0183, pág 42/47

7. Ancestry.com

www.rootsweb.ancestry.com/~brawgw/parnaiba/

Genealogia e História de Sant'Anna do Parnayba
2002

Anexos

Anexo 1. Romaria Santo Amaro à Pirapora do Bom Jesus – Imagens

Rua Brasílio Luz, Santo Amaro (SP) - 2008
Concentração dos Romeiros
Associação Santamarense dos Romeiros do Senhor Bom Jesus de Pirapora
Fonte: Alexandre Nascimento Salles

Largo Bonneville x Rua Brasilão da Luz Santo Amaro (SP) - 2008
Concentração dos Romeiros – Preparação das Montarias
Associação Santamarense dos Romeiros do Senhor Bom Jesus de Pirapora
Fonte: Alexandre Nascimento Salles

Largo Bonneville Santo Amaro (SP) - 2006
Concentração dos Romeiros
Associação Santamarense dos Romeiros do Senhor Bom Jesus de Pirapora
Fonte: Alexandre Nascimento Salles

Largo Bonneville, Santo Amaro (SP) - 2006
Preparação do Automóvel de Transporte da imagem de Bom Jesus
Associação Santamarenses dos Romeiros do Senhor Bom Jesus de Pirapora
Fonte: Alexandre Nascimento Salles

Largo Bonneville, - Santo Amaro (SP) 08
Associação Santamarense dos Romeiros do Senhor Bom Jesus de Pirapora
Fonte: Alexandre Nascimento Salles

Largo Bonneville, Santo Amaro (SP) - 2008
Preparação do Automóvel de Transporte da imagem de Bom Jesus
Associação Santamarense dos Romeiros do Senhor Bom Jesus de Pirapora
Fonte: Alexandre Nascimento Salles

Largo Bonneville x Av. Sto. Amaro, Santo Amaro (SP) - 2008
Início do Cortejo dos Romeiros
Associação Santamarense dos Romeiros do Senhor Bom Jesus de Pirapora
Fonte: Alexandre Nascimento Salles

Largo 13 de Maio, Santo Amaro (SP) - 2008
Cortejo dos Romeiros
Associação Santamarense dos Romeiros do Senhor Bom Jesus de Pirapora
Fonte: Alexandre Nascimento Salles

Largo 13 de Maio e Rua Amador Bueno, Santo Amaro (SP) - 2008
Início do Cortejo dos Romeiros
Associação Santamarense dos Romeiros do Senhor Bom Jesus de Pirapora
Fonte: Alexandre Nascimento Salles

Usina de Traição – Av. Nações Unidas (SP) - 2008
Parada dos Romeiros. Ao fundo, o Shopping Cidade Jardim
Associação Santamarense dos Romeiros do Senhor Bom Jesus de Pirapora
Fonte: Alexandre Nascimento Salles

Usina de Tração – Av. Nações Unidas (SP) - 2008
Transição de Trajeto dos Romeiros da Usina de Tração para margem do Rio Pinheiros.
Associação Santamarense dos Romeiros do Senhor Bom Jesus de Pirapora
Fonte: Alexandre Nascimento Salles

Marginal Pinheiros (SP) - 2008

Trajetos dos Romeiros na margem do Rio Pinheiros, próx. À Ponte Cidade Jardim.

Associação Santamarense dos Romeiros do Senhor Bom Jesus de Pirapora

Fonte: Alexandre Nascimento Salles

Marginal Pinheiros (SP) - 2008

Trajetos dos Romeiros na margem do Rio Pinheiros, próx. À Ponte Eusébio Matoso.

Associação Santamarense dos Romeiros do Senhor Bom Jesus de Pirapora

Fonte: Alexandre Nascimento Salles

Acesso à Rod. Presidente Castelo Branco (SP) - 2008
Fim do Trajeto dos Romeiros na margem do Rio Pinheiros
Associação Santamarense dos Romeiros do Senhor Bom Jesus de Pirapora
Fonte: Alexandre Nascimento Salles

Rod. Presidente Castelo Branco- Osasco (SP) - 2008
Placa de Sinalização Eletrônica de aviso de Romeiros na Pista.
Associação Santamarense dos Romeiros do Senhor Bom Jesus de Pirapora
Fonte: Alexandre Nascimento Salles

Av. Presidente Kennedy – Osasco (SP) - 2008
Trajeto dos Romeiros na Região de Osasco
Associação Santamarense dos Romeiros do Senhor Bom Jesus de Pirapora
Fonte: Alexandre Nascimento Salles

Pirapora do Bom Jesus - 2006

Romeiros

Associação Santamarense dos Romeiros do Senhor Bom Jesus de Pirapora

Fonte: Alexandre Nascimento Salles

Anexo 2. Pirapora do Bom Jesus – Imagens da Cidade

Matriz de Pirapora do Bom Jesus - 2007
Imagens Internas e Externas
Associação Santamarense dos Romeiros do Senhor Bom Jesus de Pirapora
Fonte: Alexandre Nascimento Salles e Sylvio Camparini

Pirapora do Bom Jesus - 2007

Foto 01: Rodoviária de PBJ \ Foto 02 e 03: Casa da Cultura de PBJ

Foto 04: Centro de PBJ \ Foto 05: Funerária Bom Pastor

Foto 06: Centro de PBJ – Lojas de Lembranças \ Foto 07: Coreto de PBJ

Fonte: Alexandre Nascimento Salles

Pirapora do Bom Jesus - 2007

Foto 01: Seminário Premonistense e EMEF de PBJ \ Foto 02: Acesso ao Seminário Premonistense

Foto 03: Placa Indicativa Museu e Gruta \ Foto 04: Vista de Pirapora a partir do Seminário

Foto 05: Placa Indicativa Gruta

Fonte: Alexandre Nascimento Salles

Pirapora do Bom Jesus - 2007

Foto 01 e Foto 02: Mini- Capela – Estrada dos Romeiros

Foto 03: Acesso ao Cemitério Municipal \ Foto 04: Cancelas de Controle de Acesso de Grandes Veículos

Foto 05: Relicário à beira da Estrada

Fonte: Alexandre Nascimento Salles

Pirapora do Bom Jesus - 2007

Foto 01 e Foto 02: Comércio Local - Centro de PBJ

Foto 03: Piso Inferior Praça Central \ Foto 04: Hotéis de PBJ (em estado precário)

Foto 05: Feira de Artesanato ao lado da Matriz de PBJ

Fonte: Alexandre Nascimento Salles

Pirapora do Bom Jesus - 2007

Foto 01 e Foto 02: Praça Central de PBJ (pisos inferior e exterior)

Foto 03 e Foto 04: Casa de Samba “Honorato Missé”

Fonte: Alexandre Nascimento Salles

Anexo 3. Estrada de Ferro Perus-Pirapora – Imagens

Foto 01: Guincho manual da EFPP, encostado juntamente com um pequeno tender de locomotiva a vapor. Foto de Sérgio Martire, datada de 1975.

Foto 02: Estação de Perus, anos 50, quando uma procissão passa pela estação e ao longe um trem passa na curva. Foto da Coleção Nilson Rodrigues.

Foto 03: Vagão-box fora de uso, transformado em alojamento para o pessoal que trabalhava no local de extração de argila no km. 6,5 – Foto de Sergio Martire.

Foto 04: Trecho da via no km. 7,5 sentido Perus-Cajamar, mostra os cortes típicos da EFPP: Verticais, feitos a picareta na piçarra, estreitos e com bom assentamento de trilhos e dormentes. O bom estado da via sempre foi um dos pontos altos da EFPP, que ao longo dos anos teve poucos descarrilamentos Foto: Juarez Spalleta, da Coleção Nilson Rodrigues

Pátio de Cajamar

Foto 01: Escavadeira da EFPP no Km 6,5 retirando argila para o cimento – Foto de Sergio Martire

Foto 02 : Moedor ou triturador de pedras que existia em Cajamar
(de onde as pedras eram retiradas das minas distantes da ferrovia
e jogadas no triturador para padronizá-las e em seguida carregava os vagões
os quais seguiam para Perus), pode-se ter uma idéia do trabalho na EFPP.
O ar carregado chega a prejudicar até a qualidade das fotografias. Foto de Sergio Martire em 1970.

Foto 03: Moedor ou triturador de pedras que existia em Cajamar
.Pertence à edição 7 da revista japonesa kemuri-pro, em artigo de Charles Small.

Pátio de Gato Preto da EFPP

Mapa resumido do pátio de Gato Preto, adaptado de mapa publicado no Brazilian Steam Album nº 1.
A rodovia principal está em cinza, e as estradas de terra em amarelo.

Pátios de Cajamar e Perus da EFPP

Foto 01: Moedor ou triturador de pedras que existia em Cajamar (de onde as pedras eram retiradas das minas distantes da ferrovia e jogadas no triturador para padronizá-las e em seguida carregava os vagões os quais seguiam para Perus), pode-se ter uma idéia do trabalho na EFPP.

O ar carregado chega a prejudicar até a qualidade das fotografias.

As fotos a cores em Cajamar foram feitas por Sergio Martire em 1970.

Foto 02: Imagem que mostra o pátio de Perus, com uma composição partindo.

A foto original foi publicada no nº 7 (páginas de 57-95) da revista "SL" (Steam Locomotives), publicada pela editora "Koyusha"-Japão . Os autores do artigo são Kemuri Pro e Charles S. Small (americano).

Foto pertencente à coleção de Nilson Rodrigues

Pátio de Gato Preto da EFPP

Foto 03: Pátio de Gato Preto da EFPP, em foto de Guido Mota em 1971.

Notar que o classificador / carregador de pedra britada estava em operação.

Na parte superior aparece a casa do britador. As locomotivas (ou restos delas) são, da esquerda para a direita, da locomotiva nº 2 (2ª), uma 2-6-0ST+T chamada de "Florindo Beneducci" - só o langerão; a locomotiva nº13, uma 2-6-0 sem rodas e a locomotiva nº 9, uma 2-6-2, esta com cabine e langerão + as rodas.

A EFPP (ou CBCPP) era especialista em comprar locos que muitas vezes não eram adequadas ao traçado da ferrovia: a nº 13, por exemplo, operou durante muito pouco tempo, pois era muito grande para o traçado da EFPP; a nº 9 era uma locomotiva muito alta e era "inside-frame" ou langerão interno, o que a tornava perigosa para o traçado.

Foto 04: Locomotiva nº3 (Dr Jambeiro) em Gato preto. Foto de 1914

Pátio de Gato Preto da EFPP

Foto 01: Pátio do Gato Preto, no início de operações da CIEFPP.

A Caieira, à direita, já existia quando o complexo foi implantado.

Os novos fornos (5) eram servidos pela ferrovia em 3 níveis: o superior, recebia da pedreira da Bocaina o cal, que era transportado em vagonetes cujas caçambas basculavam para a frente, para descarga direto no forno; o intermediário, onde eram alimentados os fornos com madeira a ser queimada; e o inferior, onde saía o produto final pronto.

Nesta foto, no fundo à esquerda, está sendo construído um 6º forno que aparentemente teve vida curta, já que em 1945 a Anhanguera foi construída exatamente ali. Notar também o viaduto metálico de ligação da pedreira com os fornos. Foto de 1914, coleção Nilson Rodrigues.

Foto 02: Locomotiva nº 2, PARNAHYBA, cruzando o rio Juqueri, em direção a Gato Preto. Composição típica do início da ferrovia

Equipamentos

Foto 03: Ponte metálica que ligava a pedreira com os fornos, destruída quando da construção da Via Anhanguera. Foto de 1914.

Foto 04: de C. S. Small, publicada no Brazilian Steam Album, mostra o último forno em Gato Preto e ao lado o seu desenho esquemático, com os 3 níveis da ferrovia. Esse forno, evidentemente desativado, existe até hoje.

Foto 05: de Sergio Martire - Britador existente em Gato Preto.

Equipamentos Gato Preto

Foto 01: Desenho Esquemático do Britador existente em Gato Preto.
Pode-se observar o esquema de carregamento das pedras que
seriam transformadas em brita, também com os trilhos atingindo 3 níveis.

Foto 02: Desenho esquemático do último forno em Gato Preto com os 3 níveis da ferrovia. Esse forno, evidentemente desativado, existe até hoje.

Estações da EFPP

Foto 01: Estação de Perus. Montagem do autor a partir de foto em artigo originalmente publicado no nº 7 (páginas de 57-95) da revista "SL" (Steam Locomotives), publicada pela editora "Koyusha"-Japão

Foto 02: Oficinas de Gato Preto, algumas das primeiras locomotivas da Estrada de Ferro Perus a Pirapora. Foto de Sergio Martire, datada de 1954.

Foto 03: Vista da estação ENTRONCAMENTO. De acordo com Nilson Rodrigues, a única estação verdadeira da EFPP era o "Entroncamento" (nome dado à estação em função de ser, segundo o projeto, ponto de partida do ramal de Pirapora). A foto foi cedida pelo sr. José Machado, que foi durante muitos anos (e provavelmente um dos últimos) chefe da estação, que também era sua residência. Observem que neste festivo dia, toda a família do sr. Machado está reunida no saguão da estação. O sr. José Machado está de camisa branca, em frente à porta. Sua esposa está à direita, com a "caçula" ao colo. Nota: toda a família se locomoveu de Perus até aí de trem, claro. Cópia pertencente à coleção de Nilson Rodrigues.

Estações da EFPP

Foto 04: Estação do Entroncamento, em foto de 1982. Deste ponto, provavelmente partiria o ramal para Pirapora. Originalmente a estação era prevista com um triângulo de reversão. À época da foto, a estação já estava desativada e os trilhos já haviam sido removidos. Foto pertencente à coleção de Nilson Rodrigues.

Foto 05: Cruzamento da EFPP com a rodovia que liga Cajamar à Via Anhanguera. O trem está indo em direção a Perus, com uma carga de calcário para a fábrica. Essa estação, denominada "Campos", era utilizada quando ainda existia a ligação Perus-Gato Preto, que foi erradicada aproximadamente em 1956. Após isso, a estação perdeu sua função. Foto de Sérgio Martire. No lado direito da foto, de camisa branca, está Charles Small.

Foto 06: Cruzamento da EFPP com rodovia. Foto de Sérgio Martire

Cenas e Imagens das Operações na linha da EFPP

Foto 01: Ponto de parada do km.5 da EFPP, mais conhecida como "Pátio do Corredor".

Esse pátio era composto por 3 linhas paralelas à linha tronco, além de um triângulo de reversão em um dos extremos. O pátio era utilizado como ponto de parada das composições que vinham de Cajamar.

Como o aclive até a fábrica era acentuado, com até 3%, ou se dividia a composição ao meio e a locomotiva voltava depois para buscar o restante, ou uma locomotiva ficava como "helper" e auxiliava nesse trecho, mantendo-se a composição inteira. (Normalmente a composição era formada por 18 gôndolas de minério ou 9 a 10 gôndolas de argila.

Naturalmente, o número de composições de argila era menor. Foto: Nilson Rodrigues – 1982

Foto 02: Locomotiva nº 7 recebendo água, no pátio do Corredor, km 5. Ao fundo vê-se uma composição de minério parada.

Foto 03: Vista composição de minério cruzando o km. 6,5, no local de extração de argila. Desse grande corte de terra era retirada a argila para adição ao cimento. Os últimos vagões chegam a inclinar-se bastante para fazer a curva. Sergio Martire.

Cenas e Imagens das Operações na linha da EFPP

Foto 04: Composição carregada de minério trafegando na ferrovia. Sergio Martire.

Foto 05: Trata-se de uma visita de autoridades e de um grupo de canadenses durante o início das obras da "Brazilian Portland Cement Co.", em Perus. É marcante a presença do vagão-tanque da Texas-Mex com a famosa cruz-suástica invertida...A linha que passa por trás do vagão-tanque é a atual linha da CPTM que liga Perus-Caieiras.

Foto de Alexandre Garcia, datada de agosto de 1923.

Foto 06: Fábrica de cimento - vista dos trilhos da EFPP colocados no pátio da Fábrica.

Notar a utilização de dormentes de concreto já naquela época, comprovando que essa é uma técnica antiga, mas só recentemente vem sendo empregada nas ferrovias nacionais. Foto de Alexandre Garcia, datada de agosto de 1930.

Cenas e Imagens das Operações na linha da EFPP

Foto 01: Locomotiva nº. 13, que é a primeira da esquerda, ao lado de várias outras da primeira fase da ferrovia (1ª máquina à direita) e da segunda fase (as duas locos do meio, entre as quais a Alco Cooke nº 3).
Foto pertencente à coleção de Nilson Rodrigues.

Foto 02: Locomotiva nº 7 chegando a Cajamar.
Notar a formação da composição. Foto de Sergio Martire, datada de 1975.

Foto 03: Locomotiva 16 da EFPP nesse mesmo pátio, aguardando liberação para tracionar a composição.

Cenas e Imagens das Operações na linha da EFPP

Foto 04: Locomotivas 5 e 14 no barracão existente até hoje no pátio de Cajamar. Ao lado, composição de gôndolas Magor carregadas prontas para a viagem até Perus.

Foto 05: Carro de passageiros utilizado como carro cauda nas composições. Esse carro existe até hoje, parado quase que nesse mesmo local.

Foto 06: Desvio Perto de Cajamar. Notar o estado irregular dos trilhos. Foto de 1981.

Anexo 4. Romarias Tradicionais de Pirapora do Bom Jesus_– Textos e Imagens

1. Caucaia do Alto

Nas brumas do passado do baú de memórias de cada família participante, ficou a exatidão do momento inicial da Romaria de Caucaia do Alto e bairros vizinhos à Pirapora do Bom Jesus. A tradicional peregrinação contou desde o começo com uma mobilização civil, que foi se sofisticando com o passar dos tempos, até chegar à sociedade civil sem fins lucrativos que hoje constitui.

Os segmentos que compõem a romaria são: pedestres, ciclistas, charreteiros, cavaleiros, máquinas agrícolas, motoqueiros, jeeps e os veículos de apoio. Cada bloco tem um encarregado (usa faixa identificativa no braço) que vai à frente junto com a bandeira, e um culatreiro (de camiseta vermelha) que encerra o segmento. O roteiro entre Caucaia e Pirapora é de aproximadamente 70 quilômetros.

Com todo esse aparato e a retaguarda de carros de apoio: pipa, com veterinário, ambulância, polícia e caminhões do "prego" (para onde apelam os exaustos), os romeiros seguem à partir de sexta feira à noite e no decorrer da madrugada de sábado, rumo a Pirapora do Bom Jesus, repetindo a tradição de seus pais, tios e avós, numa demonstração inequívoca da cristalização de costumes cristãos antigos, que acreditam concretizar na jornada terrestre um paralelo à passagem do homem por este mundo rumo à eternidade, suportando todas as provações caminho. Um momento único, sem igual no mundo moderno.

O que se apurou com os antigos da vila, dão conta que nos idos de 1938 quatro amigos se juntaram aos romeiros de São Roque para irem à cavalo até Pirapora, participarem de uma missa e voltarem à Caucaia.

Em 1939 os amigos repetiram a caminhada com os são-roquenses. Os caucaianos os esperavam em Araçariguama e prosseguiram juntos até Pirapora.

Em abril de 1940, animados pelas peregrinações anteriores, e repletos das bençãos recebidas, Pedro Borges (Caucaia do Alto), Antonio Carrero (Caucaia do Alto), Benedito Pires (Água Espriada) e Durval Rocha (Vargem Grande Paulista) decidiram fundar oficialmente a primeira romaria de Caucaia do Alto à Pirapora do Bom Jesus, levando uma bandeira nominativa, bordada em azul e branco por dna. Chiquinha Noronha.

Começava assim a epopéia religiosa do lugarejo, de tradição cavaleira. Ano após ano pessoas se integravam a Romaria, buscando suas bençãos. Cada um levava seu farnel com comida e água nos cavalos, já que nos caminhos de terra dificilmente encontrariam onde se alimentar.

Em 1945, João Pires Justo aderiu ao cortejo manejando seu carroção de carga, puxado por 6 animais. Uma mulher cavaleira se juntou ao grupo em 1948, Dna. Tonica.

Em 1950 Batista Ribeiro liderou um grupo de 10 pessoas criando o segmento dos pedestres. Logo em 1952 foi a vez de participar a primeira romeira pedestre: Doracy Bleinat Andrade Mendes.

O primeiro trator entrou na peregrinação em 1954, de propriedade da família Cândido Pinto (foto). Seu neto até hoje comparece à romaria, sempre nas máquinas agrícolas.

Em 1955 Dulce Pires de Jesus, Narciza Pires Spinoza, Merquides Pires de Oliveira e Conceição Aparecida Lopes se juntaram aos cavaleiros. Apesar de em número reduzido, as mulheres que entraram na ala cavaleira nesse ano foram unânimes em afirmar o clima de companheirismo e solidariedade, sem nenhum tipo de segregação por parte dos romeiros. Nesse ano, também iniciou-se o segmento dos ciclistas, ponteados por Quintino e Otávio do Carmo, com uns doze participantes.

No ano seguinte, 1956, pela primeira vez um padre acompanhou a romaria, Pe Luís Martins, da paróquia de Cotia, que foi de jeep até Pirapora. Ainda em 1956, o futuro presidente 2000 da Associação que gere a romaria, Roque de Jesus Justo, começou a participar da jornada de bicicleta com 11 anos à época.

Em 1960, em respeito a morte de Luiz Manoel de Oliveira, conhecido como Coronel, não houve fogos de artifícios na saída da romaria. Nesse ano ainda, os pedestres tentaram um caminho em melhores condições indo por Itapevi, e acabaram se perdendo por muitas horas.

Em 1963 as primeiras mulheres ciclistas aderiram à peregrinação: Elza Tashiro e Cida do Mitiko.

No ano de 1969, começa a participar da romaria de bicicleta o José Carlos Coelho, que uma década depois criaria oficialmente o segmento das motos. Zé Coelho lembra-se que quando ia de bicicleta, havia uma disputa entre os rapazes, para ajudar as meninas empurrarem suas "magrelas" nas subidas

Em 1970 Ernestino Neves do bairro dos Ribeiros, já participava com motocicleta da romaria, misturado aos outros segmentos, até que em 1979 as motos foram incorporadas oficialmente como segmento, com 9 participantes; ainda iam pela estrada de terra; em 1980 foi mudado o itinerário dos mesmos pelo grande número de participantes; a liderança era de José Carlos Coelho. Lelio e Luís Cláudio também eram encarregados. José Carlos Coelho lembra-se de fatos pitorescos do segmento das motos, como em um ano que participavam umas 60 motos, e um tenente da Polícia rodoviária com seu comando os parou na Castelo, e não queria deixá-los prosseguir, pois não tinham autorização para trafe-gar em grupo pela estrada. Depois de muita conversa e negociação, e vendo que os romeiros motociclistas não iam voltar para trás, o tenente liberou a ida, mas disse que se voltassem pela ro-dovia em bando seriam presos. o segmento então, quando retornou de Pirapora, veio em grupos de 3 ou 4 motos.

Em 1980, ao comemorarem os quarenta anos de romaria, o presidente Pedro Vaz sugeriu um show para comemorar a data com alguma coisa diferente. Fernando Pires ajudou a organizar, e aí iniciou-se a época dos shows de chegada em Caucaia. Esse primeiro foi de Sérgio Reis.

Quando Fernando Pires, o Nando, assumiu a presidência da romaria, foi aperfeiçoada a estrutura de diretoria que organizava a caminhada. Em 1981 o jornal Estado de São Paulo noticiava a 41ª Romaria em 11 de abril com 4000 participantes. Ainda a partir de 1981 começa a documentação formal da preparação da jornada, com atas de reuniões.

À partir dessa época, a romaria passaria a acompanhar os temas da Campanha da Fraternidade da igreja como sendo seus lemas; além da devoção, se inicia um processo de reflexão dos temas que envolvem a igreja. Em 1984, por sugestão de Lúcia Torrezani, incorporou-se ao apoio o primeiro caminhão do prego feminino.

No ano de 1986, uma boiada fez os pedestres correrem de medo e de susto nas proximidades da Fazenda Butantã. Em 1990 foi realizada a exposição histórica sobre os 50 anos da romaria na EESPG Sidrônia Nunes Pires. Foi doada uma placa co-memorativa fixada em Pirapora do Bom Jesus, com os nomes dos fundadores e dos presidentes das romarias de Caucaia do Alto.

À partir da gestão de Roques Pires de Jesus Justo, foi estruturada definitivamente a Associação que gere os assuntos de romaria, com estatutos e conselhos. Em 1999, além da imagem da Imaculada Conceição, foi reintegrada a do Bom Jesus, emprestada por são-roquenses. Em 2000, a imagem do Bom

Jesus foi doada para Caucaia do Alto, integrando-se definitivamente à romaria de Caucaia do Alto e bairros vizinhos a Pirapora do Bom Jesus. Neste ano o lema foi "Dignidade Humana, um novo milênio sem exclusão".¹

2. Salto de Pirapora

Foto acima: Waldemar Ladeira (esq.), Wagner Formigoni, José Garcia e Zé Potinho, s/d.

O texto e as imagens que apresento hoje são frutos dos esforços de Marco “Manaia” Vicente, que nos enviou, há algumas semanas, material alusivo à Romaria de Salto a Pirapora do Bom Jesus, como fotos da década de 1950 e 1960, e um texto por ele redigido, intitulado “Ao som de clarins, surge uma história” – relato emocionado da história dos romeiros a partir da Banda de Clarins. O que segue é nosso exame desse material.

Em abril de 1953, um grupo de amigos se reuniu para organizar uma romaria com destino a Pirapora do Bom Jesus – a I Romaria de Salto a Pirapora do Bom Jesus – tendo à frente do grupo Ettore Birello, como presidente; e João Leopoldino, como vice. Nessa ocasião, a diretoria já formada convidou José Dalla Vecchia, então com 13 anos de idade, para agradecer, com o toque do clarim, tanto a saída como a chegada dos romeiros – tradição musical que persiste até os nossos dias, tendo ocorrido a 55ª edição da Romaria neste ano.

¹ Texto extraído do site: www.cotianet.com.br/caucaia/, de autoria de Cristiana Oka e Afonso Roberto, de setembro de 2000.

Na segunda Romaria, em 1954, José Dalla Vecchia contou com a companhia de Orlando Cazzelato. Formou-se então a Banda de Clarins Nossa Senhora Aparecida. Novos clarins foram comprados em 1956. A cada ano a Banda crescia. Ao final da década de 1950, ela era composta, além dos dois nomes já citados, pelo sargento Moraes, do Quartel de Itu, e os senhores Antonio Maradine e Agostinho Augusto – além de Ade Manaia e Dorival – agregados em 1957. Ao final da década de 1970, apenas os dois pioneiros não integravam mais a Banda.

Anos mais tarde, com a compra de mais seis clarins, ingressaram os romeiros Arnaldo, Wagner Formigoni, Fugolin, Jair, Chinês e Adalberto. Ao sair o sargento Moraes, ingressaram José Mariano e Osvaldo Arruda – o Jacó. Sobre este último, há que se mencionar que, por muitos anos, ele e sua mulher, Madalena, recolheram prendas nos comércios da cidade – revertidas em refeições, alojamentos, cavalos e uniformes para a Banda. Muitos ensaios ocorriam no antigo Bar da Pedra, na Rua José Galvão, ou na garagem da residência do já falecido romeiro Valter Ladeira. Quando José Dalla Vecchia saiu da Banda, assumiu o seu lugar um dos filhos de José Mariano.

Quando o presidente da Banda era Valdomiro “Cabresto” Cortês, cinco jovens – instruídos pelos autodidatas Dorival e Ade Manaia – ingressaram, com o intuito de gradativamente substituir os velhos romeiros dos clarins. Passaram ainda pela presidência, Orlando Bergamo e Clemente Andrietta. Na gestão deste último, a formação era: Ade e Marco Manaia; Dorival e Chico Currigive; Clemente, Rosano e Cláudio Andrietta. Com outras idas e vindas em sua formação, houve um longo período em que Ade Manaia, sozinho, empunhou o estandarte da Banda.

Além da Romaria, propriamente, os entusiastas dos clarins também têm presença freqüente nos funerais de autoridades, pessoas de destaque e de antigos romeiros. Essa participação, nas palavras de Marco Manaia, se dá “minutos antes de partirem para a derradeira morada, [quando homenageia-se o falecido, com um choroso toque de clarim, ao som da melodia Silêncio (Il Silenzio, de Nino Rosso, Itália/1965), executada por Ade Manaia.

A Banda de Clarins em ação: José Dalla Vecchia, Fugolin, Ade Manaia, Torero, Antonio Maradine e Antonio Augusto.

NOME DA ROMARIA	DATA
JANEIRO	
Romaria Corvos MC	27/01/08
FEVEREIRO	
Romaria Paulinia Pedais da Fé	23/02/08
MARÇO	
Romaria de Santa Luzia Vila Barreto de Mairinque	08/03/08
Romaria de Itupeva	29/03/08
ABRIL	
Romaria de Santo Expedito da Vila do Minerio	12/04/08
Associação dos Romeiros de Porto Feliz	12/04/08
Romaria Amigos do Bairro do Engordadouro de Jundiá	19/04/08
Associação dos Romeiros de Salto	19/04/08
Associação Santamarense do Romeiros do Senhor B. Jesus	19/04/08
Romaria a pé de Mairinque ao Santuário de Pirapora	20/04/08
Romaria de Atibaia	26/04/08
Associação dos Romeiros de Caucaia a Pirapora	26/04/08
Sociedade Cívica e Rel. dos Cavaleiros de São Jorge	30/04/08
MAIO	
Romaria do Bairro Bom Jardim de Jundiá	03/05/08
Romaria de Pedestres Masculina da Vila Arens de Jundiá	10/05/08
Romaria Diocesana de Jundiá	17/05/08
JUNHO	
Cavaleiros de São Jorge - Mairinque	07/06/08
Romaria de Vargem Grande Paulista	14/06/08
JULHO	
Associação dos Romeiros de Monte Mor	11/07/08
Associação dos Romeiros de Indaiatuba	19/07/08
Romaria de Pedestres Mista da Vila Arens de Jundiá	19/07/08
Romaria de N. Sra. dos Prazeres de Itapeçerica da Serra	26/07/08
AGOSTO	
Associação dos Cavaleiros de Cabreúva	09/08/08
Romaria de Pedestres de N. Sra. do Ó	10/08/08
Romaria do Jardim Santa Isabel de Cotia	16/08/08
Romaria a Pé do Jardim Maracanã a Pirapora	17/08/08
Romaria de Santa Maria	30/08/08
SETEMBRO	
Romaria da Granja Viana	27/09/08
OUTUBRO	
Romaria da Cohab de Taipas em São Paulo	11/10/08
Romaria de N. Sra. Aparecida	11/10/08
Romaria Mista de Jundiá a Pirapora	25/10/08
NOVEMBRO	
Romaria dos Bairros de Cabreúva	08/11/08

PIRAPORA DO BOM JESUS - TURISMO RELIGIOSO
Romarias no 1º e 2º. semestres (aos sábados e domingos)